

ANAIS DO VI ENCONTRO REGIONAL
DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL – ABRAPSO - SP

**EMANCIPAÇÃO E/OU BARBÁRIE?
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL**

DE 03 A 06 DE JULHO DE 1996
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP

A Associação Brasileira de Psicologia Social- ABRAPSO, fundada em julho de 1980, tem por objetivo incentivar a troca de informações entre pesquisadores na área psicossocial, promovendo eventos e publicações que visem o desenvolvimento da psicologia social, dentro de uma postura crítica e compromissada com a transformação social.

Psicologia & Sociedade é uma publicação científica da ABRAPSO. Sua periodicidade é semestral e tem por objetivo a divulgação de trabalhos e pesquisas em psicologia social e áreas afins. A revista está aberta a assinaturas. Os interessados poderão também adquirir exemplares avulsos.

Para informações sobre como associar-se e adquirir exemplares da Revista:

Rua Monte Alegre 984 – 4º. andar - sala 415

Cep 05014-901

Telefax: (011) 873.2385

Diretoria da ABRAPSO São Paulo

Vice-presidência

Cecília Pescatore Alves

Tesouraria

Monica L.B.Azevedo

Secretários

Omar Ardans

Marlito de Souza Lima

Paulo Roberto de Camargo

Índice

Conferências	5
Mini-conferências	7
Mesas-redondas	9
Comunicações coordenadas	41
Comunicações orais	55
Painel	90

CONFERÊNCIAS

**IRAY CARONE – “A EMERGÊNCIA DA CATEGORIA "INDIVÍDUO"
NAS TEORIAS ÉTICAS, A PARTIR DO SÉCULO XVII”
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Não há a menor sombra de dúvida que em A Dialética do Esclarecimento (1985) Adorno e Horkheimer apontam para a emergência histórica do indivíduo como negação da totalidade social em períodos pré-capitalistas, através das figuras dos dois "náufragos prototípicos", Ulisses e Robinson, como solitários astuciosos que encarnam o princípio burguês da troca de equivalentes. No entanto, os mesmos autores afirmam, na obra Temas Básicos de Sociologia (1973), posterior à Dialética, que "não é mero acidente portanto que só por volta do século XVIII a palavra "indivíduo" tenha passado a designar o homem singular, e que a própria coisa não seja muito mais antiga do que a palavra, dado que só começou a existir nos alvares do Renascimento (p.52).

Em contas resumidas, podemos dizer que o indivíduo burguês, com as propriedades da astúcia, egoísmo, individualismo possessivo etc., já existia antes mesmo de ser configurado como unidade lógica da vida social. Se ele existia, existia na contravenção do pensamento ético-político dominante que estabelecia o primado da totalidade comunitária sobre os elementos individuais, que configurava o homem como "animal social" que só alcançaria o desenvolvimento de sua espécie genética muda (ao nascer) no intercâmbio social. O pensamento clássico foi responsável pela construção da figura unitária indivíduo-cidadão e pela inseparabilidade entre os domínios ético e político, razão pela qual as chamadas virtudes éticas eram consideradas virtudes cívicas a favor do desenvolvimento do "ethos" e da "polis". É verdade que outras éticas, de cunho individualista, surgiram na metade do século V AC através da sofística tardia que defendia a separação entre a moralidade individual e a legalidade social, em prol dos direitos individuais - mas não tiveram o prestígio e a dominância das chamadas éticas comunitárias ou do homem enquanto "animal social".

A grande transformação histórica que separou, em definitivo, os espaços ético e político, se tomou patente nas teorias éticas do século XVII, ou seja, nas doutrinas dos jus naturalistas. O direito à diferença, à singularidade, aos apetites egoístas e desejos do homem considerado indivíduo e não, animal social, ganhou então os foros de cidadania. Os chamados direitos naturais do homem do estado de natureza não poderiam ser aniquilados no estado de sociedade, embora pudessem sofrer algumas limitações forçadas tendo em vista o pacto de não-agressão e coexistência dos egoísmos na sociedade civil. O indivíduo surgiu, então, configurado como "homem natural", ou homem no estado de natureza. Depois do contrato social, convertido em súdito ou cidadão, sujeito de direitos, os seus direitos naturais deveriam persistir junto aos demais

direitos políticos, embora sem a amplitude anterior ao pacto social. Na verdade, essas teorias já apontavam para o risco da volta a um estado de natureza quando a sociedade não cumprisse o seu papel de segurança e proteção aos cidadãos. A quebra do pacto social, momentânea ou duradoura, terá sempre o significado de erupção regressiva do homem natural, a volta súbita ao seu estado de natureza, a formação de "multidão de indivíduos", "massas", "hordas", "guerras" dos átomos enlouquecidos em brutal colisão uns com os outros.

As teorias éticas de Hobbes e Rousseau nos mostram com clareza que o homem não é mais concebido como animal social ou gênero humano, mas sim, "homo singularis" e que a sociedade só poderá se manter se e apenas se respeitar os direitos individuais, sob o risco de provocar a reversão para o estado de natureza. Não terá sido por esta razão que mais tarde Le Bon afirmará que as massas ou multidões são inerentemente irracionais? Não esqueçamos que esse postulado sobre as massas marcou os inícios da Psicologia Social européia.

**MARY JANE PARIS SPINK – “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:
QUESTIONANDO O ESTADO DA ARTE”**
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Três décadas após a publicação do livro de Serge Moscovici intitulado "A Representação Social da Psicanálise", o campo de estudo das representações sociais tornou-se um pólo agregador da pesquisa sobre o conhecimento, entendido não como informação mas como prática social.

Tratando-se de uma abordagem sobre os aspectos simbólicos da vida social, o campo congrega pesquisadores com afiliações teóricas!epistemológicas muito diversificadas. Diante desta diversidade foi proposta a realização de um workshop sobre o estado da arte na pesquisa sobre as representações sociais, com a participação de cerca de 15 especialistas da área. O objetivo deste workshop, que será realizado em junho em Londres, é estimular um debate teórico e uma avaliação crítica da teoria e pesquisa neste campo.

Tendo sido convidada para participar deste evento, o objetivo da conferência aqui proposta é sintetizar o debate ora travado e apontar para as principais direções nas reflexões teóricas e metodológicas sobre o conhecimento social. Interessa-nos, sobretudo, situar a perspectiva que estamos desenvolvendo no Núcleo de Estudos sobre a Psicologia Social e Saúde, na PUCSP, a partir da contraposição entre os diferentes níveis! escalas em que os fenômenos simbólicos são abordados, focalizando a pesquisa sobre o imaginário social, sobre as representações entendidas como consciência compartilhada por determinados

segmentos sociais e a interanimação dialógica resultante dos processos de interação face-a-face.

MINI-CONFERÊNCIAS

INARA BARBOSA LEÃO – “AS DIFERENCIAÇÕES DOS SIGNIFICADOS DO REAL NA CONSCIÊNCIA DOS PARTICIPANTES DE UM MOVIMENTO SOCIAL REIVINDICATIVO POR TERRA”

PSICÓLOGA; MESTRE EM EDUCAÇÃO E DOUTORANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL NA PUC/SP PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Na investigação das alterações que se produziram nos processos psicológicos dos sujeitos, Técnico do INCRA e um casal de trabalhadores rurais, consideramos os principais fatores implicados na constituição dos processos psicológicos superiores e na conseqüente conformação da consciência, mas privilegiamos as variações que dependem das diferentes formas de vida ativa, ou seja, das mudanças em suas condições de vida.

Centramo-nos, então, nas variações dos processos psicológicos promovidas pelas alterações de suas atividades concretas. Estas puderam ser apreendidas por nós na atividade verbal, por ser uma das formas de comunicação das representações individuais que se altera mais rapidamente, em períodos curtos de tempo, nos permitindo assim localizar as variações produzidas nos processos mentais baseados na linguagem.

Nas primeiras entrevistas realizadas com aqueles ilhéus assentados, verificamos com quais conceitos e com que nível de categorização estes representavam a realidade vivida no processo de "luta pela terra". Nas segundas entrevistas, realizadas cinco anos após as primeiras (1988 -1993) buscamos verificar, pela alteração dos conceitos e idéias, se houve ampliação no nível de consciência, através da maior e melhor abrangência das variáveis que condicionaram e determinaram as suas vidas. Para isto analisamos separadamente os núcleos de consciência das duas entrevistas de cada um dos sujeitos.

Os discursos analisados foram expressos por nossa solicitação aos sujeitos para que nos informassem por que e como se deu o assentamento dos ilhéus, da Ilha Grande do Rio Paraná, no Mato Grosso do Sul. O motivo da sua elaboração foi, então, uma demanda externa. Isto o caracteriza como uma forma complexa de linguagem coloquial,

onde, a partir da pergunta, formula-se um enunciado ativo calcado na memória organizada, conforme o entendimento dos fenômenos que os sujeitos construíram.

Foi a localização destas palavras-núcleos nos discursos que nos permitiu apreender o significado dos fenômenos que estavam sendo pensados. Ao assimilarmos apenas o significado dominamos a experiência do grupo social ao qual o sujeito pertence, pois este especificou o fato ao representá-lo em um sistema estável de generalização comum às pessoas do grupo, o que o organizou num determinado conjunto de enlaces. Por exemplo, podemos tomar a palavra-núcleo "terra", nos diversos discursos. No do Técnico ela aparece inicialmente como propriedade privada; no discurso inicial do Assentado ela aparece como propriedade, mas seu caráter privado não é expresso: "... Nossa terra era da União". Calcada no significado, esta frase é incompreensível histórica e culturalmente, pois "nós" não somos a União Federativa e a propriedade da terra não pode ser entendida. Na segunda entrevista do Assentado este processo de pensamento se repete: "Até nós temos a terra e não temos a terra". Outra vez o significado das palavras, exclusivamente, não permite entender o pensamento.

Foi, no entanto, a recuperação do sentido das palavras-núcleos que nos permitiu entender que tipo de ação é desempenhada pelos objetos, no contexto particular constituído pelo sujeito falante. Este componente psicológico, ao interferir na constituição do significado categorial, objetual e das ações, representa as relações estabelecidas pelos sujeitos individuais entre o que gerou a ação e aquilo para o qual a ação é dirigida em busca do resultado desejado. É o que permitiu o restabelecimento da relação do motivo com o fim. São estas relações e as suas conseqüências, enquanto análise, que organizaram as ações físicas dos sujeitos que passaremos a descrever nos processos de pensamento percebidos nos três indivíduos.

OMAR ARDANS "A TEORIA MESSIÂNICA DA VERDADE. ALGUNS APONTAMENTOS A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DA OBRA DE G. SCHOLEM NO PENSAMENTO DE HABERMAS"
MESTRANDO EM PSICOLOGIA SOCIAL, PUC, SP

Em 1977 o governo da República Federal da Alemanha organizou, por intermédio de sua embaixada em Israel, uma homenagem a Gershom Scholem, por ocasião do seu 80º aniversário e convidou, para fazê-la efetiva, J. Habermas a proferir uma conferência. O mérito dessa conferência, para além do agradecimento explícito que Habermas oferece a Scholem e do qual, sem dúvida, este é merecedor, reside em que põe em evidência uma das fontes importantes do pensamento do próprio Habermas que, pela via do trabalho de Scholem, remete à mística judaica. Na introdução à coletânea brasileira em que o texto da conferência foi incluído, os organizadores e

tradutores dedicam um espaço a analisar as relações entre o pensamento de Scholem, dos cabalistas e de Habermas.

O propósito desta comunicação é, a partir dessa conferência, das remissões à obra de Scholem e a outros trabalhos de Habermas, refletir sobre essa influência que extravasou - e acredito que pode extravasar ainda mais- de maneira muito fecunda o âmbito do judaísmo e da história das religiões, como é o caso do próprio Habermas, antes dele, notadamente, Benjamin e Adorno, e que diz respeito à apropriação de conceitos da teologia mística judaica no seio das ciências humanas.

Num primeiro momento a atenção será dirigida para três textos: a conferência, o prefácio do próprio Habermas à coletânea e o comentário do organizadores. Seguidamente, a partir das remissões de Habermas a sua própria obra nessa conferência, tratar-se-á o tema da "referência Scholem" na obra de Habermas. Para terminar, serão oferecidas algumas considerações visando relacionar o tema exposto com a psicologia social crítica.

MESAS-REDONDAS

ANÁLISE DO COTIDIANO DO PROCESSO DE INCLUSÃO PELA EXCLUSÃO

COORDENAÇÃO: DORISDAIA CARVALHO DE HUMEREZ – “A EXCLUSÃO DO DOENTE MENTAL: BUSCA DO TEMPO” - LUGAR DE INCLUSÃO”

PROF. DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, DEPTO. ENFERMAGEM

Esse estudo tem por objetivo conhecer e refletir, através de histórias de vida, sobre o processo de exclusão.

As histórias de vida foram colhidas no interior de um hospital psiquiátrico estatal fechado, através de entrevistas individuais e de observação participante.

No processo de análise, busquei, primeiramente situar os sujeitos na linha da temporalidade. Perpassando o movimento da identidade na temporalidade, estabeleceu-se, a seguir o traço espacial ou a ancoragem do personagem no ANTES, no AGORA e no DEPOIS do enlouquecimento. Os sujeitos não descreveram apenas, mas também, avaliaram o seu existir temporal e espacial.

A leitura dos discursos revelou a qualidade da vivência na espacialidade ANTES, DURANTE e DEPOIS do enlouquecer. E os personagens na positividade e os personagens na negatividade convivem! negam-se, complementam-se na mesma totalidade, configurando-se um processo de construção temporal da identidade marcada pela oposição ANTES vs DEPOIS tendo o enlouquecimento e a internação psiquiátrica

como determinante decisão existencial e da exclusão social.

Os discursos no DEPOIS da primeira internação, marco de exclusão, denunciam que falta, aos sujeitos, condições para compartilhar, excluídos que foram do grupo social, explicitando que eles não têm mais um LUGAR (AUGE, 1995) identitário, relacional e histórico onde 'sintam-se incluídos e revelam a vivência de uma dolorosa solidão ou a vivência do NÃO-LUGAR. Diante do sentimento de exclusão reconhecido através do relato da falta de opções, da carência de sentido, conseguem sobreviver olhando para trás, para o passado, que na maior parte, foi também de dificuldades, porém tinham o essencial para serem incluídos: desempenhavam papéis aceitos socialmente, compartilhavam no grupo social e antecipavam-se por vir.

A partir daí, procurei reconhecer a utilização de algum recursos pelos sujeitos deste estudo, para a recomposição do NÃO-LUGAR, ou como poderiam estar sobrevivendo no processo de exclusão a que estão submetidos. O que encontrei, implícito na vivência cotidiana foi a arte de driblar a ordem estabelecida através do uso de astúcia e de esperteza. Os sujeitos foram demonstrando a reivindicação da vivência do tempo-LUGAR do ANTES do enlouquecimento que venha contrapor a do NÃO-LUGAR, qualquer que seja este lugar: a casa, o trabalho, o hospital através do resgate do identitário, do relacional e do histórico. Enfim, querem compartilhar, de alguma forma, da vida com os outros e participar das gestões sobre seu destino.

A voz dos sujeitos explicitou, especialmente, que sentem-se excluídos, não apenas no hospital psiquiátrico, mas existe uma cultura manicomial que habita as famílias, os ambulatórios, os hospitais-dia, as enfermarias psiquiátricas dos hospitais gerais, privando-os das relações sociais onde quer que estejam.

Desconstruir o manicômio, ou ajudá-los a incluir-se nesse processo histórico de exclusão, será portanto, não a desconstrução do hospital psiquiátrico apenas, mas exige rever a cultura, ou o manicômio mental, ou seja, libertar o pensamento da racionalidade carcerária. Não se trata de um processo, apenas, no interior da psiquiatria, mas atravessa diferentes dimensões: da política, das leis, da organização social, das normatividades, das instituições disciplinares, enfim, do imaginário coletivo.

TEREZA LUIZA FERREIRA DOS SANTOS - "COLETORES DE LIXO: A AMBIGÜIDADE DO TRABALHO NA RUA"

PSICÓLOGA, MESTRE EM PSICOLOGIA SOCIAL, PUC/SP,
PESQUISADORA DO SETOR DE PSICOLOGIA OCUPACIONAL DA
FUNDACENTRO - MT

O trabalho desenvolvido na rua tem de ser abordado na sua multidimensão, não

só como fonte de sofrimento, mas também, como fonte de prazer.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é a compreensão da multiplicidade dos significados do trabalho executado na rua com o lixo, a partir dos coletores de lixo (aqueles que correm atrás do caminhão, recolhem os sacos de lixo e joga-os dentro do caminhão de coleta).

A pesquisa de campo teve duração aproximada de oito meses, quando foram realizadas as observações participantes, os encontros com grupos de trabalhadores, entrevistas com dirigentes sindicais e representantes das empresas prestadoras de serviços de limpeza urbana. A análise foi realizada, após várias leituras das fontes, buscando as unidades de significado, as quais foram colocadas em relação, em busca dos núcleos de significação.

Concluimos que o trabalho dos coletores de lixo é um TRABALHO IMPREVISÍVEL. O trabalho imprevisível se faz na diversidade de situações e na ambigüidade de significados que vão do prazer ao sofrimento; da liberdade ao cerceamento; do risco à diversão; da visibilidade à invisibilidade, suscitando emoções de alegria, bem como, de tristeza.

A equipe unida é o sustentáculo dos trabalhadores para operacionalizar esta atividade num espaço público (terra de ninguém) e com o lixo (não se sabe, ao certo, de que se constitui), através da organização do trabalho que possibilita a criação de "macetes" e de "jeitos de fazer" o trabalho.

Ainda assim, este tipo de organização não protege os trabalhadores e a PINGA, neste contexto, é o "remédio de garrafa", que além de estimular, limpar, anestesiá, desintoxicar, desinfetar, é também usada para garantir um sentimento de legitimidade social no processo de inclusão pela exclusão social por parte da população e por parte dos próprios coletores de lixo.

As reflexões apontam que os programas de saúde do trabalhador têm que contemplar a multidimensão do mundo do trabalho para evitar a modelização rígida de programas de qualidade de vida.

SÔNIA MARIA R.C. DE MIRANDA - "CLIMATÉRIO DA MULHER FAVELADA SIGNIFICADOS E SENTIDOS"

MESTRANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL, PUC/SP

O "climatério" corresponde a um período relativamente longo da vida da mulher, "é a fase que a mulher perde a sua capacidade reprodutiva espontânea e termina um ano depois da menopausa, a última menstruação"(Halbe, 1993). Climatério constitui um período da vida da mulher que pode durar vários anos e menopausa constitui um evento.

A mulher neste período apresenta um conjunto de queixas e não é fácil distinguir quais são causadas pelas mudanças hormonais e quais são por fatores psicológicos e sociais, ou se há interrelação entre os fatores.

Por outro lado, este conjunto de fatores podem ser sentidos de formas distintas de acordo com o tempo histórico e a cultura na qual a mulher está inserida.

Pesquisas mostram que nas mulheres maias, gregas, indianas da Costa Rica e as árabes, os sintomas do climatério são pouco relatados. Este período é sentido como uma condição de liberdade, elevação de status e um maior respeito.

Outras pesquisas mostram que as mulheres ocidentais sentem desvalorizadas socialmente, com sentimentos de perda dos papéis sociais, perda da beleza e do potencial de procriação.

Sendo assim os sentidos e os significados atribuídos ao binômio saúde / doença, vão variar de indivíduo para indivíduo e de cultura para cultura à medida que os modelos de saúde se transformam em diferentes épocas e adquirem novos significados.

O objetivo da nossa pesquisa é compreender como estão sendo construídas estas significações no climatério da mulher favelada de São Paulo, levando em consideração a sua especificidade, pela sua inserção social, situação de pobreza e luta pela sobrevivência.

Em fase de análise de dados, o climatério da mulher favelada nos mostra, que há algumas significações que diferem dos dados apresentados na literatura específica. Este período é sentido por estas mulheres como sendo pouco significativo dentro do contexto sócio-cultural, na qual elas estão inseridas: elas não sentem marginalizadas em relação à sua idade, bem como não há o questionamento quanto a perda da beleza física e o poder sexual. Para elas, o corpo representa "força de trabalho" que é único gerador de bens e a percepção do próprio corpo é menos consciente.

O que emerge em seus depoimentos de maneira enfática, são as necessidades básicas diretamente relacionadas com os fatores sócio-econômicos e a luta pela sobrevivência.

HEDWIG KNIST - "O ADOLESCENTE INFRATOR EM REGIME DE LIBERDADE ASSISTIDA: UMA REFLEXÃO PSICOSSOCIAL SOBRE REINTEGRAÇÃO SOCIAL"

MESTRE EM PSICOLOGIA SOCIAL PELA PUC-SP; ESTUDANTE DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE SÃO MARCOS; MONITORA EM PSICOLOGIA SOCIAL

Reintegração pressupõe a existência de um passado de integração; pressupõe que houve um processo de desintegração e implica na possibilidade de reintegração. Nossa reflexão sobre programas de reintegração social toma em conta os conceitos de integração e de reintegração e como eles se realizam hoje numa realidade concreta de

globalização e informatização. Por isso falamos na inclusão pela exclusão.

A pesquisa tem por objetivo conhecer o adolescente infrator, pobre, masculino, pensando-o a partir de uma concepção de homem que se constrói nas relações sociais. Para isto procuramos no adolescente aspectos como sua concepção da vida, suas perspectivas de futuro e as significações dadas aos valores morais, considerando estes os aspectos mais relevantes a serem investigados e, também, como indicadores capazes de contribuir para uma reflexão sobre programas de reintegração social que se propõem a atender adolescentes infratores.

Buscamos na teoria de Lawrence Kohlberg sobre o desenvolvimento moral a metodologia que nos ajudou a pesquisar estes aspectos nos adolescentes. Através de entrevistas recheadas com dilemas, a presente pesquisa procura conhecer as significações que os adolescentes atribuem aos valores morais.

Constatamos que a afetividade, além do vínculo e da utilidade, é um dos argumentos mais fortes para justificar qualquer ato. Foi possível desvelar o pensamento e a ação moral e as significações atribuídas aos valores no seu discurso, isto é, a afirmação de um valor pela relativização de outro.

Os adolescentes entendem por reintegração a resignação à uma vida em sociedade.

Pareceu-nos que eles preferem uma vida feliz, mesmo na infração, do que uma vida honesta de trabalhador, quando isto significa para ele ser infeliz.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO
A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA "FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO
DA IDENTIDADE"
UNIMARCO

**COORDENAÇÃO: ANTONIO DA COSTA CIAMPA - "IDENTIDADE,
PERSPECTIVAS FUTURAS E PERPLEXIDADES"**

Discutir perspectivas futuras para a identidade é expor a perplexidade frente à violência generalizada da sociedade e à descrença nas promessas de emancipação.

O que podemos aprender do passado? Nas sociedades míticas o sagrado tinha uma relação com a violência ("bode expiatório") que teria gerado a religião. Com a modernidade, a razão surge com a promessa de garantir a emancipação.

Hoje isso ainda é pensável? O ceticismo cresce, e paralelamente fala-se numa onda que para alguns é regressiva, para outros progressiva: o misticismo.

Desacreditar da razão é um caminho? Para a emancipação, para o nihilismo, para o retorno ao mítico, para quê? Ou este não é um caminho? Que questões podem ser colocadas hoje para o psicólogo que estuda a identidade e busca a emancipação?

JOSÉ ROBERTO HELOANI – “IDENTIDADE E TRABALHO? DIREITO”

Com o fim do chamado socialismo real, com a queda do muro de Berlim, chegamos à conclusão de que o mundo não pode ser regido apenas pela ideologia. Não que seja o fim da Ideologia, muito menos o fim da História. Porque estamos aqui contatando a História, fazendo a História. Continuamos a pensar que quem faz a História é o homem.

Porém, está na hora de fazermos uma História diferente; de começarmos a ver no Direito a possibilidade de ser um inovador, modernizador, que emana da sociedade, não um elemento anacrônico, que jamais acompanha os fatos, ineficiente e ineficaz. Mas como uma ciência capaz de ir logo atrás dos fatos, moldá-las e garantir condições dignas de sobrevivência para o ser humano.

Pensar que o Direito pode se alienar das transformações cada vez mais fortes que ocorrem no mundo do trabalho é tanto ser utópico como ingênuo. Se o Direito quer permanecer uma ciência efetivamente atual e não apenas formal, faz-se necessário que não seja apenas válido, mas também eficaz, o que significa considerar as novas tecnologias e estar a par dos novos processos educacionais.

MARISA T. D. S. BAPTISTA – “IDENTIDADE E EDUCAÇÃO”

A escola é um local por excelência de socialização do indivíduo e portanto de construção de sua identidade.

No mundo, hoje, uma das funções fundamentais dessa socialização deveria ser o de formar o cidadão - aquele que é capaz de entender sua individualidade e a realidade na qual está inserido - de forma a poder ultrapassar a realidade cotidiana estabelecendo projetos pessoais e coletivos.

Para tanto, ele deveria dispor de habilidades cognitivas, afetivas e motoras que lhe permitissem uma autonomia para estabelecer essa articulação e tomar decisões. O cidadão é a nosso ver o indivíduo que adquire uma identidade autônoma. O que se pretende aqui é avaliar se realmente nossa escola está promovendo o desenvolvimento dessa identidade autônoma.

MITSUKO AP. M. ANTUNES - "BARBÁRIE E EMANCIPAÇÃO: LIMA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA"

Manoel Bomfim (1868-1932), em sua obra. A América Latina: males de origem (1905), empreende uma vasta análise do processo histórico da colonização latinoamericana, enfatizando particularmente o Brasil . Tomando emprestado da Biologia o conceito de parasitismo, Bomfim denuncia a barbárie sobre a qual a história do Brasil

foi construído. Na conclusão da obra, porém, anuncia a possibilidade de emancipação do país a partir da emancipação dos cidadãos, tomando por base a cultura e, sobretudo, a educação.

A atualidade de sua obra exige divulgação, pois é ela praticamente desconhecida.

Assim como são desconhecidas suas produções acerca do fenômeno psicológico, por ele considerado como eminentemente histórico-social.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL PARA SE REPENSAR O PROCESSO DE MASSIFICAÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E A PRÁXIS CIENTÍFICA

COORDENAÇÃO: SILVIA T. M. LANE – PROF^a. TITULAR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP

MÔNICA G. T. DO AMARAL – “ESPECTROS TOTALITÁRIOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: LIMA REFLEXÃO A PARTIR DA PSICANÁLISE E DA TEORIA CRÍTICA ADORNIANA”
PROF^a. DR^a. DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO - FEL - UNESP - ARARAQUARA

Face aos obstáculos crescentes impostos pelo mundo contemporâneo à individualização e a conseqüente mutilação do Espírito objetivo, procuramos criar um campo de reflexão, que se estendeu da Psicanálise à Teoria Crítica, para se pensar sobre o vir-a-ser da cultura ocidental.

A partir dos estudos realizados pelo filósofo alemão Theodor W. Adorno a respeito da dialética da Razão Iluminista, que nela identificava os princípios de sua autodissolução, realizamos uma investigação metapsicológica sobre o caráter psicológico do novo modo de dominação ideológica anunciada pelo autor, bem como sobre o fenômeno de regressão psíquica em curso nas modernas sociedades de massas.

Atentos às observações de Adorno, apresentadas sobretudo em *Mínima Moral* (1992), sobre o caráter paranóico do poder totalitário, empreendemos estudos de natureza metapsicológica a partir de contribuições freudianas e pós-freudianas, com um olhar voltado para as atrocidades do passado, cometidas pelos regimes nazi-fascistas e outro, para alguns fenômenos de massa do presente de cunho totalitário.

Considerando que o fascismo significou a própria absolutização da identidade entre o particular e o universal, propusemo-nos a analisar no campo da Psicanálise, em que medida a regressão psíquica promovida por ele e seu caráter paranóico e masoquista se constituíram em modelos prototípicos da subjetividade essencialmente narcísica engendrada pelas modernas sociedades de massas.

Como resultado da "projeção" da perversidade social na mônada individual,

a

estrutura perversa e narcísica do "pseudo-indivíduo" moderno e contemporâneo acaba sendo responsável pelo esquecimento das atrocidades do passado, reabrindo espaço para a adesão irracional a ideologias totalitárias, marcadas pela intolerância contra tudo e contra todos que possam representar a diferença.

Sustentamos que ambas - a Psicanálise e a Teoria Crítica - embora apoiadas em solos epistemológicos distintos, fornecem questões importantes para se pensar sobre o caráter narcísico das modernas sociedades de massas e o conteúdo de verdade do delírio paranóico, enquanto antecipação subjetiva do fascismo.

IVANISE LEITE DE MIRANDA - "PRÁXIS INTENCIONAL E O RESGATE DA CIDADANIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO"
PROF. DR^A. DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - UNESP/CAR.

Partindo-se do princípio de que a psicologia social é fator essencial na construção da sociedade democrática, propomo-nos a refletir sobre a redefinição da democracia enquanto condição social, resgatando o conceito de cidadania perdida - como um dos compromissos políticos da psicologia - através do exercício da práxis intencional de seus agentes, a partir do princípio de tolerância. A práxis intencional requer uma atividade de consciência, não só no início do processo prático como ao longo deste, para atender às exigências de transformação que devem ser avaliadas não apenas pelas intenções, mas também por seus resultados, isto é, por sua objetivação. Nossa proposta consiste em trabalhar com o conceito de totalidade entendido como a captação social e individual, como alternativas possíveis para reunir as forças necessárias ao processo de humanização. A reificação da vida cotidiana requer a sua reconstituição ontológica pela via da conscientização dos valores éticos contidos na genericidade. Neste entender está implícito o cotidiano profissional como mediação para o exercício da democracia e a explicitação de valores éticos contributivos para o crescimento axiológico do ser social. Deste modo, o ato de pensar sobre conteúdos que permeiam a prática psicológica significa pensar a construção da liberdade do homem.

FERNANDO GONÇALVES REY – “LA COLONIZACIÓN EPISTEMOLÓGICA DEL POSITIVISMO: LAS EXIGÊNCIAS PARA UNA EMANCIPACIÓN”
PROF. DR. DA FACULDADE DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE HAVANA; PROF. CONVIDADO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - DF

El desarrollo del positivismo represento un marco dominante en el desarrollo de las ciencias, com fuertes implicaciones ideológicas, en particular para las ciencias

sociales, las que se orientaron por un principio de neutralidad no participativa, inspirando una orientación francamente tecnológica en las mismas que se mantiene hasta nuestros días.

En el trabajo se pretende analizar la complementación necesaria entre la modificación epistemológica que presupone la ruptura con el paradigma positivista, y el desarrollo de una nueva práctica en las ciencias sociales. La ruptura con el positivismo pasa por el desarrollo de una nueva concepción de la práctica profesional, donde esta, sin perder su definición científica, se integra como momento del propio proceso social que explica.

Las consecuencias metodológicas de este planteamiento nos colocan directamente ante una cuestión epistemológica; la identificación de nuevas formas y procesos de construcción del conocimiento en las ciencias sociales, tópico que también será objeto de la exposición.

HABITAÇÃO: EMANCIPAÇÃO E OU BARBÁRIE?

COORDENAÇÃO: CECÍLIA PESCATORE ALVES

JOSÉ MOURA GONÇALVES FILHO – “A CASA DOS POBRES”
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO - USP

Num bairro pobre, tão ferido em sua fisionomia natural e cultural, há recolhimento para dentro de casa. As lutas populares, quando não tratam de questões de saúde, incidem geralmente sobre cuidados em torno da casa. Um limite para a consciência ecológica e política pode então ser notável.

Em circunstâncias em que toda posse tomou-se incerta, a luta urgente e insegura pela casa própria confunde-se com a luta por um bem isolado, faz ansiar pela casa como por um fetiche - ilude suas condições ecológicas e políticas. Pode distrair o homem sobre o quanto a casa, para ser casa, depende da natureza e da cidade. Ponto de ancoragem para a contemplação da natureza e para a hospitalidade, a casa, ela própria, é fruto da hospitalidade no outro. A casa só mantém suas virtudes profundas enquanto não se desprender de sua vizinhança - a natureza e os outros.

A experiência de cidadania evita a reificação da "convivência", sua transformação em "casa". A casa pode assentar a convivência mas não possui o poder de instaurá-la.

As lembranças da "casa própria" encaminham-se sempre para o momento em que se fala da "casa nos outros": na recordação do começo das casas, conta sempre um começo de si no outro.

No contexto de uma reflexão sobre a casa, impõe-se pois uma definição para o fenômeno da humilhação política: o humilhado é o homem impedido de começar no outro homem. A pobreza é um mal mas este mal é irremediável apenas enquanto a pobreza propuser-se como sintoma da exclusão do homem pelo homem, um vazio intersubjetivo - escuridão, no homem, do outro homem. O homem que nasce no homem vai além de sua miséria e quer superar sua pobreza. O homem, impedido pelo homem, de começar no outro homem, enterra-se indigente em sua indigência: sem terra, sem casa, sem outro.

ELISABETE STRADIOTTO SIQUEIRA - "OS NOVOS DESAFIOS DA GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTEXTO NEOLIBERAL"

DOUTORANDA EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PUC/SP

A questão habitacional, enquanto política pública, tem sido tratada historicamente a partir de seus aspectos pragmáticos, com ênfase na questão quantitativa. Deste ponto de vista, considerando que os números do déficit habitacional são alarmantes, e é visível nas cidades as precárias condições de habitabilidade da população pobre, justifica-se uma pretensa ação massificadora por parte do Estado na tentativa da "solução" deste problema.

Neste texto, desenvolveremos um caminho que enfoca a questão habitacional sob outro prisma, buscando refletir como tais políticas, trazem em si o exílio da população de baixa renda que depende do Estado para equacionar não apenas a necessidade de habitação mas outras diretamente relacionadas a sua sobrevivência e as tendências que do projeto neoliberal ao substituir o Estado no campo social pela sociedade civil.

Retomaremos portanto, as origens dos direitos sociais e sua relação com as políticas públicas, no sentido de analisar como algo que num primeiro momento poderia ter sido interpretado como um avanço para os trabalhadores, na garantia de condições mínimas de sobrevivência, foi assumindo contornos fragmentados ao delinear políticas específicas para setores da população, fortalecendo portanto uma noção de sujeito abstrato, atribuindo ao conceito 'de cidadania um caráter universalizante que rompe com a possibilidade de singularidade dos sujeitos.

É este Estado Moderno, que através de suas políticas de homogeneização de necessidades e centralização de um poder regulador desenvolveu nas últimas décadas uma política habitacional de caráter controlador e moralizante da vida social dos trabalhadores, gerando a solução habitacional baseada no trinômio loteamento periférico/ casa própria/ auto-construção, numa concepção que considera um único modelo saudável de ocupação do solo urbano, contrapondo-se portanto, com quaisquer alternativas construídas pela população transformando o futuro morador num mero

consumidor, de um produto construído sem sua participação.

No entanto, a crise do "Estado de Bem Estar" vem dando espaço para o avanço neoliberal, que aborda a questão das políticas públicas de forma diversa, reduzindo ao máximo a participação do Estado, e apontando como alternativa a "Sociedade Providência", ou seja, é a privatização do campo social que passa a ser responsabilidade da sociedade civil.

É neste contexto, que a partir da década de 70 passamos a assistir o surgimento de entidades não governamentais, que num primeiro momento assumem um papel importante no processo de democratização do país, mas com a abertura política constroem uma diversidade de práticas e passam a ocupar, do ponto de vista neoliberal um papel importante na substituição do Estado nas políticas públicas, legitimando ações fragmentadas e transformando a política social num aglomerado de ações isoladas, articuladas a programas de emergência que buscam a amenização de conflitos e a integração (pelo caminho da exclusão) da população pobre numa nova ordem mundial.

Esta forma de assumir, parcialmente, uma vez que não tem o controle orçamentário, a gestão das políticas públicas, acaba por enfraquecer as instituições de luta, uma vez que tira o foco de atuação do Estado e transfere para a própria sociedade a resolução das questões de pauperização e exclusão social.

Assim este novo contorno das políticas públicas, coloca as ONGs num campo dúbio, pois correm o risco de assumir o papel delegado a elas pelo projeto neoliberal, através do envolvimento em ações pontuais, mas por outro podem constituir-se num espaço de formulação de uma nova conduta no tratamento das questões públicas construindo através de suas experiências possibilidades reais de participação e democratização na gestão da problemática social.

MARCO AURÉLIO MÁXIMO PRADO - "AS PRÁTICAS MUTIRANTES ENTRE A CONSCIÊNCIA E O CONTROLE SOCIAL DOS INDIVÍDUOS"

UNIMEP

Nosso interesse é discutir sobre os movimentos sociais de moradia, centrando nossa reflexão na experiência dos mutirões, à luz da Psicologia Social. Estas experiências tiveram nascedouro numa contraditória dinâmica social e política, marcada tanto pela organização política dos movimentos sociais como pelo retraimento do Poder Público na participação de políticas sociais.

Nos anos 70 os movimentos sociais encontraram na valorização do espaço do cotidiano um canal de mobilização e expressão maior do que a racionalidade organizativa dos partidos políticos (DOIMO, 1993:49). O cenário da luta de classes,

deu lugar a movimentos sociais que buscaram potencializaras questões do dia-a-dia, . as questões culturais, ambientais, de consumo e sobretudo criaram estratégias para constituição de novas redes de sociabilidade, a partir da valorização da idéia de vida comunitária.

Os mutirões, em seu desenvolvimento, passaram a engendrar tanto aspectos da emancipação dos grupos sociais, como também se configuraram como práticas normativas e padronizadoras de ações coletivas. A prática mutirante, na complexa conjuntura em que surgiu acabou assumindo um lugar social importante, tanto para ações emancipatórias como para as de controle social. As ações emancipatórias se caracterizaram pela prática da autogestão e ajuda mútua, como também, muitas vezes transformaram a organização comunitária em controle e penetração de urna moralidade urbana concentrada na idéia de que a população deve ser educada para a vida coletiva "organizada" .

Desta maneira, nossa reflexão ao focar a prática mutirante, tratará de abordar o movimento contraditório a que estas estão implicadas: um ideal de prática coletiva enquanto adaptação dos indivíduos à urna moralidade e a constituição de relações comunitárias.

AFONSO CELSO PANCINI POLA* E CECILIA PESCATORE ALVES **
“CORTIÇO: UMA MISÉRIA MENOS VISÍVEL QUE REFLETE A POBREZA URBANA E A SEGREGAÇÃO SOCIAL”

* SOCIOLOGO, MESTRANDO EM FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – PUC/SP; PROFESSOR E PESQUISADOR DA USF, CAMPUS SÃO PAULO

** PSICÓLOGA, DOUTORANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL ,PUC/SP; PROFESSORA E PESQUISADORA DA USF; PROFESSORA DA UNG E DA UMC

O uso do cortiço como moradia é urna das modalidades de habitação proletária mais antiga na cidade de São Paulo, contemporâneo com o processo de industrialização no Brasil. Segundo dados da Prefeitura Municipal de São Paulo, publicados na folha de São Paulo em 92, temos 6,5 milhões de pobres na cidade e destes 2,8 milhões moram em cortiços. A análise desse processo sócio-histórico nos permite apontar dois aspectos que aparecem interligados: o crescimento econômico e a pauperização das classes trabalhadoras.

Partindo desse estudo e dos dados levantados pelas pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisadores da Universidade São Francisco, que vêm estudando os moradores de cortiço na região do Pari, discutiremos:

-O cortiço se apresenta como alternativa de moradia para segmentos mais pobres da população, que não dispõem a morar na periferia em virtude das longas distâncias que separam a periferia das áreas de concentração das atividades econômicas o que

implica em enormes gastos com o transporte, combinado com os baixos salários recebidos por aqueles que constituem o exército de mão-de-obra com pouca ou nenhuma qualificação.

-A urbanização capitalista desenvolveu uma divisão do espaço da cidade marcada pela segregação social correspondendo à participação desigual das classes sociais. A partir dos anos 40 a urbanização e a periferização possibilita uma segregação residencial graças a uma política do Estado que beneficia o setor imobiliário em detrimento da população.

- Considerando a moradia no seu sentido mais amplo, verificamos que esta atribui ao indivíduo sua inserção na cidade. As pesquisas realizadas junto aos moradores de cortiço na região do Pari demonstram que, além das más condições de moradia; estas pessoas enfrentam problemas de desemprego ou de remuneração insuficiente para viverem com dignidade. Portanto sua inserção na cidade está marcada pelo não direito à cidadania.

IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA E CIDADANIA

COORDENAÇÃO: ENEIDA DE ALMEIDA DOS REIS - PSICÓLOGA
NEINB/USP - NÚCLEO DE PESQUISAS E ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE O NEGRO BRASILEIRO - USP

Apresentar seis trabalhos que convergem para um ponto comum que é a questão da identidade dos afro-descendentes e a sua cidadania. Os pontos principais de abordagem passam pelos prismas da afetividade e auto-estima, a branquitude, as tribos urbanas constituídas pelos excluídos, as mulheres negras, crianças e adolescentes negros e os mestiços. Os integrantes de mesa partem da observação e análise da vivência dos afro-descendentes, na atualidade brasileira, seu enquadramento no processo do fenômeno de globalização, culminando na questão da cidadania.

MATILDE RIBEIRO - "MULHERES NEGRAS - UM RETRATO EM CONSTRUÇÃO"
ASSISTENTE SOCIAL, MESTRANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC-
SP

Este trabalho reflete um esforço de síntese de observações, reflexões e diálogos estabelecidos entre mulheres negras militantes do movimento negro e feminista, numa busca de estabelecer relações entre suas experiências dentro da academia e militância. Não se trata portanto, de um estudo ou pesquisa calcados em referenciais teóricos muito definidos, porém aponta algumas pistas para o debate em diversos âmbitos de atuação.

A partir de algumas entrevistas e vivências grupais realizadas com mulheres negras, são formuladas reflexões de como são percebidas por estas as discriminações de gênero e raça na sociedade brasileira, em comparação com a realidade vivenciada pelas mulheres brancas e homens negros e brancos. Tais percepções, tem contribuído para desmistificar ou exemplificar o universo de semelhanças e diferenças, e, em última instância contribuído para a reflexão sobre o processo de construção da identidade das mulheres negras.

NATALINA ALMEIDA DE JESUS - "AUTO-ESTIMA DA CRIANÇA/ADOLESCENTE NEGRO E O PAPEL DO SERVIÇO SOCIAL COMO ESTRATÉGIA PARA A SUPERAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL"
PÓS-GRADUANDA EM SERVIÇO SOCIAL

No decorrer da prática profissional com crianças e adolescentes, por muitas vezes me chamou a atenção o comportamento dos negros em 3 situações distintas: desestímulo e apatia, expressos pelo ar de cansaço e falta de envolvimento com as atividades propostas; agressividade e desconfiança, manifestos pelo envolvimento em situação de violência e insatisfação com os resultados das deliberações dos adultos envolvidos (normas disciplinares); e insucesso, caracterizando-os como incapazes de produzir, canalizando a energia para a marginalidade (à margem do grupo produtivo).

Analisando estas questões, propomos um estudo sobre os efeitos da discriminação racial, do ponto de vista histórico, social e cultural, na identidade da criança/ adolescente negro; apurar o componente teórico necessário à intervenção do Serviço Social junto a temática Gênero-Etnia; apontar formas possíveis de atuação para o Serviço Social, na contribuição para o resgate da identidade étnica e elevação da auto estima da criança/adolescente negro.

MARIA VITÓRIA TAVARES RIBEIRO - "O DISCURSO DOS MESTIÇOS AFRO-BRASILEIROS - UM ESTUDO DE IDENTIDADE, EM BUSCA DA CIDADANIA"
PSICÓLOGA; PROF. DE PSICOLOGIA SOCIAL

A reprodução da ideologia da discriminação expressa no discurso dos mestiços e a comparação da fala do afro-brasileiro de pele mais escura com a daquele que passou pelo processo de branqueamento. A emancipação através do discurso e a metamorfose da identidade dos afro-descendentes.

**ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA – "AFETIVIDADE DOS NEGROS"
PSICANALISTA**

Ser negro não é uma condição genérica. É uma condição específica. É um elemento marcado, não neutro. Diferentemente de ser branco, que está posto como condição genérica, elemento não marcado, portanto neutro. O ser "negro" está incluído num código social que é expresso dentro de um campo semântico, onde o significante "cor negra" encerra vários significados. O signo negro traduz não só condições sociais sub-humanas, mas também propriedades biológicas que lhe são atribuídas aquém das propriedades biológicas atribuídas aos brancos.

Se o que constitui o sujeito é o olhar do outro, como fica o sujeito negro ao se confrontar com o olhar do outro que mostra reconhecer nele o significado que a pele negra traz, enquanto significante? Não dispondo de qualquer possibilidade de disfarce de sua diferença, o negro passa por um processo identificatório forjado no desejo do que seria ser "branco"; projeta portanto o branco que nunca será por condição biológica.

Está posta portanto uma ambigüidade fundamental, no que tange à estrutura do sujeito negro, uma dupla lacuna se instaura no processo de tornar-se sujeito à percepção do real. Ele mesmo "negro" enquanto tal não é reconhecido, é negado e se nega. Que processo se daria, na elaboração do imaginário de alguém nessas condições? Como se daria sua afetividade?

Não nos esqueçamos de que tudo isso se passa numa sociedade onde um verdadeiro processo de doutrinação dos valores e modelos de perfeição e beleza são brancos. O branco é posto como mais belo, desejável, enquanto o negro, o execrável, servindo e se servindo muitas vezes a apetites perversos dos que os colocam em condições sub-humanas.

**EDITH PIZA - "BRANQUITUDE: BASE PARA UM CONCEITO DE
PODER"**
DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL

Ao falarmos em cidadania, nota-se que, desde seus primeiros passos como mediador entre o poder, a lei e a população, alguns sempre foram mais cidadãos que outros. O princípio da igualdade era, então, e tem sido até hoje, uma igualdade para iguais, ou seja, o princípio associa-se ao poder, reverte a lei e decide quem, no interior das populações é O cidadão, com direitos e poder de exercê-la. Uma característica desse poder "equalizador" é ele possuir uma face racial. A Europeização que se expandiu nos séculos XVIII e XIX, trouxe consigo os traços raciais da branquitude. O que significa em termos de poder, numa sociedade fundada na cidadania, ser branco? Segundo Ruth Frankenberg (1995), ser branco é: 1) uma situação de vantagem estrutural

e privilégios raciais; 2) uma posição ou lugar do qual as pessoas brancas se observam, aos outros e à sociedade; e 3) refere-se a um conjunto de práticas culturais que são freqüentemente não demarcadas e não nomeadas.

A característica principal da branquitude é o seu poder de racializar os outros e neutralizar -se racialmente. Todos os que são nomeados por sua raça/cor ou etnia são brancos: sujeitos racialmente neutros. Interconectadas na prática, as vantagens estruturais e o modo discursivo geram as experiências quotidianas de branquitude. Esta experiência é vivida ou pela aproximação com o outro/diferente, ou pelo distanciamento físico e discursivo, quando então se ignora o outro/diferente. Ignorar o outro/diferente tem sido a maneira mais representativa da posição estrutural do sujeito branco, pois no interior da branquitude encontramos não apenas as fronteiras políticas, mas e principalmente as fronteiras morais que separam os cidadãos dos não cidadãos. Refletir sobre o aspecto racial da cidadania torna-se um exercício de "desfamiliarização" diante do poder da branquitude e, ao mesmo tempo, um veículo de compreensão das tentativas de embranquecimento dos sujeitos não brancos em qualquer sociedade. Pode ser também um modo útil para se pensar como sob a bandeira da cidadania, estão encobertas as emancipações de uns e as barbáries cometidas por outros. Assim, preconceitos e discriminações, antíteses puras da cidadania, exercem-se aberta ou veladamente, conforme o grau de proximidade ou distanciamento do outro/diferente e segundo a maior ou menor ênfase sobre a neutralidade racial que o sujeito branco se atribui.

JOÃO LINDOLFO FILHO - "TRIBOS URBANAS, O REGGAE, O RAP E A RADIOGRAFIA DAS METRÓPOLES NA ÓTICA DOS EXCLUÍDOS"
DOUTORANDO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – PUC-SP

Esse trabalho pretende discutir a produção cultural da raça negra num recorte específico: a música em suas modalidades Reggae e Rap. Essas que, enquanto fenômeno mundial, tem conquistado a atenção dos jovens da maior parte do planeta e conseqüentemente alcançado um enorme espaço nos veículos de comunicação. Preocupamo-nos em penetrar até as raízes dessas propostas musicais priorizando os aspectos sociais que formam o contexto no qual se originaram, bem como, a trajetória preponderante e de que forma acabam por envolver esse enorme público. O Reggae, nascido na Jamaica, migrou para Londres, foi recepcionado pelos Skinheads, de lá seguiu para os EUA e para o mundo. O Rap também surgiu na Jamaica, como derivado do Reggae, sendo aperfeiçoado ao adentrar nos EUA, o seu maior propagador.

Ora, o negro sempre foi vitimado pela dominação que tem origem no processo que se desenvolveu na discriminação racial e sempre oprimido em favor da maior solidez

de eixo da manutenção do status quo da classe dominante. Ao mesmo passo, seu universo simbólico é tido como primitivismo, superstição, feitiçaria etc. Entretanto, hoje, surpreendentemente, pode-se observar descendentes de africanos em várias partes do mundo organizando-se em movimentos musicais tais como o Reggae e o Rap. Esses gêneros, que acabam por determinar uma estética de corte de cabelos, de vestuários, de sonoridades e influem, inclusive, no tipo de comportamento de outros jovens que, cada vez mais, tem demonstrado sua aceitação e adesão. tentamos, em especial, perceber como essas propostas musicais, originárias de uma pequena ilha do Terceiro Mundo, que criticam o imperialismo, a usurpação, o racismo, a violência policial e outros pontos inerentes ao dia-a-dia das metrópoles, emergem gradualmente da obscuridade e penetram, nesse final de milênio marcado pelo estabelecimento de uma Nova Ordem Mundial, as grossas barreiras culturais de países do Primeiro Mundo, tais como a Inglaterra, os EUA, o Japão e a França.

Constatamos que os discursos de ativistas políticos tais como Marcus Garvey, Martin Luther King, Malcolm X e de Louis Farrakan não tiveram tanta circulação quanto os hits musicais desses estilos contestatórios. Diferentemente, o artista ocupa uma posição destacada em relação às questões sociais porque veicula mensagens que passam simultaneamente pelo intelecto e pela emoção, de tal modo que as produções artísticas que possuem mensagens políticas costumam ser, muitas vezes, mais rapidamente compreendidas e incorporadas pelos grupos aos quais se dirigem do que os discursos intelectuais a respeito dos mesmos temas. O que nos parece ser o caso das questões que vamos abordar em nossa comunicação. O eixo central de nossa proposta é, portanto, investigar a gênese, alcances e limites, propostas e perspectivas desses estilos de vida bem como o seu relacionamento com a indústria cultural.

METAMORFOSE

NÚCLEO DE IDENTIDADE - PUC-SP

COORDENAÇÃO: OMAR ARDANS - "APONTAMENTOS A RESPEITO DA NOÇÃO DE METAMORFOSE"

MESTRANDO EM PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP

O trabalho oferece uma reflexão a respeito da noção de metamorfose a partir dos trabalhos de Canetti (1960), Ciampa (1987) e G. Velho (1994). A história da utilização desta noção remonta à mitologia, na qual significava a possibilidade de mudança de formas humanas para divinas e vice-versa. Ultimamente ela vem sendo utilizada no sentido de transformação. A reflexão procura retomar essa noção e, aprofundar no seu valor teórico-epistemológico para a pesquisa em psicologia social, particularmente

no que se refere a identidade pessoal e coletiva.

TÂNIA FATOR - "METAMORFOSE AMBULANTE: A ESPONTANEIDADE CRIADORA EM MOVIMENTO"
MESTRANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL, PUC-SP

O presente estudo pretende apresentar um dos aspectos da obra de Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama, para quem o fundamental é o princípio da espontaneidade criadora, a participação desinibida de todos os membros do grupo na produção dramática e na catarse ativa. Segundo ele, o caráter transformador da ação espontânea é o que garante ao indivíduo a sua condição de criador, ou seja, é o que permite as modificações na sua relação com o mundo. Assim, o conceito de homem moreniano é de um ser social e, portanto, a interrelação com as pessoas constitui seu eixo fundamental. Saber qual é o propósito da vida provoca no indivíduo um estado de integridade, torna-o melhor na realização de seu trabalho e de seus ideais. A identificação do que conduz às suas metas libera o indivíduo do medo de ser, colocando-o num ritmo e numa ordem de vida que determina a naturalidade de suas ações (aqui entendida como espontaneidade). Isto faz com que este indivíduo reorganize e reconsidere as aparências impostas pela civilização (a conserva cultural em suas várias instâncias), sem ter que negá-las ou submeter-se a elas, transformando-as.

Existe a probabilidade de os indivíduos manterem-se no nível ao qual aspiram, seguindo suas inclinações naturais e unindo-se espontaneamente aos grupos que os atraem, sem nenhuma determinação de transformá-los ou levá-los a uma conduta "normal", mas respeitando a reorganização desses grupos a que fazem parte. Sua integração se daria cada vez que encontrassem seu lugar na coletividade, com regras e leis que respeitassem as interações sociais e os interesses coletivos, permitissem equilibrar as forças espontâneas sociais para um maior proveito da harmonia e da unidade geral. Seria o ato criador, característica natural humana, a possibilidade de sobrevivência. Ao recuperar a espontaneidade e a criatividade, o Homem estaria novamente diante da possibilidade da sua integração.

KÁTIA MAHEIRIE - "A DIALÉTICA DO SUBJETIVO E DO OBJETIVO: A NOÇÃO DE PROJETO COMO METAMORFOSE"
PROFA. DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UFSC,
DOUTORANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL NA PUC-SP

A identidade em Sartre é compreendida como metamorfose. A origem desta

concepção pode ser encontrada desde seus escritos ontológicos, quando discute o Ser e o Nada, descrevendo a relação entre a consciência e os objetos. Para ele, esta relação é constituída dialeticamente e seu produto é a identidade.

Como produto da relação dialética entre a consciência e os objetos, a identidade é um constante movimento de tese, antítese e síntese, que se traduz num movimento de totalização, destotalização e retotalização, se destotalizando novamente. O motor impulsor da identidade é, o que pode ser considerado também seu sinônimo, a noção de projeto. Salto e fuga para o futuro, o projeto retém o passado, constituindo-se em síntese dialética da objetividade e da subjetividade, como negação da negação da positividade.

A subjetividade como uma dimensão característica do humano, como negação da objetividade, objetiva-se em nova direção, de forma que o homem pode ser compreendido como uma totalização em curso, construindo-se na superação das possibilidades e impossibilidades que lhe são impostas. Assim, o homem é visto como um desequilíbrio perpétuo, como "uma arrancada a partir de si", fazendo-se, desta forma, um sujeito específico.

Portanto, para Sartre, a metamorfose se caracteriza como o próprio movimento da identidade, que tem suas origens na constituição do homem como ser genérico, na relação da consciência com os objetos, assim como, no curso da identidade como um constante vir-a-ser, traduzindo-se em negação da negação.

OSWALDO M. RODRIGUES JR. - "O CONCEITO DE IDENTIDADE EM ERIK ERIKSON" PSICÓLOGO E MESTRANDO EM PSICOLOGIA SOCIAL PELA PUC-SP, ATUANDO EM CLÍNICA JUNTO AO INSTITUTO H. ELLIS (SP)

"Self-esteem gradually grows into a conviction that the ego is capable of integrating effective steps toward a tangible collective future, that it is developing into a well-organized ego within a social reality. This sense I have tentatively called, ego identity"

Erikson

Erik H. Erikson, nascido em Frankfurt (Alemanha), faleceu aos 91 anos de idade na cidade de Harwick (Massachusetts, USA) em 13 de maio de 1994. Erikson foi amigo e discípulo de Freud, tendo lecionado na escola dirigida por Anna Freud, em Viena. Em 1933 refugiou-se do nazismo nos Estados Unidos, lecionando em várias universidades, sediando-se em Harvard, em 1960.

Sua atuação foi além da restrição acadêmica, popularizando o estilo de psicobiografia, o que lhe valeu um prêmio Pulitzer, em 1970, ao escrever a biografia de Mahatma Ghandi.

Erikson formulou a teoria do desenvolvimento emocional do ser humano, na qual cada estágio de vida está associado a lutas psicológicas que ajudam a moldar a personalidade. Estas lutas seriam crises vividas a cada momento que produziria a mudança de estágio. Erikson afirma que a dinâmica da sociedade em que o indivíduo vive influencia de modo determinante a maneira como as mudanças emocionais da pessoa são resolvidas .

A expressão identidade de ego, foi proposta por Erikson para descrever o que parecia estar faltando às vidas dos homens que retomavam da segunda guerra mundial sofrendo de neurose de guerra:

"O que mais me impressionou foi a perda, nesses homens, do senso de identidade. Eles sabiam quem eles eram; eles tinham uma identidade pessoal. Mas era como se, subjetivamente, suas vidas não fossem compartilhadas, nunca mais. Havia um distúrbio central ao qual comecei a chamar de identidade de ego" (Erikson).

Erikson baseou-se em pressupostos psicanalíticos para seus estudos sobre identidade, porém apontando que o método tradicional psicanalítico não conseguia compreender a questão por não ter desenvolvido termos para conceitualizar o ambiente (Erikson, 1968, p. 24). A contribuição de Erikson foi na questão sociológica, permitindo uma melhor compreensão da identidade e o processo de desenvolvimento desta.

Erikson (1973,1976) refere a puberdade como o momento de questionamento da identidade: "Quem sou eu? Qual a expectativa dos outros a meu respeito? O que eu realmente quero para mim, hoje e no futuro?" A definição da identidade dar-se-á mais facilmente se os estágios anteriores de desenvolvimento forem completados (confiançadesconfiança primordial; autonomia ou dúvida e vergonha; iniciativa ou culpa; capacidade ou inferioridade - terminologia de Erikson). Na fase seguinte - "Intimidade ou isolamento" - é que existe a percepção pelo indivíduo de ser o único, diferenciado dos outros e capaz de ações. Assim temos a base da identidade sexual.

O envolvimento da questão ambiente/sociedade aproxima os conceitos de Erikson das propostas de A.C. Ciampa. As formulações teóricas embaçadoras iniciais de Erikson não engendraram a totalidade da idéia que iniciava a formular. Do embate com este ambiente social, a identidade modifica-se, mantendo o senso e a percepção de continuar sendo, mudando-se e podendo continuar-se semelhante.

CARMEN LÚCIA SALES MIRANDA - "METAMORFOSE: O SUJEITO MUDA A POSIÇÃO FRENTE AO PRÓPRIO DESEJO"

**OS NOVOS VELHOS DO III MILÊNIO: A VELHICE REVISITADA:
PRÁTICAS E ABORDAGENS RENOVADAS**

COORDENAÇÃO: VERA LÚCIA V. DE ALMEIDA

DEBATEDORA: PROF^A DR^A SUZANA DA R. MEDEIROS

Proposta: Com a modernidade, a velhice percorreu um longo caminho rumo à exclusão e ao ocultamento. Ao encontrar na velhice sua própria negação, a modernidade, enquanto "projeto de emancipação", alimentou-se de práticas que recolocaram em cena conteúdos estreitamente vinculados à "barbárie".

Neste movimento paradoxalmente ambíguo, os velhos tornaram-se mais visíveis: à maior participação percentual dos idosos na pirâmide populacional soma-se um acréscimo significativo na expectativa de vida. Ao lado daqueles que permanecem ligados ao mercado de trabalho, fato inegavelmente excepcional, registra-se hoje, Um expressivo aumento no número de anos vividos após a aposentadoria .

Neste cenário ampliado de vida, novos personagens começam a surgir; sujeitos que, inconformados com o lugar reservado à velhice, na atualidade (não-lugares, na verdade), esboçam novas possibilidades de ser e de viver.

Incapaz de assenhorar-se da totalidade desta "nova realidade"("os novos velhos") a ciência pouco tem contribuído para sua captura e interpretação. Com ela produz-se uma verdadeira "colonização da velhice".

No entanto, a sensibilidade que tem faltado à ciência, no que tange à velhice, encontra-se presente tanto na produção de um conhecimento que busca romper com as fronteiras científicas solidamente demarcadas, quanto em leituras e práticas pouco convencionais à academia (música, poesia, literatura, cinema e fotografia).

Unindo profissionais diversamente ligados ao tema, quer por suas atividades práticas, quer por suas contribuições teóricas, a atividade aqui proposta 'mesa de debate - objetiva colocar em discussão o desenvolvimento de novas abordagens sobre a velhice. Espera-se contribuir, desta forma, para a ruptura do silêncio e do confinamento da população idosa e para que o direito à palavra seja sinônimo de emancipação.

**DELIA C. GOLDFARB - "NAS MALHAS DO INCONSCIENTE:
VELHICE E DESEJO"**

Em nossa cultura, a particular subjetivação do "ser velho" anuncia-se, em termos estéticos, como vicissitudes de um corpo que já não se reconhece como próprio, efetivando-se socialmente na marginalização do circuito do desejo. O corpo e a dimensão temporal do homem da modernidade à luz da psicanálise.

ELIZABETH F. MERCADANTE - "ENTRE O PASSADO E O FUTURO: AS OFICINAS DE ORIENTAÇÃO E REVISÃO DO PROJETO DE VIDA"

A memória, elo de ligação entre o passado, presente e futuro e redefinidora deste último, é o elemento fundamental desenvolvido nas Oficinas de Orientação e Revisão do Projeto de Vida (NEPE-PUC-SP). Nestas oficinas, o exercício do pensamento propõe, para os sujeitos envolvidos, nas condições de pré ou de aposentados, possibilidades de organizar o tempo livre, o tempo do não trabalho produtivo.

RUTH G. C. LOPES - "IMAGENS LITERÁRIAS: POSSIBILIDADES DE ENVELHECER"

As obras literárias são reveladoras dos mecanismos peculiares ao processo de envelhecimento. O autor é um catalisador da comunidade, as imagens que usa ampliam a percepção imediata do cotidiano. Ao percorrer o conto, estabelecemos um diálogo: abre-se um espaço projetivo, estimulando nossa imaginação. O mundo é explicitado ao mesmo tempo que se apresenta a possibilidade de revitalização emocional. Selecionei obras que permitem recontar o conto que se desenvolve o viver.

VERA L. V. DE ALMEIDA - "MODERNIDADE, IMAGEM VISUAL E VELHICE"

A produção de imagens constitui, inegavelmente, um dos traços da modernidade. Pode-se afirmar que ela, modernidade, encontra-se espelhada nas várias imagens visuais que são produzidas e veiculadas. Ao fazer circular as significações de nossa época, a visualidade contemporânea apresenta-se, assim, como o "lócus" privilegiado de acesso ao lugar da velhice e às possibilidades de superação da exclusão vivida por um número cada vez maior de indivíduos.

SUZANA DE R. MEDEIROS - "VELHICE E CIDADANIA"

O aumento da esperança de vida, além de ser um fato positivo e altamente bem recebido por todos, traz também outras questões ou indagações. Por que viver tanto? Para quê? Qual o sentido da vida na chamada terceira idade, quando sabemos que a exclusão do velho é um acontecimento visível e, muitas vezes, cuidadosamente ocultado? Não basta viver muito; é preciso viver com qualidade.

Como exercer a cidadania na velhice? Qual o espaço político e social do idoso em nossa sociedade?

**PARA ALÉM DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:
ASPECTOS TEÓRICOS - METODOLÓGICOS E A PESQUISA
EMPÍRICA**

**COORDENAÇÃO: BENEDITO MEDRADO
NÚCLEO DE PESQUISA SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
SAÚDE E DOENÇA (ORIENTAÇÃO: DRA. MARY JANE SPINK)**

Proposta: Discutir os limites teórico-conceituais das teorias da representação social associada a uma reflexão sobre a análise de discurso, abordando-se uma pesquisa empírica para exemplificar a relação do conceito com as várias formas de abordagem.

**BENEDITO MEDRADO - "LIMITAÇÕES E COMPLEMENTARIDADES
ENTRE A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A PRODUÇÃO DE
SENTIDO"**

MESTRANDO EM PSICOLOGIA SOCIAL - PUC/SP; PICD/CAPES/UFPE

Desenvolvendo pesquisas sobre processos de construção de representações sociais, através de estudos de caso e análise de discurso, sentimos a necessidade de introduzir reformulações no modelo original, reconhecendo ainda uma base comum com os trabalhos de Moscovici (1961): as formas simbólicas que sustentam o estar-no-mundo. A diferença situa-se no problema investigado e na escala de conhecimento correspondente. Passando da focalização no sentido compartilhado (representações sociais) à focalização nas práticas discursivas (produção de sentido), sugerimos o exame das formas como os sujeitos numa dada sociedade empregam as representações compartilhadas para dar sentido ao mundo e posicionar -se frente ao outros e os objetos sociais. A partir dessa concepção, introduzimos o conceito de produção de sentido, segundo o qual as pessoas, em interação, comunicam-se ao mesmo tempo em que produzem realidades psicológicas e sociológicas. O objetivo deste papel é demarcar as semelhanças e diferenças entre a teoria das representações sociais e a produção de sentido, apontando os limites e complementaridades entre estas duas abordagens e os fenômenos ou escalas de fenômenos a que se referem, destacando os conceitos que se cruzam e os termos empregados.

**JAQUELINE ISAAC MACHADO BRIGAGÃO – “ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DISCURSIVAS”**

DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - FACULDADE DE
CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO; DOUTORANDA EM PSICOLOGIA CLÍNICA - IPUSP

Este papel objetiva ampliar a discussão, na arena metodológica, acerca da

utilização da análise de discursos nas pesquisas qualitativas. Faremos uma leitura do método de associação de idéias preconizado por Spink (1994) para a análise de práticas discursivas. Procuraremos assinalar os aspectos nodais deste método, explicitando os princípios epistemológicos, a discussão de algumas de suas fontes e finalmente as articulações deste método com a abordagem da produção de sentido.

Pode-se dizer que a abordagem proposta por Spink (1994) rompe com a dicotomia sujeito/objeto, ainda muito presente nas ciências humanas e sociais, já que nesta o sujeito constrói teorias através das quais atribui sentido ao mundo. O sujeito é percebido como tendo um papel ativo na re-elaboração de teorias e informações tanto do senso comum quanto da ciência, estas por sua vez, não são imóveis e nem estão "congeladas" a espera de um sujeito para decifrá-las, pelo contrário circulam no meio social e estão "carregadas" de afetos e significados.

Nesta perspectiva, a compreensão de processos subjetivos, grupais e sociais, torna-se possível a partir da análise das práticas discursivas de indivíduos e de grupos, através da leitura dos seus discursos (oficiais ou não), costumes, tradições bem como dos contextos onde estes são construídos. Assim, esta abordagem amplia a discussão acerca dos métodos adotados para análise de dados que privilegiam o discurso e procuram entender a lógica interna destes discursos buscando apreender a interioridade de sua construção.

DÉBORA MIRIAM RAAB GLINA - "DA POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO DO RISCO OCUPACIONAL: A PRODUÇÃO DE SENTIDO DO TRABALHO EXPOSTO AO MERCÚRIO METÁLICO"

DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL" PUC/SP; PSICÓLOGA DO CENTRO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR DE SANTO AMARO (PMSP)
PROFESSORA NA UNIVERSIDADE SÃO MARCOS

Face à existência de estudos amplos sobre o mercúrio em si, busca-se a compreensão da perspectiva do trabalhador: como ele percebe, pensa e sente o trabalho no qual o mercúrio é utilizado. O objetivo geral desta tese, portanto, é entender os processos de significação do trabalho que exige exposição ao mercúrio metálico e suas implicações no nível do Foram feitas entrevistas individuais semi-estruturadas com trabalhadores expostos ao mercúrio de uma indústria produtora de lâmpadas. Além disso, foram feitas visitas aos setores nos quais o mercúrio metálico era utilizado, visando uma melhor compreensão do processo produtivo e verificação in loco das condições e organização do trabalho. A empresa em questão contava com 1850 funcionários, sendo que 230 alocados nas seções em que o mercúrio era utilizado. Foram entrevistados trinta trabalhadores pertencentes aos cargos de mecânico de manutenção, operador de

produção, operador reserva, controlador de quebra e ajudante geral, entre março e dezembro de 1992. Foram obtidos dados sobre monitoramento ambiental e biológico realizado pela empresa. Foram também entrevistados profissionais de Recursos Humanos para obtenção de dados sobre as políticas de Recursos Humanos e visão de trabalhador existente na empresa.

Os dados mostraram que os trabalhadores não tinham sido informados pelos empregadores a respeito do mercúrio metálico até o momento em que a fiscalização, por parte de uma médica da Delegacia Regional do Trabalho, iniciou-se. Até então os trabalhadores entendiam que não existia uma preocupação da empresa com o mercúrio, já que o mesmo existia em grande quantidade no ambiente de trabalho e os trabalhadores tinham contato físico e chegavam a brincar com ele. As informações sobre o mercúrio foram obtidas de fontes variadas.

As representações sociais (RS) construídas a partir dessas informações abrangeram os mais diversos aspectos: 1) o conceito de mercúrio: como algo perigoso, principalmente para as mulheres, mas menos perigoso do que outras substâncias químicas que possuem cheiro; 2) como o mercúrio entra no corpo: pela respiração, pela alimentação ou por contágio; 3) a capacidade do mercúrio de causar danos à saúde: o mercúrio como possível responsável por tudo o que sinto, o mercúrio como incapaz de causar danos; depende do organismo, tudo o que o mercúrio causa é "psicológico"; 4) como o mercúrio é eliminado: não pode ser eliminado, pode ser eliminado da urina, mas não do sangue e pode ser apenas parcialmente eliminado; 5) possibilidades de cura: não existem, apenas pode ocorrer alívio dos sintomas; e 6) soluções do problema da exposição ocupacional: ou não é possível resolver o problema ou é possível resolvê-lo. Entretanto, essas RS apareceram sempre envoltas em incertezas e o conhecimento possuído apresentou lacunas. As RS sobre o mercúrio proveram avaliações sobre a efetividade das medidas para controle da exposição adotadas, o trabalho, a empresa e suas políticas de RH, sendo por sua vez, influenciadas por estas avaliações, bem como por novos conhecimentos provenientes da ciência e divulgados pela mídia, observações do que se passa no cotidiano de trabalho e conversas com colegas.

Apareceram estratégias de enfrentamento individuais enfocadas no problema e enfocadas na emoção. Essas formas de coping ocorreram simultânea ou sequencialmente e mostraram estreita relação com as RS sobre o mercúrio, perspectivas para o futuro e situação familiar. Essas estratégias, entretanto, nem sempre foram eficazes na diminuição ou neutralização do sofrimento mental, que apareceu sob a forma de sentimentos como a tristeza, o medo, a revolta, a angústia. A existência de uma configuração ambiental ambígua pode ter contribuído para o surgimento do sofrimento mental.

A PSICOLOGIA SÓCIO, HISTÓRICA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS

EQUIPE DE PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA DA FACULDADE DE PSICOLOGIA DA PUCSP

ANA MERCÊS BAHIA BOCK/ BRONÍA LIEBESNY/ MARIA DA GRAÇA M. GONÇALVES/ ODAIR FURTADO/ SANDRA SANCHEZ/ SERGIO OZELLA/ WANDA M. J. NEVES

A Psicologia Sócio-Histórica vem se configurando como uma alternativa teórica na Psicologia. Baseada na construção teórica de Vigotski e Leontiev, recebeu no Brasil a contribuição da profa. Silvia Tatiana M. Lane. No curso de Pós-graduação da PUCSP, esta concepção vem sendo desenvolvida por mestrandos e doutorandos que têm construído suas pesquisas com base nestas formulações. Um grupo de professores da Faculdade de Psicologia da PUCSP, alunos ou ex-alunos do Programa de Psicologia Social do Pós Graduação, criou a equipe de Psicologia Sócio-Histórica e vem desenvolvendo um conjunto de disciplinas no curso de graduação em Psicologia, nesta perspectiva: Psicologia Geral I e TI (1º. e 2º. períodos), Psicologia Social I, II e IV (3º., 4º. e 6º. períodos), núcleo 3 de Psicologia e Formação (7º. e 8º. períodos) e Núcleo de Orientação de Adolescentes (5º. ano); além destes cursos obrigatórios, a equipe propõe no 6º. período a disciplina eletiva de Psicologia Sócio-Histórica. Nesta mesa redonda pretendemos debater como temos construído a perspectiva sócio-histórica nesses cursos e sua contribuição para a formação dos psicólogos; dificuldades do trabalho, resistências e aspectos que deverão ser melhor desenvolvidos para que possamos apresentar a abordagem como uma linha teórica e uma proposta de atuação profissional em todas as áreas da Psicologia. Um aspecto importante a ser debatido é a relação desta perspectiva com a Psicologia Social.

QUESTÕES METODOLÓGICAS NA PESQUISA SOBRE IDENTIDADE (NÚCLEO IDENTIDADE - PUC-SP)

COORDENAÇÃO: ANTONIO DA COSTA CIAMPA – “DECISÕES METODOLÓGICAS”

Discutir qual a "metodologia" que deve ser usada em investigações sobre Identidade envolve questões semelhantes às que surgem em estudos sobre outros objetos. Como é concebida teoricamente a identidade? A partir de que referencial a pesquisa será desenvolvida? O que se quer analisar é uma identidade individual ou coletiva? Se individual, é a da pessoa como um todo ou só de um aspecto parcial? Identidade profissional, sexual, etc.? Enfim, há um sem número de perguntas que devem ser respondidas para as decisões metodológicas serem adequadas.

Não se trata de "a priori" afirmar que sempre o estudo é qualitativo; pode-se fazer boa pesquisa quantitativa. Não é verdade que sempre se deve utilizar a "história de vida".

O objetivo desta comunicação é levantar algumas questões relevantes a serem consideradas antes de se tomar decisões metodológicas, fornecer alguns exemplos de estudos realizados e oferecer algumas "dicas" que sejam úteis possivelmente.

HELENA MARIETA RATH KOLYNIK - "UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ESTUDO DA IDENTIDADE"

A pesquisa da "identidade metamorfose" na maioria das vezes tem como procedimento privilegiado a história de vida de um sujeito "típico".

Este sujeito é definido como aquele que de alguma forma concretiza uma determinada tendência, tendência esta definida pelo objeto da pesquisa em questão.

A metodologia que estaremos apresentando permite que se defina a partir do empírico e não "a priori" as características deste sujeito "típico".

Este cuidado permite uma participação do grupo social que tem contato direto com o objeto de estudo, na definição desta tendência. Isto propicia ao pesquisador olhar para o seu campo de estudo não apenas do seu foco ou com o seu filtro da realidade. A soma de abordagens e a reflexão ampliam as informações e os dados da realidade disponíveis.

Ao pesquisador caberá reunir estes dados e informações dentro do seu referencial teórico e trabalha-las de forma consistente. Tendo este cuidado, estamos tendo clareza de que cada informante não só enfocará o tema de acordo com um filtro determinado da realidade, mas também utilizará referenciais e pressupostos teóricos muito diferenciados, que caberá ao pesquisador identificar e compreender.

A proposta metodológica constitui-se de 3 fases, sendo que, em casos específicos, inclui mais uma fase preliminar de sondagem.

Esta fase preliminar faz-se necessária quando o pesquisador não está inserido no meio em que ocorrerá sua pesquisa. Ela permite uma visualização das várias correntes, abordagens, variedades, etc., existentes dentro do campo a ser pesquisado. Tendo-se este levantamento preliminar inicia-se a primeira fase.

Fase 1 - Coleta de depoimentos de informantes. Estes são pessoas que têm um grande contato com o campo a ser pesquisado. Não deverão ser escolhidos de um mesmo grupo ou de grupos afins, para possibilitar uma maior variedade de informações. Nestes depoimentos sujeitos falam de(s) outro(s), respondendo apenas a uma questão inicial: "fale-nos de como é (ou são) o(s) ..."

Fase 2 - Entrevistas com diversos sujeitos, que falarão de si mesmos, estimulados por

questões temáticas, ligada às questões em estudo (e sugeridos pela fase anterior). É interessante que seja uma entrevista semi-estruturada em torno de temas que permitam desta forma uma análise comparativa entre os processos de vida dos sujeitos.

"Fase 3- A partir das críticas e expectativas apontadas pelos informantes e a realidade vivencial relatada pelos sujeitos da fase 2, identificar a tendência que se quer estudar e caracterizar o possível sujeito "típico" como aquele(s) que encarna(m) em sua ação e seu discurso a concretização mais aproximada da tendência considerada. Para a compreensão dos processos de construção da identidade deste(s) sujeito(s) recorreremos ao procedimento metodológico da "história de vida".

MARIA DA GLÓRIA S. SILVEIRA – “NARRATIVA E IDENTIDADE”

Minha proposta de trabalho consiste numa reflexão sobre a pertinência do uso da narrativa como recurso metodológico privilegiado na investigação da Identidade.

Parto do pressuposto que a identidade não é uma entidade posta de uma vez por todas à nossa investigação, mas, ao contrário, consiste num processo ou mais exatamente numa construção em que a narrativa surge como constitutiva.

Em outros termos, a questão de "quem sou eu?" não se resolve pela simples atribuição de predicados a um sujeito, mas envolve um complexo movimento temporal de memória, mas também de esquecimento, que só se torna possível através de uma espécie de jogo entre o eu que vive sua situação existencial, de um lado, e o si mesmo reflexivo da consciência; de outro.

Neste sentido, a narrativa pode ser vista não só como força de rememoração de um passado tragado pelo esquecimento, mas também como uma atividade que escolhe, recorta, apaga, renuncia, ao fazer uma síntese de acontecimentos heterogêneos, num agenciamento de fatos que reúne objetivos, causas, acasos na unidade de uma história completa. Trata-se de organizar o caos do curso infundável da vida procurando dar-lhe um sentido, estabelecendo conexões de tal modo que cada momento da tessitura da história repete ou prenuncia instantes passados ou futuros.

A narrativa surge, assim, de uma exigência reflexiva de rememoração que não somente restaura o passado, como transforma o presente e projeta um futuro possível. Esse pode ser de transformação próprio da narrativa é o mesmo, penso eu, que se encontra no texto literário e reside sobretudo na apropriação de um mundo que não tem realidade física nem psíquica, mas uma realidade ideal ou discursiva que pode ser identificada por diferentes indivíduos. Trata-se de uma transferência realizada pelo discurso do plano do vivido para aquele da idealidade que permite um alargamento indefinido da consciência e que só pode ter lugar na esfera da comunicação.

Nesta perspectiva, a narrativa entendida como uma espécie de texto ganha

objetividade e torna-se a mediação necessária entre o narrador e ouvinte.

Cabe a ambos, que são também ouvintes de si mesmos, apropriarem-se do sentido desse texto. A essa apropriação dou o nome de interpretação. Trata-se, na verdade de um desvelamento de um modo possível de olhar para as coisas e de ser no mundo. Ela implica não na posse de algo, mas no distanciamento da própria situação existencial na direção de uma nova autocompreensão.

A narrativa, independentemente das intenções subjetivas do narrador, tem o poder de desvelamento de um mundo possível e por isso proporciona ao sujeito a capacidade de conhecer-se a si mesmo.

MARISA T. D. S. BAPTISTA – “A DIALÉTICA HISTÓRICA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA DE IDENTIDADE”

O estudo da identidade hoje se volta para a discussão da possibilidade intrínseca de emancipação do ser humano.

Tendo em vista esta preocupação, importa neste momento sistematizar alguns conhecimentos sobre metodologia adquiridos com a prática da pesquisa nesta área efetuada pelos elementos do Grupo de Estudos e Pesquisa em Identidade - da PUC/SP. O objetivo desta mesa redonda portanto é o de discutir esta questão.

O ponto de partida para esta sistematização é a perspectiva de identidade com a qual trabalhamos. A identidade é considerada como um processo de metamorfose e como tal pressupõe a existência de contradições permanente na sua construção.

Esta perspectiva nos remete a avaliar a metodologia dialética histórica como sendo a mais adequada para poder captar o movimento da construção da identidade. O objetivo desta comunicação, portanto é o de analisar esta forma de pesquisa e apresentar algumas estratégias consideradas pertinentes.

REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES SOBRE SUJEITO, ÉTICA E POLÍTICA A LUZ DA ‘NOVA ORDEM’ SOCIAL, PARA PENSAR A EMANCIPAÇÃO

**COORDENAÇÃO: BADER BURIHAN SAWAIA
PROFA. DRA. DA PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL" -
PUCSP**

Resumo: a mesa visa refletir a temática do encontro: Emancipação dou barbárie, tomando como eixo analítico o resgate do sujeito e da subjetividade como questões sociais da modernidade contemporânea. O enfoque interdisciplinar permite a transcendência de ontologias regionais para colocar a individualidade no centro das

reflexões políticas, bem como analisar a subjetividade como questão ético-política, além de psicológica, superando, assim, o perigo da fetichização do sujeito que a euforia subjetivista atual pode provocar.

SYLVIA GEMIGNANI GARCIA
DEPTO. DE SOCIOLOGIA - USP

Tratando da questão dos sentidos políticos dos processos de formação de identidades nos movimentos sociais, exploro algumas tensões entre as análises que revelam os sentidos tirânicos ou democráticos dos movimentos; tensões essas que remetem ao problema das diferenças entre lógica crítica e a lógica da ação política na sociedade contemporânea.

JOSÉ LUIZ AIDAR PRADO - **"DISSENSO E SUJEITO: A POLÍTICA NO MUNDO DA PROCLAMADA NOVA ORDEM MUNDIAL"**
DOUTOR EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA - PUCSP

O mercado terá absorvido, neste final de século, a demanda de singularidade e diferenciação dos indivíduos, ao ponto de se dispensar a idéia de fetiche, como concebida na tradição Marx-Lukács-Adorno? Já não mais seria preciso temer a barbárie? Como pensar hoje o "sujeito a emancipar"? Como constituí-la? Como pensar a razão crítica que tematiza essa constituição? O sujeito a emancipar pode ser dito um "sujeito capaz de linguagem e de ação"? Ou seria um "sujeito do inconsciente", um lugar vazio a partir do qual uma ética do desejo poderia ser enunciada? Seria um sujeito pensado a partir do dissenso? Como aqueles que jazem calados poderiam vir à cena da política para enunciar? Como conceber uma tal política? Como poderia ocorrer o acontecimento em que um sujeito passe a sustentar sua palavra no espaço político, no campo dos sujeitos falantes? Como poderíamos pensar a interrupção da repetição da cena em que calados prosseguem calados? Ou da cena em que a algarviada daqueles que não cessam sua fala vazia possa estancar e aí se produzir o acontecimento de um espanto?

MARLITO DE SOUZA LIMA - **"A COLONIZAÇÃO COMO PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO DO SUJEITO"**
PÓS-GRADUANDO EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC-SP

A filosofia cristã medieval ao introduzir no interior da razão verdades reveladas

por Deus ao homem, fundamenta racionalmente o cristianismo como religião de indivíduos que não se definem por seu pertencimento a uma etnia, ou a uma nação, mas por sua fé num mesmo e único Deus. Isso significa, que a vida ética não será definida por sua relação com a sociedade mas pela relação espiritual e interior com Deus. A virtude é remetida assim para a interioridade, definindo uma série de critérios de contextualização e julgamentos a partir de onde o colonizador encontra não só justificativas para o submetimento dos povos indígenas à engenharia colonial, como critérios para a tarefa civilizatória. Neste sentido o processo de colonização pode ser entendido como uma tarefa de desestruturação do espaço tribal, da identidade étnica e da referência à natureza como um locus da contestação do sujeito, colocando o indivíduo interiorizado como referencial e modelo de emancipação.

É a partir do confronto de forças de resistências e apropriações que propomos refletir sobre a constituição, ou ainda, a inclusão do sujeito pela exclusão.

XAMANISMO E REPRESENTAÇÃO CULTURAL

COORDENAÇÃO: MARÍLIA G. GHIZZI GODOY - "O XAMANISMO GUARANI MBYA, A CONCEPÇÃO INDÍGENA DA DOENÇA E DOS DIAGNÓSTICOS NATIVOS"

DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP, PROFESSORA DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE SÃO MARCOS-SP, MESTRE EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - USP

Os Guarani Mbya do litoral do E.S.P. compreendem um movimento étnico e de tribalização apoiado no cultivo de valores tradicionais. Os xamãs operam como entidades ativas pela sua liderança e condução dos ideais da coletividade. Esse domínio tem viabilidade e se apóia no controle dos doentes e de suas doenças expressas como de natureza indígena. Os diagnósticos e tratamento xamanísticos projetam o universo cultural e mitológico próprio da tradição Mbya.

FERNANDA CARVALHO" "O XAMANISMO ENTRE OS TERENA DE TAUNAY/IPEGUE (MS)"

MESTRANDA EM ANTROPOLOGIA - USP, PESQUISADORA DO CENTRO DE ESTUDOS INDÍGENAS MIGUEL A. MENENDÉZ - UNESP - ARARAQUARA

Os Terena vivem hoje em dez áreas indígenas no oeste do estado de Mato Grosso do Sul, a maioria das reservas concentra-se no eixo Aquidauana - Miranda, onde se encontra o Posto Indígena Taunay/Ipegue. O contato dos Terena com a sociedade envolvente vem de longa data, há 200 anos deu-se a imigração para território brasileiro

E, desde então, suas relações com a população regional vêm se intensificando. Apesar do intenso processo de mudança cultural decorrente do contato com o "branco", o xamanismo terena se mantém principalmente ligado à atuação dos xamãs (koixomuneti) como curadores. Nas aldeias que formam o P.I. Taunay/Ipegue, a população dispõe, para assistência à saúde, das instituições de atendimento médico nas cidades próximas, dos fitoterapeutas indígenas, e dos koixomuneti. Nos casos de doenças mais graves, o koixomuneti é sempre procurado. As representações cosmo lógicas terena orientam a visão veiculada pelo xamanismo e se fazem presentes nas concepções de doença. A presença dos koixomuneti e sua atuação evidenciam a força criativa de um universo cultural frente às interferências de outros padrões de cultura.

ANTONIO BRAND – “O SUICÍDIO, SEGUNDO OS GUARANI/KAIOWÁ, NO MATO GROSSO DO SUL”

DOUTORANDO DO CURSO DE HISTÓRIA – PUC-RS (ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS IBERO-AMERICANOS), PROFESSOR NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB), CAMPO GRANDE - MS

O trabalho, apoiado em pesquisas de campo, apresenta, inicialmente, algumas quantificações e casos "exemplares", destacando, a seguir, as causas dos suicídios ressaltadas pelos índios em suas reuniões. Analisa as contradições e convergências que emergem nos relatos indígenas tais como o suicídio enquanto feitiço e doença. Finalmente, busca situar as explicações indígenas no contexto histórico de confinamento geográfico e cultural.

KILZA SETTI – “ORASSOM - PRECES CANTADAS DOS MBYÁ-GUARANI”

DOUTORA EM ANTROPOLOGIA - USP (ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ETNOMUSICOLOGIA)

As articulações entre religião, magia e música encontram-se em muitas culturas do mundo. Entre os índios Guarani-Mbyá do Brasil, as preces cantadas envolvem toda a comunidade das aldeias e os repertórios sagrados integram a educação informal das crianças. Devoção, obsessão, musicalidade, espiritualidade, religiosidade, confundem-se e fundem-se no esoterismo das rezas noturnas (poraí). A religiosidade gera e garante a continuidade de ocasiões musicais eminentemente coletivas, verdadeiros celeiros da música tradicional. O caráter coletivo das rezas comunitárias e os constantes deslocamentos dos Mbyá inter-aldeias, favorecem a circulação e repetição das matrizes musicais sagradas e consolidam seu sistema musical religioso. A identidade e sentido de sobrevivência dos Guarani-Mbyá parecem estar alicerçados pela música.

JESÚS EDUARDO CANELÓN PÉREZ – “SAÚDE E PRÁTICA RELIGIOSA POPULAR NA VENEZUELA: O CULTO A MARIA LIONZA”

ANTROPÓLOGO, UNIVERSIDAD CENTRAL DE VENEZUELA, CARACAS, 1980

DOCENTE DE LA FACULTAD DE MEDICINA DE LA UNIVERSIDAD CENTROCCIDENTAL "LISANDRO ALVARADO" (UCLA), BARQUISIMETO, ESTADO LARA, CURSANTE DEL ÚLTIMO AÑO DE LA MAESTRÍA EN SALUD PÚBLICA DE LA UCLA. ACTUALMENTE REALIZA UNA PASANTÍA EN LA FACULTAD DE SALUD PÚBLICA DE LA UNIVERSIDAD DE SÃO PAULO, BRASIL

La ponencia trata sobre el "Culto a María Lionza", una religión en formación en Venezuela. Se presentan aspectos de la historia, estructura y su relación con la salud tomando como referenda, los trabajos de Clarac de Briceño (1992) y Pollak-Eltz (1994), las entrevistas realizadas por el autor, durante el año de 1995, a diez practicantes del culto en un barrio de la periferia de la ciudad de Barquisimeto, del Estado Lara y la observación semi-participante, en el santuario conocido como Montaña de Sorte, en Chivacoa, Estado Yaracuy. Se pretende, además, dar una visión de cuáles son las características del culto en esa región y fundamentalmente, cómo se manifiesta el mismo en relación a los problemas de salud, en cuanto a diagnóstico de enfermedades, ceremonias y ritos asociados, tratamientos y el lugar que ocupa dentro de la comunidad como respuesta al sistema oficial de salud.

COMUNICAÇÕES COORDENADAS

A QUESTÃO DA DEFICIÊNCIA E OS MODELOS ASSISTENCIAIS

COORDENAÇÃO: EUCENIR FREDINI ROCHA – “REABILITAÇÃO: SUAS RAÍZES HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS”

DOCENTE DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA USP;

COORDENADORA DO NÚCLEO DE ATIVIDADES E VIVÊNCIAS NO COTIDIANO DO CURSO DE TO DA FMUSP; DOUTORANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

O presente trabalho versa sobre os pressupostos científicos da reabilitação e suas raízes históricas: o momento de sua constituição, as transformações que vem ocorrendo e os principais problemas enfrentados hoje pelo paradigma vigente.

Analisar-se-á como as técnicas e tecnologias da prática reabilitacional constituiu-se no interior da lógica da ciência positivista, onde sua meta é a reconstituição,

restauração, ou recuperação corporal e/ou comportamental (cognitiva, psicológica, social) do deficiente e os modelos de intervenção visam a correção e adaptação aos padrões de normalidade vigente, sem estabelecer nenhuma crítica.

Este projeto de intervenção corretiva é fundado nos conceitos de Normal e Patológico que tem suas raízes no séc. XIX, no paradigma da Norma e ainda constitui o arcabouço e meta das práticas reabilitacionais.

Questões como o papel do técnico e o seu poder, o entendimento da deficiência como um problema médico-social que demanda ações complexas de intervenção e de que o deficiente é um indivíduo que deve ser tutelado pelas instituições, são pontos a serem analisados nesse final de século a fim de redimensionarmos o papel e os objetivos da reabilitação.

ANA RITA DE PAULA – “AS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE HOJE FRENTE A QUESTÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA”
DOUTORANDA DE PSICOLOGIA CLÍNICA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA - USP

Far-se-á, a partir de uma revisão histórica desde o final da década de setenta até os dias atuais, uma análise das transformações ocorridas na estrutura e funcionamento das instituições concretas que a sociedade brasileira organizou para o enfrentamento da questão da deficiência.

Serão objeto de análise os movimentos de pessoas com deficiência, as entidades não governamentais prestadoras de serviços na área, os Centros de Vida Independente, os programas públicos de atenção a esse segmento populacional e os conselhos e coordenadorias em nível municipal, estadual e federal surgidos nesse período.

Descrever-se-ão as principais características dessas instituições quanto à estrutura organizacional (composição e funcionamento das diferentes instâncias das organizações), objetivos de trabalho declarados e relacionamento com as demais instituições, além da análise dos pontos críticos e de conflito entre as proposições de trabalho das mesmas.

Parte-se do pressuposto que essas formas de organização traduzem, na concretude das relações sociais, as tendências hoje existentes na compreensão e enfrentamento da questão da deficiência. Presume-se, ainda, que há diferentes concepções sobre deficiência estabelecidas simultaneamente entre as organizações e mesmo dentro de uma mesma organização e que estas estão articuladas a inúmeros outros componentes da visão de mundo dos diferentes grupos sociais.

Assim, acredita-se que o rastreamento e análise desse percurso histórico possa contribuir para uma melhor compreensão da deficiência e conseqüentemente para o estabelecimento de práticas que, com maior efetividade, contribuam para a melhoria

da qualidade de vida das pessoas com deficiência em nosso meio.

MARIA ISABEL GARCEZ GHIRARDI - "O TÉCNICO E SUAS AÇÕES FRENTE ÀS NOVAS PRÁTICAS EM SAÚDE"

DOCENTE DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA USP; DOUTORANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

A partir da análise de relatos de mães de crianças portadoras de Síndrome de Down, pudemos identificar algumas das representações que essas mães elaboram acerca da ação do técnico tanto no processo de detecção da deficiência, quanto no processo de tratamento de seus filhos.

A presente comunicação tem como objetivo partir da análise das categorias de representações identificadas no discurso das mães, a fim de esboçar um perfil do lugar ocupado pelo técnico nas ações tradicionais de reabilitação.

Em seguida, buscar-se-á discutir possíveis alternativas de ações técnicas, frente às novas propostas em reabilitação (tais como a reabilitação com base na comunidade e a reabilitação psicossocial), que visam superar os modelos segregacionistas, buscando alternativas que viabilizem a participação social das populações tradicionalmente marginalizadas.

FÁTIMA CORRÊA OLIVER* E ROSELI ESQUERDO LOPES - "POLÍTICA DE SAÚDE E ATENÇÃO À SAÚDE DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA: REFLEXÕES"**

* CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; DOUTORANDA EM SAÚDE PÚBLICA DA FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA USP
**DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS; DOUTORANDA EM EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP

Trata-se de discutir a constituição dos serviços públicos de saúde para a pessoa portadora de deficiência.

A maior parte dos serviços de reabilitação existentes em nosso país foram constituídos a partir da criação de instituições de assistência, por iniciativa da sociedade civil, através de entidades beneficentes e filantrópicas.

Ao mesmo tempo grande parte dos adultos deficientes, principalmente aqueles diagnosticados como deficientes mentais, compõem um grande contingente da população internada nas instituições psiquiátricas.

É recente a constituição de instituições do tipo asilar e custodiar especificamente para deficientes mentais e/ou físicos. Estes passam a atender aquelas pessoas

acometidas por quadros mais graves. Nesses locais a clientela se inscreve como "consumidora passiva" de uma assistência organizada segundo a lógica da filantropia.

Até o início da década de 80, no setor público a assistência restringe-se a poucos serviços ligados às instituições de ensino, como por exemplo o Instituto de Ortopedia e Traumatologia e a Divisão de Reabilitação Vergueiro do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

É mais recente ainda a preocupação com a assistência à essa clientela, como no caso da Secretaria do Estado da Saúde que, a partir de 1986, pelo Programa de Saúde do Deficiente, implantou atendimento de reabilitação em algumas unidades de saúde de sua rede e da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo que a partir de 1992 tem iniciativa semelhante. Essas propostas têm mérito maior por levantar a discussão junto às regiões de saúde sobre a necessidade de incorporação dessa população em suas unidades do que por conseguir assumir na prática assistencial essa população.

Essas iniciativas do setor público tentam responder às pressões dos movimentos organizados de pessoas portadoras de deficiências e às prerrogativas constitucionais do direito universal à saúde, e em especial para as pessoas deficientes, conforme apontado nos artigos, 279, 280 e 281 da constituição do Estado de São Paulo.

Isso representa um avanço no interior das políticas públicas, que até então apenas se responsabilizavam pelo financiamento de parte da assistência privada, de caráter filantrópico, através de subvenções.

JOVENS

COORDENAÇÃO: ELIZABETH DA SILVA NAKANO – “O PROJETO PROFISSIONAL DO ADOLESCENTE DE BAIXA RENDA, CONFORMAÇÃO PROFISSIONALIZANTE, NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE”

MESTRANDA DO PROGRAMA DE PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP

O trabalho que pretendemos apresentar refere-se a uma pesquisa que vai fazer parte da nossa dissertação de mestrado em Psicologia Social que será apresentada em agosto de 1996. Tem como estudo básico o projeto profissional do adolescente de baixa renda. Este adolescente após passar pelo curso profissionalizante do programa "Turma da Rua" realizado no centro de treinamento do Banco do Estado de São Paulo (BANESPA) foi inserido no mercado formal de trabalho. A reflexão desse tema constitui-se num estudo psicossocial desse adolescente em que privilegamos a teoria de identidade no seu processo de construção .

Identificar e compreender o projeto profissional como um componente do processo de construção da identidade de adolescentes de baixa renda envolvem várias questões

complexas que tentamos apreender no decorrer do estudo de nossa pesquisa, como por exemplo:

1. Quem é efetivamente o adolescente de baixa renda que participou de um determinado curso profissionalizante?
2. Qual o projeto profissional desse adolescente?
3. Quais os elementos que contribuíram na formação de seu projeto profissional?
4. Quais as articulações que o adolescente estabelece entre projeto profissional e projeto de vida?
5. Qual o movimento (reposição ou superação) predominante, o mais significativo que podemos identificar no processo de construção da identidade desse adolescente?

De um modo geral os resultados da pesquisa apontam: a) um adolescente que é inserido no mercado de trabalho sem saber ao certo o que o espera e o compromisso laboral que assume tem a miséria familiar como "testemunha" da relação cOntratual; b) o projeto profissional desse adolescente de forma fragmentada e irreal enquanto concretização, pois ele não percebe a ausência de condições subjetivas e objetivas como elementos imprescindíveis para a concretização de um projeto; c) uma autodescrição de um "eu" fragmentado nas relações que articula no mundo social; d) um processo que construção da identidade de um adolescente alienado que acredita que pode tudo sozinho, que não se torna outro, enfraquecendo o reconhecimento da unidade da objetividade e da subjetividade, da igualdade e da diferença é reforçando o movimento de reposição no seu processo de construção da identidade.

Na conclusão de nosso trabalho apontamos como perspectiva emancipatória uma política de identidade direcionada à educação formal, pois acreditamos que idéias e crenças com base nas relações de determinações impostas ideologicamente podem ser combatidas e metamorfoseadas por não serem herança genética da condição humana.

MARILU DIEZ LISBOA - "ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/OCUPACIONAL: PROJETO PROFISSIONAL E COMPROMISSO COM O EIXO SOCIAL"

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
MESTRANDA NO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
PSICOLOGIA SOCIAL- PUC-SP

O presente estudo se propõe analisar a possibilidade de que, a partir de um processo de Orientação Profissional baseado no modelo da Orientação Vocacional/Ocupacional (O.V/O), o projeto profissional de jovens com acesso a escolha da carreira se desenvolva no sentido do compromisso com a construção e a transformação da sociedade.

Foi utilizado o modelo da O.V/O uma vez que ele propicia a abordagem dos conceitos de "ser", "ter" e "fazer". Estes possibilitam despertar ou desenvolver limites

mais amplos, que vão além do ganho individual, a partir do projeto profissional. Como parte destes conceitos foram discutidos os significados de "trabalho" e "compromisso do profissional com a sociedade". Participaram da pesquisa 8 sujeitos, selecionados a partir do interesse em cuidar de sua escolha profissional através de um processo específico, jovens de classe média, com idades entre 16 e 18 anos, cursando os segundo e terceiro anos do segundo grau em duas escolas particulares da região urbana.

Para introduzir este estudo utilizou-se a entrevista estruturada, elaborada em dois momentos: antes e depois da inserção de reflexão e discussão sobre os temas acima citados. Assim, o ponto de partida e o ponto de chegada se situam num recorte entre o antes e o depois da inserção, no processo de O.V/O, da etapa denominada "o projeto profissional vislumbrando o desenvolvimento do compromisso com a construção e a transformação da sociedade". A análise e a interpretação dos dados foi feita a partir dos conteúdos expostos nas entrevistas.

Os depoimentos dos sujeitos na segunda entrevista, comparada à primeira, mostra que os jovens desenvolveram a consciência quanto a questão proposta, sugerindo que este processo viabiliza a construção de um projeto profissional comprometido com a construção e a transformação da sociedade, conseqüentemente interferindo de modo significativo no desenvolvimento da identidade dos sujeitos.

Esta constatação gera novas e significativas implicações para o processo educativo em geral e para a Orientação Profissional em especial, lugares onde cabem discussões mais abrangentes no sentido da escolha do trabalho poder se dar além dos aspectos voltados unicamente para as questões individuais, mas, ao contrário, e com vistas ao coletivo e com base na solidariedade.

CRISTINA ALMEIDA DE SOUZA - "**HISTÓRIAS DE SALVAÇÃO**")

Esta comunicação apresenta dados extraídos de pesquisa que fundamentou elaboração de dissertação de mestrado sobre a construção da identidade de jovens marginalizados socialmente, além daqueles colhidos durante atuação em programa de iniciação profissional direcionado para essa população.

Nas histórias de vida destes jovens, oriundos desse segmento social, compreendido como aquele alijado do processo de produção, ou nele participando nos níveis mais desqualificados da divisão social do trabalho, aparecem alguns pontos em comum: baixo grau de escolarização; histórias familiares com graves rupturas, (desemprego, separação, migração), culminando, muitas vezes, com abandono; a mãe como figura central do núcleo familiar; contato próximo ou vivência de situações de violência ou criminalidade.

Nas histórias dos sujeitos pesquisados, as perspectivas eram "ser bandido" (Pedra), empregada doméstica ou ajudante geral em pequena oficina (Ana e Cristiane),

concluindo, se muito, o primeiro grau. Estas alternativas foram vivenciadas por eles. Pedro participou de uma "gang". Cristiane trabalhou em pequena gráfica, sem perspectivas de crescimento profissional ou pessoal. Ana, por pouco, não abandonou a escola, vítima da discriminação das colegas (não aceitavam a colega "favelada") e da colocação involuntária da professora, recomendando cuidado ao vê-la conversando com um catador de papel (o próprio pai da jovem). Assim, as alternativas existentes apontavam no sentido de reprodução das condições marginais de existência. No entanto, estes jovens conseguiram construir outras histórias e viver outros personagens, constituindo exemplos de emancipação social.

No processo de construção de suas identidades foram observados alguns aspectos significativos, tais como: condições mais ou menos estáveis nos primeiros anos de vida e a figura dos pais enquanto "outros significativos", cujas expectativas são consideradas, seja para atendê-las, seja para refutá-las; a deposição nestes jovens, após a ruptura com a condição anterior de existência, de expectativas de "salvação" do grupo familiar, muitas vezes coexistindo contraditoriamente, com aquelas de manutenção da situação dada; a infância inexistente, com a vivência antecipada de papéis adultos, não apenas daqueles aceitos socialmente (responsabilidade pelos cuidados domésticos, inserção precoce no mercado de trabalho, entre outros) como também daqueles delinquentiais.

Nos caminhos de emancipação trilhados por estes jovens parecem ter sido relevantes a vivência de um contexto onde foi possível o estabelecimento de relações com outros "outros significativos" e a colocação de novas expectativas, que puderam ser atendidas. Importante neste processo, enfatizado por todos os jovens pesquisado, foi a aceitação de suas realidades, que não precisaram ser escamoteadas. Este contexto propiciou condições dignas de trabalho e remuneração e o exercício de atividades que possibilitaram a "transformação de si mesmos". A partir daí foi possível a construção dos personagens de trabalhador competente e provedor, que puderam atender as expectativas de salvação do grupo familiar.

Finalmente, observa-se a importância dos projetos de vida que puderam ser formulados, ampliando as alternativas de identidade colocadas, possibilitando uma maior alternativa frente aos papéis sociais vividos.

MARTA MEIRELLES dos SANTOS – “SINGULARIDADES DO PROJETO DE VIDA: TRINCHEIRAS DE JOVENS QUE ESTIVERAM EM SITUAÇÃO DE RUA”

MESTRE EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC-SP, PROFESSORA DE PSICOLOGIA SOCIAL UNIP/SP E CLÍNICA PARTICULAR.

Esta pesquisa tem como objetivo principal compreender a construção do Projeto

de Vida de dois jovens que estiveram em situação de rua. Pata tanto parte-se do referencial teórico de Antonio da Costa Ciampa sobre identidade, a qual é entendida, genericamente, como um processo de construção do sujeito.

Esse processo é composto dialeticamente por experiências passadas, realizações do presente e desejos do futuro. A compreensão do Projeto de Vida visa focalizar, mais especificamente, o lançar-separa o futuro.

O pressuposto fundamental para a construção do Projeto de Vida, numa sociedade cujo projeto é de morte, constitui-se nas formas de resistência. Para a compreensão das formas de resistência são utilizados alguns conceitos teóricos de Enrique Pichon-Rivière, psicanalista argentino. Problematiza-se as "formas de resistência como adaptação ativa ou passiva à realidade.

A análise das histórias de vida dos sujeitos possibilitou chegar a algumas conclusões: Os jovens que estiveram em situação de rua apresentam formas de resistência, tanto adaptação ativa como passiva à realidade, contra um projeto social de morte na realização de seus Projetos de Vida. Esta constatação contrapõe-se ao senso comum de que esses jovens não buscam encontrar saídas alternativas como forma de superar sua realidade.

Na compreensão da construção do Projeto de Vida desses jovens observou-se que sua identidade se desenvolve através de diversas personagens, como forma de buscar a humanização.

AIRTON F. EMBACHER – “A PARTICIPAÇÃO DO VESTUÁRIO NO DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DO JOVEM”
MESTRANDO EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC-SP

O objetivo deste trabalho é articular o vestuário com o processo de desenvolvimento da identidade a partir de um embasamento teórico habermasiano.

É sabido que o ser humano se veste para expressar ou ocultar e/ou melhorar o seu auto-conceito. É de se esperar que procure revelar as suas vantagens e ocultar as suas desvantagens. A roupa pode aumentar a confiança e melhorar provisoriamente a autoestima.

O vestuário ganha contornos psicológicos mais fortes no processo de desenvolvimento da identidade, quando é utilizado para comunicar o auto-conceito em busca de um reconhecimento do outro. O olhar do outro é situação sine qua non para um sentimento de identidade.

Observa-se que a importância dada ao outro transforma-se de maneira significativa da infância até a fase adulta. Esta transformação relaciona-se com os três níveis do processo de desenvolvimento da identidade da teoria de Habermas - identidade natural,

identidade de papéis e identidade do eu.

Se, por um lado, na identidade de papéis a confiança do sujeito é menor com relação ao seu auto-conceito e há uma insegurança se este auto-conceito será ou não reconhecido - por isso a importância desmedida dada ao vestuário, característica principalmente encontrada no jovem - por outro lado, na identidade do eu, o sujeito transcende essas inseguranças e o olhar do outro toma-se menos ameaçador. É possível ainda perceber nesse estágio, que o sujeito - agora, pessoa, segundo Habermas adquire um estilo próprio, melhor definido, de vestir -se. Um sentimento de "eu mesmo" se mantém mesmo nas situações mais adversas.

Isso não significa que na identidade do eu não existam papéis a serem desempenhados, nem que não seja dada mais nenhuma importância à roupa, mas, que o sujeito, agora com poder mais crítico e de reflexão, tem consciência do caráter instrumental do vestuário para a melhor representação possível do seu eu.

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DE ANÁLISE DO PROCESSO EXCLUSÃO/ INCLUSÃO

COORDENAÇÃO: KÁTIA MAHEIRIE - "ANÁLISE DO COTIDIANO: AS CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO PROGRESSIVO-REGRESSIVO"
PROFA. DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - UFSC E
DOUTORANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL - PUC/SP

A partir de uma concepção de homem que, desde as redações cotidianas, é construído e constrói sua história e a história de sua sociedade, a noção de "vivência", tal como foi desenvolvido por Sartre, pode ser de grande contribuição para um método de pesquisa sobre o cotidiano. O homem, nesta perspectiva, é visto como sendo a totalização de seus atos, significações, objetivações, de suas relações, no seu mais breve gesto.

O método de pesquisa deve envolver, então, instrumentos de coleta e análise dos dados que alcancem a esfera do cotidiano, pois em cada perspectiva desta esfera, vamos encontrar o homem inteiro, com sua história passada e com certo impulso em direção ao futuro. O cotidiano, como a dimensão da vida de todos os dias, não pode ser compreendido como uma esfera independente da História, ao contrário, ele a constrói ao mesmo tempo em que é atravessado fundamentalmente por ela.

O primeiro passo pode ser considerado como um movimento descritivo do cotidiano, podendo para isso, utilizar da observação (participativa ou não) para falar do cotidiano tal como ele acontece. O segundo passo envolve uma compreensão dialética que deve

procurar reconstituir o movimento da singularidade e do cotidiano, dentro do campo universal da história.

Portanto, o método de análise da pesquisa sobre o cotidiano, deve envolver um sentido que é progressivo (do sujeito singular e seu cotidiano para as determinações da história mais geral - sua e de sua sociedade) e regressivo (das determinações da história mais geral para a vivência cotidiana do sujeito singular). Falar do homem e de seu cotidiano é falar do movimento da vivência específica do sujeito inserido na História.

SILVANA SANTOS GARCIA – “CIÊNCIA E FICÇÃO: REDISCUTINDO A FORMA DO DISCURSO CIENTÍFICO”

PUC-SP

A pesquisa por mim realizada durante o Mestrado em Psicologia Social, trata da vivência feminina de atividade ideologizada, mediada por espaço opressor, idealizado sobre a relação capital/trabalho e construído para regulamentar as relações interpessoais. Através da análise do ofício de secretariar, assim como das condições sócioeconômicas das secretárias do Centro Empresarial de São Paulo, trabalhando sobre o cotidiano das mesmas, pude observar as estreitas relações implícitas ao exercício desta atividade.

Procurei, neste trabalho, uma nova forma de registro das emoções, presentes e constituintes da relação pesquisadora/entrevistada, as quais inscrevi na forma de pequenos poemas, crônicas e contos. O texto conta assim com duas vozes, que se entrecruzam e referenciam, garantindo a leitura científica e dando espaço também para a articulação do drama e da ficção. Utilizando-me do Método da História Oral, produzi personagens de ficção a partir do substrato do discurso das secretárias e, lançando mão da Dialética Histórica para a análise, construí o discurso teórico da Dissertação que, ao mesmo tempo, explicita o drama da personagem e analisa a vivência da entrevistada.

MARIA REGINA NAMURA - "A PRODUÇÃO DE SIGNIFICAÇÃO NA ANÁLISE DE DISCURSO, PERMITINDO UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO / EXCLUSÃO"

PUC-SP

O trabalho baseou-se na História de Vida Profissional de um sujeito (sujeito-gerente) vivenciando o processo de mudança que permeia o ambiente organizacional, e mostra o confronto entre estar para a mudança e estar em mudança, entre o dever ser e o ser, entre o eu-gerente e o eu-pessoa sob a imposição do "paradigma da mudança".

A análise do discurso se fundamenta nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica de Vygotski, através do subtexto, que supera a aparente transparência do discurso do sujeito na análise de conteúdo e capta o processo de produção de significações produzido nas relações de intersubjetividade com a Organização.

Da análise subtextual emergiram os "trechos significativos", constituídos de palavras-chave e refrões que desvelaram motivos, ambigüidades e conflitos encobertos pela retórica discursiva. O "jogo" das significações e a retórica construídos pelo sujeito para apresentar -se como um gerente capaz de mudar, constitui um ser para a mudança e revela o movimento de inclusão no sistema de gestão participativo, enquanto o sujeito-pessoa, um ser em mudança que resiste a um direcionamento predeterminado pela Empresa é excluído do sistema participativo.

Assim, nas intersubjetividades anônimas em que o Outro por excelência é a empresa, o eu-pessoa só é reconhecido enquanto eu-gerente, quando resignifica o passado para atualizar o presente e apresentar o personagem gerente, como representante de si mesmo. em perfeita harmonia com as missões e necessidades da Empresa, revelando a dinâmica do processo de inclusão do sujeito para a mudança que exclui o sujeito em mudança.

**SUSANA INÊS MOLON - "O SUBTEXTO: LEITURA E ANÁLISE
SUBTEXTUAL NA REFLEXÃO DO PROCESSO EXCLUSÃO /
INCLUSÃO"**
PUC-SP

O subtexto como perspectiva metodológica de análise foi realizado na minha dissertação de mestrado intitulada "A questão da subjetividade e da constituição do sujeito nas reflexões de Vygotski" (Molon, 1995)

As temáticas da subjetividade e do sujeito eram consideradas excluídas da teoria de Vygotski e da área da Psicologia Social. Na leitura e análise subtextual desvela-se a inclusão dessas temáticas através de dois eixos fundamentais, quais sejam: a consciência e a relação constitutiva eu-outro.

N a busca do descobrimento conceitual na obra de Vygotski deparei -me com a própria metodologia do autor, 'O subtexto, que orientou a minha análise da obra do autor com os seguintes elementos: considerar historicamente o momento científico, cultural, social e político da antiga Rússia, da Psicologia e da Psicologia Soviética no início do século XX; analisar a trajetória de vida, a obra e a motivação do autor; compreender sua concepção metateórica da psicologia, filiação teórico-metodológica e filosófica; assim como, estilo de pensamento e movimento das idéias; além disso, conhecer as diferentes leituras da teoria vygotkiana com ênfase nos modos de conceber

a constituição do sujeito e da subjetividade. Esta perspectiva metodológica, o subtexto, favoreceu a explicitação da inclusão das temáticas da subjetividade e do sujeito tanto na obra de Vygotski quanto na Psicologia Social, ou seja, revelou o processo de exclusão/inclusão presente no campo teórico-metodológico.

**EMANCIPAÇÃO DE DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS
NÚCLEO DE IDENTIDADE - PUCSP**

**COORDENAÇÃO: LENITA DE AZEVEDO FREITAS “DA
POSSIBILIDADE IMPOSSIBILITADA NUMA CARREIRA
PROFISSIONAL SÓLIDA DE SUCESSO À SUA CONCRETIZAÇÃO,
QUANDO O PAPEL PROFISSIONAL DEIXA DE SER O MAIS
IMPORTANTE VEÍCULO DO ESBOÇO DE UMA BIOGRAFIA”**

A construção da identidade sustentada no papel profissional e na expectativa de que viver bem significa ascender socialmente, e isso, por sua vez, significa trabalhar numa grande empresa que lhe assegure uma carreira bem sucedida para toda vida, pode impossibilitar o questionamento dessa expectativa e inserir o indivíduo em situações contraditórias que exigem reelaborações na concepção de si mesmo, quando ocorre a ruptura na carreira profissional pela demissão involuntária e o desemprego dela decorrente.

A impossibilidade de questionamento dessa expectativa pode levar o indivíduo a apresentar queixas e sofrimentos por ela não estar mais sendo realizada, o que paradoxalmente atua na estrutura social no sentido da sua conservação.

As situações contraditórias em que se insere o indivíduo pode colocá-lo, portanto, diante da alternativa de se quebrar, mas pode também colocá-lo diante da alternativa de iniciar uma nova vida, quando surge a possibilidade da afirmação da sua própria identidade pela construção de uma consciência de si, que torna possível a liberdade frente às relações impostas pelos sistemas sociais coercitivos, quando o indivíduo pode dizer "Eu" de si mesmo, porque produz e conserva uma identidade que não lhe é meramente atribuída, que não é uma auto-afirmação tout court, mas uma auto-afirmação intersubjetivamente reconhecida, fundada em princípios éticos universais, ou seja, princípios construídos a partir da dialética eu-outros em geral. Assim, a construção da identidade se faz no sentido de uma identidade metamorfose, de uma identidade do Eu, de uma identidade emancipatória.

Portanto, a organização do trabalho quando não apresenta um crescimento fundamentado em tecnologias e organizações sustentadas numa racionalidade comunicativa, não muda o rumo de nosso desenvolvimento, no sentido da consolidação de uma democracia e, ao predeterminar as metas a serem alcançadas

pelo indivíduo, desqualifica-o como sujeito, cindindo-se, assim, a totalidade ética em que cada indivíduo tem a possibilidade de ver na infinita independência: do outro indivíduo, sua completa unidade com ele.

FÁBIO BARBOSA RIBAS JUNIOR – “TRABALHO E EMANCIPAÇÃO: A IDENTIDADE DO TRABALHADOR BRASILEIRO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA”
DOUTORANDO EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC-SP

Recorrendo a pesquisas sócio-históricas e textos literários, este estudo procura analisar aspectos significativos do desenvolvimento histórico do trabalhador brasileiro e refletir sobre a reprodução e transformação de valores, modos de conduta e padrões de construção da identidade do trabalhador.

A análise da identidade como processo histórico é feita a partir da reconstrução de características psicossociais dos homens da vasta camada de libertos e pobres, que se avoluma a partir da segunda metade do século XIX em decorrência do fim do regime escravocrata, e da reconstrução da trajetória de um trabalhador rural nordestino, que inicia sua vida como agricultor de subsistência na Bahia na década de 40 e se transforma em subproletário em São Paulo no final dos anos 80.

a intento epistemológico do estudo é contribuir para a fundamentação de uma psicologia social historicamente orientada, entendida como disciplina parceira de um esforço teórico multidisciplinar voltado à compreensão do processo histórico de cisão entre o indivíduo e a sociedade, a partir do qual surge a problemática moderna da identidade humana.

MARIA CECÍLIA DE MOURA – “A QUESTÃO DA EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO SURDO”

A indivíduo surdo tem sido visto, através da história, como incapaz, tendo os Seus direitos básicos negados. Essa noção de "incapacidade" perdura até os dias de hoje é perpetuada através da negação da Língua de Sinais como língua própria de uma comunidade minoritária. a próprio conceito de comunidade surda é questionada em termos como "segregação" e "gueto surdo". a surdo, atualmente, reivindica seu espaço e a validação pela sociedade majoritária da sua língua e da sua comunidade. Este movimento, presente em todo o mundo, conta com o apoio de segmentos impor): antes da comunidade científica que têm contribuído para a compreensão e esclarecimento de conceitos com a finalidade de fornecer respaldo às necessidades colocadas pelos surdos. Tem sido mostrada a importância da Língua de Sinais na educação do surdo e as conseqüências de incapacitação: imposta ao surdo decorrente desta não utilização.

Consideramos de importância fundamental o entendimento destes aspectos, do papel da comunidade surda a nível de formação de identidade do surdo e da necessidade da participação dos surdos no processo educacional de seus pares. A emancipação do sujeito surdo não é um projeto isolado, mas faz parte de todo um movimento que se preocupa com os direitos daqueles segmentos ignorados e discriminados pela sociedade.

MARIA IRENE STOCCO BETIOL - "FEMININO E EMANCIPAÇÃO"

Dentro do quadro mais amplo deste encontro, ou seja, o do debate sobre emancipação, a proposta desta comunicação é a de abordar a questão feminina.

Colocadas algumas premissas apontadas por Habermas como o caminho para a emancipação, tentaremos esboçar o quadro do cotidiano feminino, no mundo público e, de posse desses dois conjuntos de informações, problematizarmos a viabilidade atual de uma vida coletiva de entendimento não coagido e menos ameaçada.

SUELY HARUMI SATOW- "EMANCIPAÇÃO E PORTADORES DE DEFICIÊNCIA"

Para se falar na emancipação da pessoa portadora de deficiência, é preciso pensar em como ela é identificada coletivamente na sociedade. A ppd é identificada como um ser inútil, incapaz, enfim, um ser sub-humano. Se consegue atuar na sociedade, é vista como super homem. Jamais lhe é dada a identificação de ser humano, como cidadão comum. Como Bader Sawaia diria, a ppd é incluída pela exclusão. Ou seja, ela tem a legislação garantindo sua cidadania, mas os governos e a sociedade brasileira em geral não a cumprem. Nem o direito básico de todo cidadão de ir e vir, ou de satisfação de suas necessidades fisiológicas de ir ao banheiro de uso público estão sendo garantidos no Brasil. Por ser esta a identidade coletiva que se tem da ppd., os órgãos governamentais e entidades prestadoras de serviços tomam atitudes de tutela, de assistencialismo e paternalismo perante este segmento, vinculando, desta forma, seu direito à cidadania; a sua emancipação. Só para dar um exemplo: a ppd ainda está no setor das crianças e adolescentes na Procuradoria do Estado de SP, denotando aí a idéia que as autoridades tem de que ela tem de ser tutelada, não lhe dando sua emancipação; tão desejada pela ppd.

Para a conquista ou reconquista de sua emancipação, a ppd ainda sofrerá várias violações nos seus direitos humanos, o que o leva ao sofrimento, ao auto-preconceito e conseqüente passividade frente à discriminação que o meio social em que vive lhe impinge, e terá um longo caminho de luta para a transformação de sua identidade

pessoal e social, porque nem ela e nem os outros não vêem "a pessoa do deficiente, mas a deficiência da pessoa" (Lurdes Guarda).

WILSON JOSÉ ALVES PEDRO - "IDENTIDADE MASCULINA"

O presente trabalho contém as reflexões preliminares sobre a temática "Identidade Masculina". Trata-se de um estudo exploratório das transformações psicossociais do homem nesta década de noventa. A partir da categoria identidade são analisados artigos da mídia, correlacionando-os com alguns dados coletados para a realização de nossa dissertação de mestrado junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

COMUNICAÇÕES ORAIS

CRIANÇA E ADOLESCENTE I

SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ - "UMA ESTRATÉGIA DE AÇÃO JUNTO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO SOCIAL OU PESSOAL DE RISCO"

PROFESSOR ASSISTENTE JUNTO AO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA, SOCIAL E ESCOLAR - UNESP - CÂMPUS DE ASSIS - MESTRE PELA PUC-SP

O presente estudo pauta-se num trabalho com crianças e adolescentes em situação pessoal ou social de risco onde, durante 6 horas por semana, reuníamos em grupo para discutir temas como: a história de vida, cidadania, liberdade, sexualidade, amores, tristeza etc. Com o objetivo de se criar um espaço de diálogo onde as crianças e adolescentes pudessem falar sobre o mundo em que viviam, criar vínculos e ter um certo impacto na família e na escola.

Durante o ano de 1995 trabalhamos em média com 18 crianças e adolescentes encaminhados pelo Conselho Tutelar. Fizemos várias visitas domiciliares onde observávamos assistematicamente as relações familiares, e compusemos um grupo que se reunia todas sextas-feiras, das 12 às 18 horas para discutir seus projetos de vida, seu mundo como era etc. Criamos um vínculo bastante intenso onde gradativamente fomos percebendo mudanças/transformações em suas subjetividades, nos seus jeitos de se posicionarem na vida.

O método foi a escuta, a relação dialógica, o esclarecimento do que era cidadania,

de seus potenciais de luta pela vida, utilizávamos também técnicas psicodramáticas, que foram bastante relevantes para o trabalho.

Esse tipo de intervenção com crianças e adolescentes em situação pessoal ou social de risco, faz-se necessário, primeiro porque há uma demanda dos mesmos e por outro lado, a Psicologia Social, como ciência e como política deve procurar desvendar os lugares onde a violência social se instala, propiciando às crianças e adolescentes esse entendimento e criando para si movimentos disruptivos no campo social, onde possam afirmar-se como sujeito da história e da sua própria história de vida. Movimentos estes que passam por produção de vínculos que possibilitam a eles uma relação mais afetiva e menos destrutiva, tanto em relação com suas próprias vidas quanto dos outros semelhantes, ou seja, aprender a conviver com a diferença, não que isto signifique se submeter a ela, mas sim estabelecer uma relação de alteridade, passando pelo questionamento do ECA, e desejando colocar em prática os seus direitos e possivelmente um resgate da cidadania.

Após um ano de trabalho com esse grupo de adolescentes, apenas um não voltou à escola e todos arrumaram algum tipo de trabalho.

Acreditamos que esse trabalho teve um grande impacto no adolescente, na sua família e na escola.

SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ*, **CELIANE BORGES****, **ADRIANA DA SILVA**** - **"UMA TENTATIVA ELE RESGATE DA POTÊNCIA DE VIDA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO PESSOAL OU SOCIAL DE RISCO"**
*PROF. ASSISTENTE JUNTO AO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA, SOCIAL E ESCOLAR' UNESP, CÂMPUS DE ASSIS;
**ESTUDANTES DO 4º ANO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Em agosto de 1995 formamos um Núcleo de Estudos sobre a Violência\ focalizando a criança e o adolescente em situação de risco pessoal e social e infratores.

Esse grupo busca referenciais teóricos para o entendimento das questões relacionadas à violência cujo foco é a questão da infância e adolescência no país.

Ainda, o grupo pensa ser relevante esse estudo para a Psicologia Social, dado que seu objeto de estudo é o homem e suas relações sociais numa determinada sociedade.

Sociedade esta que marginaliza determinado segmento social, ao mesmo tempo que dissimula regenerar, recuperar esses seres para esta mesma sociedade.

Além das discussões teóricas pensávamos num modo de intervir de forma mais efetiva com crianças e adolescentes em situação pessoal ou social de risco, encaminhadas pelo Conselho Tutelar de Assis, à nós do Curso de Psicologia da UNESP (Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar).

Os problemas apresentados por essas crianças a nós (neste ano de 1996) são:

evasão escolar, indisciplina, rebeldia, prostituição infantil, uso de drogas, crianças que traficavam em obediência aos pais, andarilhos, mendicantes, uso de bebida alcoólica, tentativas de suicidas, pequenos furtos, etc.

Diante dessa realidade, o grupo decidiu que enquanto estudantes de Psicologia deveriam estar interferindo de algum modo nesse contexto, respaldado no trabalho desenvolvido anteriormente com outras crianças e adolescentes na mesma situação.

Para tanto, montamos um projeto de intervenção onde tínhamos a postura do não julgamento e o objetivo mais ou menos claro, de tentar resgatar ou construir vínculos que possibilitassem a essas crianças e adolescentes ter uma compreensão da sua produção, da sua história de vida (de como ela é, se pode ser mudada ou não).

MÉTODO: fazer visitas domiciliares, entrevistar pais, mães (ou companheiros), observar o lugar onde mora, as relações que se travam, posteriormente formar grupos.

Por que Grupos? Porque entendemos que o grupo é um espaço tático-estratégico onde singularidades emergem, espaço de subversão, lugar instituinte.

Os grupos serão coordenador pelo Núcleo, acontecerão semanalmente.

Desse lugar ora conquistado (reuniões acontecerão no Teatro Amador da Vila Operária), juntamente com as crianças e adolescentes iremos definir o que discutir, o que fazer.

Porém, de antemão, nós estabelecemos que iremos tentar estar discutindo com eles o Estatuto da Criança e do Adolescente, a questão da cidadania, seu lugar no mundo, a questão da sexualidade/AIDS, as representações sociais sobre a Escola, família, trabalho.

Com o fenômeno da globalização, do desemprego etc, pensamos em estar investindo de forma que ele potencialize sua vida questionando sua condição miserável de existência, pensando em como transformá-la e criar para si novas expressões de sentido e de vida que não passa necessariamente pela volta à escola, deixe de se prostituir, arrume um emprego na guarda mirim. A escolha será singular e grupal.

FERNANDO CANTELMO - "ADOLESCENTE EM CRISE OU ADOLESCÊNCIA NORMAL: UMA EXPERIÊNCIA COM GRUPO DE ADOLESCENTES"

MESTRANDO DO PROGRAMA DE PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP
ORIENTADOR: PROJETO ADOLESCER

Maurício Knobel, em seu texto A Síndrome da Adolescência Normal (in: ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992; p. 24-62), esclarece que devemos "considerar a adolescência como um fenômeno específico dentro de toda a história do desenvolvimento do ser humano, e, por outro lado, estudar a sua expressão

circunstancial de caráter geográfico e temporal histórico-social". Assim, devemos ter claro todas as esferas que envolvem o adolescente (sócio-cultural, biológica, econômica, psicossocial, etc.) e compreendermos que os adolescentes - e todas suas crises - vivem a "Síndrome da Adolescência Normal", ou seja, tais crises são necessárias para o desenvolvimento do indivíduo.

O autor sistematiza características da adolescência que podem ser descritas como uma "sintomologia" que integra a "síndrome normal da adolescência". São elas: "busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas - que podem ir desde o ateísmo intransigente até o misticismo mais fervoroso; deslocalização temporal- onde o pensamento adquire características de pensamento primário; evolução sexual manifesta - que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período de vida; uma separação progressiva dos pais; constantes flutuações do humor e do estado de animo.

Foi com esses princípios que, na Clínica de Psicologia Aplicada 'Betti Katzentein' - CPA - da Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP, criou-se o 'Projeto Adolescer'. Tal projeto é composto por uma equipe interdisciplinar que integra professores do Curso de Psicologia, funcionários do CPA (psicólogos, fonoterapeutas, etc.) e alunos/estagiários dos 4 e 5 ano de Psicologia.

Também foi com esse ideal que, entre outras propostas de ação do Projeto Adolescer, criou-se um Grupo Terapêutico e de Vivência composto por adolescentes e préadolescentes de ambos os sexos e diferentes situações sócio-econômico-cultural, visando elaborar uma forma diferenciada de trabalho com esse público.

O grupo se propunha a trazer uma visão psicossocial desse adolescente, sem ter como tática uma terapeutização do grupo. Assim, entendíamos que as 'situações problemas' não deveriam ser vistas como tal- a não ser em situações mais específicas - e todas as discussões acerca dos temas emergentes eram feitas pelo próprio grupo, tendo o coordenador não o papel de líder, mas sim o de mais um ego auxiliar para a elaboração das questões apresentadas.

Partindo do pressuposto de que as crises, dúvidas, etc. do adolescente fazem parte de um momento necessário para seu desenvolvimento, ou seja, caracteriza-se como uma síndrome normal da adolescência, e utilizando-se de exercícios e jogos lúdicos, dramáticos, pedagógicos, vivências, além de outras atividades que possibilitassem a integração e o questionamento de situações (como piqueniques, torneios de ping-pong, etc.), o grupo se propunha a trabalhar as questões comuns aos adolescentes.

Procurávamos não debater sobre coisas negativas ou pensá-las como tal. Compreendíamos que o adolescente é possuidor de uma grande 'energia' e que não

deveríamos discutir a forma como essa energia era canalizada ou posta em ação, mas sim oferecer opções para esse adolescente usar essa energia, produzir., elaborar, e, necessariamente, repensar suas práticas individuais. Por isso mesmo as atividades do grupo partiam sempre de uma prática vivencial.

Pudemos, no transcorrer e desenvolvimento das atividades, perceber nas falas dos adolescentes um crescente interesse pelo grupo e uma progressiva transformação em seus ideais e práticas.

CRIANÇA E ADOLESCENTE II

"ALGUNS ASPECTOS DO MUNDO DO TRABALHO NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DOS CORTIÇOS DO PARI"

PROF.DRA.MARTA ALICE FEITEM BURIOLLA/ PROF. AFONSO CELSO PANCINI PÓLA/ PROF. TEREZINHA LOURDES LOPES/ PROF. CECÍLIA PESCATORE ALVES/ ANDREA SVICERO/ MIRIAM VEGA DA SILVA/ PÉRSIA MARIA PEREIRA - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

O trabalho que estamos apresentando faz parte de um projeto de pesquisa desenvolvido na UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO (Campus São Paulo) com o objetivo de identificar a distância existente entre as condições de vida das crianças e adolescentes moradores em cortiços e a cidadania, definindo estratégias de intervenção junto aos moradores desse tipo de habitação que permitam a superação dessa distância.

Esse projeto é realizado no bairro do Pari, região central da cidade de São Paulo, caracterizado em grande medida por uma grande concentração de pontos comerciais e industriais e de habitações conhecidas como cortiços.

Cortiço é um tipo de moradia que apresenta ínfimos cômodos ocupados por famílias inteiras, às vezes separadas por divisórias improvisadas com pano, papelão ou eucatex, anulando qualquer sentimento de privacidade dessas pessoas em suas próprias moradias. No caso do bairro do Pari, grande parte dos cortiços é constituída de antigas unidades habitacionais, hoje abrigando várias famílias que disputam a utilização de equipamentos como banheiro, tanques e pias.

Na fase atual da pesquisa, estamos preocupados com a obtenção de informações junto às crianças e adolescentes entre 07 e 17 anos, referentes à questão da escola, da família, do trabalho e da moradia. Nos levantamentos realizados com um total de aproximadamente 100 crianças e adolescentes, aplicamos aleatoriamente em 10 delas, formulários mais detalhados contendo entre outras coisas, perguntas referentes ao mundo do trabalho, buscando identificar as aspirações destes em relação ao futuro.

Vale ressaltar que das 10 pessoas entrevistadas, apenas uma já desenvolve alguma atividade remunerada. Isso se deve ao fato dessas entrevistas terem sido realizadas

nos domicílios durante o dia e, portanto, praticamente anulando a possibilidade de se entrevistar àqueles que já trabalham.

Numa primeira análise das respostas obtidas, aparecem fortes indicadores da assimilação de uma realidade carente de perspectivas. A metade dos entrevistados pretende ser balconista ou empregada doméstica e ganhar entre 50 e 300 reais, enquanto que quase todos os que têm menos de 14 anos apontam essa idade como o momento de se inserir no mercado de trabalho. Apenas 3 ainda ousam sonhar com profissões que exigem alguma qualificação, apesar de todos eles ainda freqüentarem a escola.

Levando-se em consideração que o nível de desemprego está elevado e com tendências de aprofundamento e que a cada ano 1,5 milhões de jovens atingem a idade economicamente ativa, é compreensível o grau de modéstia das aspirações desses pequenos cidadãos.

Num país que caminha rapidamente para a consolidação de um processo de diferentes categorias de cidadania, é preocupante a convivência com uma prática de combate à miséria apenas no campo do discurso, sem no entanto apresentar medidas concretas. Nesse sentido, esse trabalho propõe uma reflexão sobre o processo de exclusão social em curso que atinge grande parte de nossa população.

SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ - "UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM ADOLESCENTES QUE VIVEM SOB A MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA DENOMINADA LIBERDADE ASSISTIDA - A VIRTUALIDADE DA INTERVENÇÃO"
PROFESSORA ASSISTENTE JUNTO AO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA, SOCIAL E ESCOLAR' UNESP , CÂMPUS DE ASSIS.

Esse trabalho vem sendo desenvolvido desde 1990 onde temos tentado estudar a produção da subjetividade em adolescentes que estão vivendo sob a medida sócioeducativa denominada Liberdade Assistida.

Esse convívio com essa clientela sempre nos faz transitar pela onipotência e pela impotência e sempre somos afetados de uma certa forma pelas condições de existência miserável nos aspectos econômicos e afetivos e pela violência praticada pelos adolescentes.

Os adolescentes por nós contatados provém do que se chama novas famílias (ao invés de famílias desestruturadas), já fizeram, ou fazem uso de drogas, começa, furtando coisas para comer até chegar no máximo em furto de mobylete.

Nosso trabalho tinha como objetivo criar vínculos, dentro de uma posição ética de não julgamento e da conquista da cidadania.

Pretendíamos usar da transgressão para colocar um dispositivo subversivo que potencializasse a vida (que era nos desvelada como uma história de vida de

autodestruição) e o caminho encontrado por nós foi a arte, onde através de nossas relações produzíssemos uma peça teatral que pudesse mostrar a população como o sistema social produz os agentes, sujeitos e infratores e como é viver essa vida severina.

O que pretendemos dizer é que o sistema capitalista produz subjetividades determinadas socialmente para que o sistema se mantenha produz o trabalhador, o louco, o delinqüente, cujos destinos já foram postos à priori - a fábrica, o hospital psiquiátrico, a Febem, presídios etc. julgá-los? responsabilizá-los pela perversidade política e social que os atravessa e se enuncia numa concretude: direito de se subjetivar como pôde: violência pela violência.

De certa forma os adolescentes infratores instituem modos de viver que embaçam os olhares dos chamados homens de bem (que vendem sua força de indivíduo ao mercado). Esse homem de bem irá julgá-la e decretará sua morte precoce, porém a nós, homens de conhecimento, nos resta pensá-los, problematizando-o e inserindo" os no contexto mundial, nacional, político e econômico do Brasil, não temos soluções.

A nossa intervenção teórico-prático como psicólogos com esses adolescentes foi o de interceptar seu processo de subjetivação, sem capturá-lo e mostrando que do lugar da transgressão, pode-se saltar para o da subversão, através da arte, no caso específico, o teatro/denúncia, mas para isto há que ter um desejo intenso, profundo de vida, em que o desejo de morte, embora presente no ser humano, não prevaleça.

Esse Núcleo é formado pela professora Soráia Georgina Ferreira de Paiva Cruz e pelos alunos: Celiane Borges, Maria Letícia de Andrade, Márcia Sel, Andrea Cano Madella, Adriana da Silva, Cintia Arlete F. Seabra, Simone Mateus da Silva, Andréia de Lima Rafael, Deivis P. Bispo, Eliska Sciasci Casarin, Gisele Zoppellari Yori, Luciana da C. Galeti, Marcela Giudussi Relder, Joicimar C. Cozza e Rosângela G. Tavares.

FERNANDO CANTELMO - "ARTIFÍCIOS, REFLEXÕES E REPRESENTAÇÕES DE UMA PRÁTICA EM PSICOLOGIA ESCOLAR: UMA AVENTURA"

MESTRANDO DO PROGRAMA DE PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP

ORIENTADOR: ELIZABETH GELLI YAZLLE

PROF.^A DR.^A JUNTO AO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA, SOCIAL E ESCOLAR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS - UNESP

A educação, a pré-escola, as abordagens em educação, as instituições públicas e as práticas possíveis em instituições escolares, vem, no cenário atual, sofrendo constantes (re)discussões acerca de teorias, projetos, subsídios, possibilidades e todo um quinhão de agulhões que aí se inscrevem. Este trabalho é um breve resumo de uma prática em Psicologia Escolar ocorrida em uma pré-escola sita à periferia da cidade de Assis, região oeste do Estado de São Paulo.

Buscamos, durante as várias fases do projeto, desfocar a visão de um sujeito cognitivo e/ou individual e compreendê-lo como um sujeito-ação (social, histórico, desejante, atuante, etc.) e entender a necessidade de uma abordagem construtivista, tanto na prática pedagógica como no respeito atribuído a realidade do indivíduo em uma prática psicológica, que possibilite despertá-lo à uma ação emancipatória. Essa metodologia permitiu um diagnóstico totalizante - que passou pela análise institucional, pelo (re)conhecimento das condições objetivas e subjetivas da amostragem populacional, pela compreensão de sua condição psicossocial, etc. - possibilitando a criação de estratégias de ação coletiva.

Partindo desse diagnóstico concreto, a intervenção proposta procurou uma integração entre os vários departamentos e áreas do curso de Psicologia, a Secretaria Municipal de Educação de Assis e outros órgãos que foram necessários no percurso do trabalho, além, é claro, das idéias, colocações e reflexões dos próprios integrantes da pré-escola e da comunidade do bairro.

Foram organizados "mini-projetos de ação" como: "grupos de pais", "educação sanitária", "aconselhamento familiar", "integração família/escola", "cuidando dos dentes", além de encaminhamentos psicoterápicos, estudo de temas complexos com professores da rede e pais e outros.

Esta forma de atuação possibilitou uma ação globalizante, saindo da "culpabilização" de 'algo' ou 'alguém' ou do discurso de 'criança-problema', e possibilitou ações coletivas, além de respostas e resultados muito mais esclarecedores e beneficiadores às demandas e necessidades apresentadas e trabalhadas.

MARLI DE OLIVEIRA - "DISTRIBUIDORAS DE FOLHETOS: UM OUTRO OLHAR SOBRE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA"
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP

Minha pesquisa, resulta de um trabalho coletivo mais amplo envolvendo duas alunas do mestrado em Psicologia Social- Eu (Marli de Oliveira) e Rosângela Ramos de Freitas -, uma aluna da graduação em Psicologia da PUC-SP - Ana Maria Sant'Anna - e a orientadora e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre relações de raça, gênero e idade - Fúlvia Rosemberg.

A partir desta pesquisa resultaram duas dissertações de mestrado: Distribuidoras de Folhetos: um outro olhar sobre adolescentes em situação de rua, de minha autoria e a de Rosângela Ramos de Freitas - Adolescentes trabalhadoras na rua: as distribuidoras de folheto -, além do trabalho de conclusão de curso de Psicologia de Ana Maria Sant'Anna.

O objetivo desta dissertação é aprofundar a conceituação e caracterização de

crianças e adolescentes em situação de rua. Para tanto, focaliza um subgrupo específico - o das distribuidoras de folhetos na cidade de São Paulo. Ao procurar entender porque este subgrupo, bastante numeroso de trabalhadores na rua tem sido excluído das conceituações e caracterizações de adolescentes em situação de rua - e por que os "meninos de rua" são considerados pessoas de rua, já que encontram-se entre eles adolescentes e jovens trabalhadores, em faixa etária próxima das distribuidoras de folhetos, apoiei-me em um tripé teórico-conceitual. Foram eles: os significados atribuídos à casa e à rua apoiando-me em Da Matta (1991); a segregação racial, apoiando-me em Rosemberg e Pinto (1995) e o conceito de estigma em Goffman (1982).

A busca de aprofundamento do tema orientou-nos no sentido de analisar: 1) o discurso proferido por adultos envolvidos com a questão "adolescentes em situação de rua" (empresários, pesquisas de contagem de "meninos de rua", legislação, personalidades do mundo jurídico e de movimentos sociais); 2) o perfil sóciodemográfico, as condições de trabalho e as aspirações das moças que distribuem folhetos.

Para tanto foram usados procedimentos de coleta e análise de dados diversificados: contagem de moças distribuindo folhetos, questionário, entrevistas, análise de textos diversificados, observação participante.

Ao longo da pesquisa constatou-se que este trabalho é exercido por um número expressivo de moças (1304) principalmente brancas, sensualmente vestidas, cuja seleção para este trabalho, do ponto de vista da empresa, tem dois objetivos complementares: de marcá-las do estigma de menino de rua e orientar o olhar do passante.

As distribuidoras de folhetos aproximam-se e diferenciam-se do grupo que se convencionou chamar de "crianças e adolescentes em situação de rua"; Confrontando seu perfil sócio-demográfico, seu cotidiano de trabalho e suas aspirações ao dos adolescentes em situação de rua, observa-se grande semelhança o que leva-nos a concluir pela necessidade de revitalizar a conceituação habitualmente usada, atentando para a diversidade não só do uso da rua, como também dos grupos que dela se utilizam, assim como se repensar a categoria ampla de populações que trabalham na rua visando a melhoria de suas condições de trabalho.

Qual a dimensão de liberdade e de opressão que experimentam trabalhadores que executam suas atividades circulando ou a céu aberto como os office-boys, motoristas, garis, lixeiros, vendedores ambulantes, carteiros e tantos outros?

EDUCAÇÃO

ELIZABETE FRANCO CRUZ - "EDUCAÇÃO SEXUAL EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS"

A partir de minha experiência profissional em creches e pré-escolas pude observar que perguntas e comportamentos de crianças pequenas ligadas à esfera da sexualidade causam dúvidas, desconcertos e pânico em muitos adultos.

Este fato, aliado à escassa sistematização teórica sobre o tema conduziram-me a estabelecer como objetivo de minha dissertação de mestrado * a elaboração de um mapeamento a respeito de como o tema vem sendo abordado tanto no plano teórico como no prático. Para a realização deste levantamento delimito a cidade de São Paulo como foco de observação e utilizei fontes escritas (bibliografia) e orais (entrevistas realizadas junto às instituições que trabalham com formação de educadores de creches e pré-escolas). Neste trabalho apresentarei apenas alguns dados obtidos através das fontes orais. O material coletado permite caracterizar a demanda por educação sexual em creches e pré-escolas da seguinte maneira:

A educação sexual é considerada necessária mas não prioritária;

Há demanda por educação sexual porque observam-se manifestações de sexualidade infantil e os adultos, em especial os educadores, não estão preparados para enfrentá-las;

Há demanda por educação sexual porque observam-se tensões na esfera das relações de gênero;

Há demanda por educação sexual porque observam-se preconceitos de modo recorrente;

A educação sexual é necessária porque as crianças são vítimas de abuso sexual. A discussão destes pontos conduz ao debate sobre a formação de educadores, na medida em que, de forma verbal ou não verbal, intencionalmente ou não, as crianças de creche e pré-escola recebem informações negativas e estereotipadas sobre sexualidade. A dificuldade dos adultos e a pouca reflexão sobre o tema fazem com que reproduzam a repressão a que foram submetidos.

A socialização das crianças fica comprometida não só porque sua sexualização é contida, mas também porque para além da sexualidade, é transmitido, de forma preconceituosa, um conjunto de valores sobre gênero, raça, família e pobreza. A Educação Sexual e a formação do educador de creche e pré-escola realizada no programa de Psicologia Social da PUC/SP sob a orientação da Prof. Dra. Fúlvica Rosemberg, com financiamento da CAPES.

ELISA LARKIN NASCIMENTO - "HERANÇA HISTÓRICO-CULTURAL E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA"
USP/CNPQ, IPEAFRO, RJ

No contexto de uma sociedade cuja cultura é fundamental no eurocentrismo,
a

construção da identidade coletiva e individual dos integrantes de comunidades de origem não européia passa a adquirir múltiplas dimensões e enfrentar diversas barreiras. No caso afro-brasileiro, o processo é dificultado ainda mais pela recusa da sociedade dominante a assumir suas próprias posturas discriminatórias, apegando-se ao mito da democracia racial. Um aspecto dessa questão é sublinhado: o escamoteamento de fatos e verdades históricos que estabelecem a anterioridade e a expansão mundial da civilização africana no mundo antigo, as conquistas científico-tecnológicas e o desenvolvimento econômico africanos no período pré-colonial, e as sofisticadas formas de organização política e social dos povos do continente africano antes da invasão européia. Cultivando a falsa imagem do africano selvagem e feliz, senhor do ritmo, da dança, e da festa, porém eterno escravo ou subalterno na atividade econômica, social, política, e intelectual, a sociedade eurocentrista nega aos descendentes africanos a identificação com seu passado e seus antepassados, dificultando sua plena realização enquanto seres humanos. O trabalho procura apontar formas de abordar essas questões no contexto escolar.

STELLA MARIS DE CASTRO PIPINIS - "O JOGO DRAMÁTICO INFANTIL COMO UMA ALTERNATIVA PSICOPEDAGÓGICA - UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS QUE APRESENTAM DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO"

ESTUDANTE DO 3^o. ANO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS / UNESP / CAMPUS DE ASSIS (FAPESP)

ORIENTADOR: JOSÉ STERZA JUSTO

DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA, SOCIAL E ESCOLAR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS / UNESP / CAMPUS DE ASSIS

O brincar exerce papel fundamental no desenvolvimento infantil. Sua importância como veículo de desenvolvimento emocional-intelectual-físico e social é reconhecida por diferentes autores e teorias. Através do brinquedo a criança experimenta e descobre o mundo a sua volta e a si mesma utilizando todo seu potencial criador.

A presente pesquisa, em andamento, elegeu o jogo dramático como um caminho para a estimulação do desenvolvimento da auto-expressão, das trocas simbólicas intersujeitos e para apropriação de habilidades cognitivas, lingüísticas, motoras, perceptivas capazes de reverter a condição de fracassado que atinge algumas crianças na escola.

Tendo em vista a importância da fantasia, do jogo e da dramatização, em particular, no desenvolvimento infantil, o presente trabalho se propõe a verificar o alcance do jogo dramático no desempenho escolar de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem na escola. Este trabalho parte da hipótese de que estimulando a expressividade, a espontaneidade, a fantasia e a interação grupal, através dos jogos

dramáticos infantis, é possível obter ganhos no plano afetivo, intelectual e social que poderão reverter-se na melhoria do desempenho escolar.

Os sujeitos da pesquisa são crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, matriculadas no ciclo básico. São realizadas, uma vez por semana; oficinas divididas em três momentos: aquecimento, tarefa e reflexão. No início de cada oficina, é feita uma roda onde as crianças trocam experiências vividas na semana. A partir dessa conversa, escolhe-se um tema que será desenvolvido em brincadeiras, leituras, contos ou casos relatados que, em seguida, são dramatizados.

Através das entrevistas (feitas com pais, professores e crianças no início e no final do ano letivo) e dos registros do coordenador, será possível fazer o controle da eficácia das atividades.

Embora o trabalho encontre-se na fase inicial de seu desenvolvimento, foi possível constatar a existência de uma grande dificuldade no que se refere à constituição grupal e assunção de regras; As atividades desenvolvidas até o momento, tiveram o caráter de rever o posicionamento de cada membro quanto a capacidade de concentração, resistência à frustração, papéis exercidos dentro do grupo, expressão de sentimento e emoções, elaboração de atos impulsivos, etc.

EXCLUÍDOS

ANDREA COSTA MACHADO - "NA CONSTITUIÇÃO DO EU EFICIENTE A NEGAÇÃO DO EU DEFICIENTE"
PSICÓLOGA

Esta comunicação pretende mostrar as reflexões desenvolvidas no trabalho conclusivo do curso de pós-graduação (Latu Senso) em Psicologia Social e Institucional da Universidade São Marcos, sob orientação do prof. José Leon Crochik. Há a principal intenção de pensar a relação com indivíduos com deficiência. Pensar o "quem" se relaciona e porque "desta" ou "daquela" maneira.

Da própria palavra, dos nomes designados (especial, deficiente, excepcional, etc.) percebe-se já as relações que se estabelecem, as distâncias e classificações que se impõem. Da maneira que se pensa (ou não se pensa) este indivíduo, se dá ou não chance à comunicação, à aproximação. Mas o que se vê, em geral, é a reação de estranheza, de rejeição, de afastamento ou de excesso de piedade. O que ele então suscita nas pessoas? O que aponta? O que mobiliza a reação de afastamento ou de piedade, de caridade?

Temos então um indivíduo com dificuldades para se comunicar, para se locomover, realizar certos movimentos, para pensar, inserido numa sociedade que se baseia nas

relações de troca, de reciprocidade, de trabalho, que estabelece padrões de comunicação, de habilidades e destrezas e de pensamento. Padrões aos quais este indivíduo não se enquadra, não conseguindo "corresponder" ao que se esperaria dele. Mas quem espera? De que sujeito falamos, componentes desta tal sociedade? De onde vem essa idéia de correspondência, de equivalência que exclui e classifica indivíduos numa sociedade?

Procuro, então, pensar a constituição desse sujeito (aquele que classifica, exclui e reage com estranheza àquilo que não conhece, que teme, que não consegue dominar), o desenvolvimento desse "eu" num corpo social que determina comportamentos e é determinado por eles.

Na história da civilização, segundo Adorno e Horkheimer, pode-se encontrar o germe do que gera os comportamentos e movimentos que percebemos e vivemos hoje. Analisam a obra de Homero, na narrativa da Odisséia, onde pode-se perceber o surgimento do protótipo do indivíduo burguês, através da figura de Ulisses e sua peregrinação de volta à pátria. Considerando que textos como estes exerceram e exercem um importante papel na História das civilizações, na medida em que, assim como a tradição oral dos povos, o texto lido e contado age como figura de socialização. Na viagem de Ulisses, constitui-se um ideal de ego (o herói) e ao mesmo tempo o ideal negativo, o oposto, que precisa ser negado, vencido, reprimido, separado. Constitui-se o eu eficiente negando-se o eu deficiente, constitui-se o indivíduo burguês que reconhecemos hoje.

MARIA REGINA RIBEIRO SALOTTI* E SÔNIA APARECIDA MOREIRA FRANÇA ** - "DA POBREZA À VELHICE DESAMPARADA"

*DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC-SP; PROFESSORA DA UNESP - CAMPUS DE ASSIS **DOUTORA EM PSICOLOGIA CLÍNICA – PUC-SP; PROFESSORA DA UNESP - CAMPUS DE ASSIS

Tomando como objeto de reflexão um asilo para pessoas idosas, nosso trabalho centrou sua análise nas práticas sociais que lhe deram origem. Para que isso fosse possível fez-se necessário reconstruir as tramas que engendraram sua história.

Através de leituras de jornais da cidade de 1932 à 1988, de entrevistas com fundadores do asilo e antigos moradores da cidade, descobrimos que a instituição foi fundada em concomitância à criação do Bispado, que formalizou dispositivos de legitimação de uma política de assistência à pobreza desamparada.

As articulações que deram fundamento à constituição deste asilo congregaram dois dispositivos de poder: às estratégias da igreja católica de gerenciar a pobreza, associaram-se as necessidades da comunidade de higienizar o espaço urbano.

A circulação de corpos nômades perturba não apenas por serem nômades, mas

por essa errância se constituir perigo virtual à ordem moral e econômica. Este fato norteou ações da comunidade e, como revelam os Jornais e as entrevistas, a cidade ofereceu condições econômicas e políticas para que o projeto assistencial e higienista se efetivasse.

O cuida-ó aos pobres iniciou-se com a entrega domiciliar das esmolas a fim de rastrear a real necessidade da população a ser assistida. A partir de 1935 construiu-se: um dispensário que centralizava a distribuição dos donativos; casas para abrigar famílias carentes; e pavilhões para os mendigos que circulavam pela cidade, população itinerante que não deveria permanecer no asilo além do tempo necessário para o encaminhamento a um emprego ou outras cidades.

Um controle administrativo central foi encarregado de gerir esse espaço. Editouse um estatuto para legalizar as ações institucionais. Essas ações vão normalizar o funcionamento do asilo e, aos poucos, especializar sua clientela e possibilitar o nascimento de outras organizações tais como: casa da criança, abrigo de mães solteiras, albergues, santa casa.

Conforme estas novas instituições foram se organizando, o asilo deixa de ser abrigo de uma população errante, e se transforma em guardião de velhos desamparados, função que guarda até os dias de hoje.

MARIA REGINA RIBEIRO SALOTTI* E SÔNIA APARECIDA MOREIRA FRANÇA** - **"HISTÓRIA DE UMA ASSOCIAÇÃO PARA EXCEPCIONAIS"**

*DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP; PROFESSORA DA UNESP – CAMPUS DE ASSIS **DOUTORA EM PSICOLOGIA CLÍNICA – PUC-SP - PROFESSORA DA UNESP - CÂMPUS DE ASSIS

A criação da APAE, como pudemos perceber através de pesquisa em Jornais, entrevistas com seus fundadores e administradores, deveu-se à preocupação das autoridades educacionais com a existência de um grande número de crianças retardadas freqüentando as aulas regulares nas instituições de ensino.

Um dos clubes de serviço da cidade encampou a idéia e direcionou esforços para a fundação de uma escola para excepcionais. Uma das primeiras providências para efetivação do projeto foi a veiculação pelos jornais da necessidade de criar uma escola de educação especial. A campanha estendeu-se às escolas, delegacias de ensino e outros clubes de serviços.

O teor da mensagem explicitava, predominantemente, a separação do excepcional do aluno normal, uma vez que seu desempenho estava além do esperado pela educação regular. Conforme demonstram os dados obtidos por nossa pesquisa, constituiu-se em serviço de utilidade pública a reclusão do excepcional na instituição de cuidados diferenciados.

A preocupação seguinte foi dirigida às famílias de crianças portadoras de deficiência mental a fim de que os pais entendessem que essas crianças precisavam ser educadas sob condições especiais.

Neste momento, o discurso pedagógico foi utilizado como promessa de socializar, integrar e recuperar esses sujeitos. O efeito dessa trama se deu a conhecer pelo grande número de famílias que encaminharam os filhos à escola.

Fundada a escola, a campanha dirigiu-se à população em geral para que esta mantivesse uma política comunitária de auxílio à escola. Simultaneamente, os jornais convidavam a população a visitar a escola, a comunidade a realizar festas de confraternização, e a organizar exposições com os trabalhos dos alunos.

Em nossa pesquisa pudemos perceber que a criação da APAE esteve vinculada ao projeto educacional proposto pela política higienista do Estado Moderno. O índice de produtividade e competência individual do educando é Q que atravessa a necessidade de separação dos sujeitos que não correspondem a esta regra.

O plano pedagógico-administrativo da instituição está sob a moldura de um projeto que caminha em direção da adaptação e normatização dos excepcionais. Contudo, o funcionamento desta entidade como espaço de separação dos sujeitos reedita a norma de sua exclusão: da escola regular para a tutela assistencial.

IDENTIDADE

ANA CAROLINA CERQUEIRA LIMA AMORIM - "O PROCESSO MIGRATÓRIO DO SERTÃO NORDESTINO E A TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE"

PUC/SP - FACULDADE DE PSICOLOGIA

O trabalho refere-se ao estudo das implicações do processo migratório na identidade e subjetividade de migrantes que saem do sertão nordestino (Bahia) para São Paulo.

O contato com essa população, que sai de pequenos povoados, do modo de vida agrário, para vir a uma metrópole, mostrou que o migrante apresenta condutas típicas (alterações no comportamento) que revelariam, aliadas às mudanças inerentes a um processo migratório, alterações na identidade e subjetividade. Mostrou também que há relação disso com o modo da cidade "acolhê-lo".

A fim de investigar esse processo, recorreu-se ao estudo da categoria identidade conforme A.C. Ciampa relacionada às perspectivas de normatização da subjetividade moderna, reveladas pelos mecanismos de controle das grandes cidades, pensadas por Foucault, F. Guatarri, G. Deleuze e N. Perlongher.

Para a coleta de dados foram feitas vinte entrevistas com migrantes, tanto em São Paulo quanto na Bahia, utilizando a técnica de história de vida. Analisadas as

entrevistas, foi escolhido um único sujeito típico, a partir de categorias que definiam a tipicidade do sujeito. Foi feita análise do discurso a partir da história de vida.

Os resultados mostraram que:

Se, na inserção do migrante em São Paulo, este encontrar vínculos que o representem (referências da terra nata!), sua identidade caracteriza-se pela mesma idade (metamorfose), coexistindo as várias personagens da identidade. Assim como várias subjetividades se sobrepõem e o migrante encontra modos contra-culturais de subjetivação escapando aos mecanismos de controle da cidade e podendo circular em vários lugares na rede do código-território.

Quando não encontra algo que possa representá-la, a identidade passa a ser camuflada como não-metamorfose (mesmice), e a sua subjetividade entra no reino da paralisia. Passa a existir apenas uma personagem, e um modo de subjetivação é possível, o migrante é fixado em um único lugar regulado pelas perspectivas de normalização da subjetividade moderna.

FERNANDO CANTELMO - "SUBJETIVIDADE ERRANTE: UM ESTUDO SOBRE OS ANDARILHOS DE ESTRADA"

A errância humana resultante de determinações econômicas, políticas ou motivadas por tentativas de ruptura com o estabelecido, tanto no plano individual como coletivo, em suas diferentes formas de ocorrência (êxodos, migrações, peregrinações, viagens, deserções etc.), exerce um papel ponderável na constituição do sujeito e na construção do seu mundo.

Em pesquisa anterior, a partir de um breve estudo acerca da "Contracultura" e da "Geração Beat" e de trabalho de campo com entrevistas e observações em situação participante, nos propusemos a investigar a produção da subjetividade na condição da vida marcada pela movimentação constante do sujeito de um lugar ao outro, estudando aqueles que denominamos 'Estradeiro' - sujeito que, embora errante, circula dentro de determinadas rotas, fazendo curtas estadias em regiões e cidades-símbolo da cultura estradeira, sobrevivendo da produção artístico-cultural. Dentre os estradeiros foi possível diferenciar basicamente os tipos: a) o "Micróbio", sujeito errante, maltrapilho, que sobrevive da ajuda de outrem e do comércio de poucas peças de artesanato; b) "Estradeiro Constante", que vive na estrada percorrendo rotas mais ou menos fixas, produzindo e comercializando sua produção artístico-cultural; c) "Estradeiro Fixo" ou viajante ocasional, que vive em cidades-símbolo da cultura estradeira e periodicamente sai na estrada em busca de aventura; d) "Alternativos", que vivem em comunidades e buscam na natureza e em freqüentes caminhares a paz de espírito; e) "Hippie de final de Semana", que sai em busca de emoção e satisfação nos períodos de férias, feriados

e finais de semana, comercializando algum artesanato comprado de outrem ou, simplesmente, gastando as próprias economias. Entre outros motivos e sentidos do caminhar, foi possível detectar a ruptura com a rotina da vida enquadrada nos parâmetros de conduta e nas instituições consagradas na sociedade (a deserção da família, da escola, do emprego, etc.) e a busca de alternativas de vida motivada por miragens de paz, liberdade, diversificação e pluralização de experiências, relacionamentos, etc., entendendo, no entanto, que a perambulação e a inexistência de um "porto-seguro" não significa uma deserção plena, podendo ser interpretado também como uma condição de vida advinda das exigências das sociedades de controle emergentes no capitalismo moderno.

Neste momento nos propomos a investigar a produção de subjetividade na errância, tomando como sujeitos andarilhos de estrada ou simplesmente 'Andarilhos' - pessoas que circulam pelas estradas, em geral, maltrapilhos e sobrevivendo da mendicância ou do trabalho rural volante.

Foram realizadas entrevistas com andarilhos na região de Assis e adjacências, oeste de São Paulo, visando apreender sua trajetória de vida, seu cotidiano na estrada e suas representações de si mesmo, de sua vida e do seu mundo. Foram entrevistadas, ainda, pessoas da população que habita ou trabalha nas margens das rodovias e que mantêm contato com eles e também coletamos dados sobre os andarilhos junto a Secretaria de Ação Social de Assis, que mantém uma instituição para recolhimento desses sujeitos. A partir do material da entrevista procuramos traçar um perfil do andarilho e do seu cotidiano de vida, apreender os motivos e sentidos de sua errância e explorar as possíveis vinculações dessa condição de vida com as transformações e exigências da sociedade moderna.

Pudemos observar, entre outras coisas, que os andarilhos são, na sua maioria, pessoas de origem nordestina e que tem um forte vínculo com o trabalho rural. Andam maltrapilhos e sobrevivendo da ajuda de moradores e trabalhadores que margeiam as estradas. A maioria são do sexo masculino com idade acima dos 40 anos, sendo raro a presença de mulheres, crianças ou famílias. Preferem andar só e não se interessam em estabelecer contatos ou relações com outras pessoas ou mesmo com outros andarilhos. Alguns caminham procurando emprego, mas é possível perceber na maioria um descompromisso com o trabalho e, mais que isso, em muitos casos observamos tratar-se de ex-internos de hospitais psiquiátricos. A imagem que lhes é atribuída é de "loucos".

Os andarilhos são indivíduos sem vínculos, apenas guardam poucas lembranças de bons momentos do passado, e que vivem totalmente à margem da cultura, normas e outros símbolos da sociedade comercial e capitalista. Sua única ligação com tal mundo são os postos de gasolina por que passam e as instituições asilares e de recolhimento que, freqüentemente, os aprisiona dentro dos muros da higienização mundana.

A busca e exploração de novos espaços no horizonte do mundo é impulsionada pela ruptura com a acomodação e pelo desejo de encontrar um lugar melhor. Tal miragem de uma vida melhor parece fazer parte de um interminável sonho de progresso e felicidade. Surge mesmo em situações de relativo conforto, mas é na condição de miséria e pobreza que se faz mais premente e também é nela que se pode observar as errâncias mais radicais e aquelas que ocorrem nas condições mais precárias: seres humanos caminhando a pé, até mesmo descalços, pelos acostamentos das rodovias, carregando tudo que têm em sacos levados às costas e rumando para lugares incertos, sem saberem exatamente o que vão encontrar pela frente. O sol, a chuva, a sede, a fome, a solidão, a incerteza, etc., são insuficientes para demover os andarilhos de sua empreita. Empreita de encontrar um lugar para ver ou, simplesmente, um trabalho - como é o caso de muitos - ou a empreita de saldar, com a penitência de uma caminhada sem fim, a dívida contraída com a sociedade.

Não é diferente também a situação do mendigo que perambula de cidade em cidade, enviados de uma a outra pelos órgãos da Promoção Social da municipalidade. Embora com um lugar certo para se dirigir em cada lugar (as casas de atendimento ao migrante) não pode se fixar em lugar algum. Não pode parar e tem que viver.

PATRÍCIA REGINA DA MATTA SILVA – “CARTOGRAFIAS RURAIS E URBANAS: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEOS”
PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE SALESIANA DE LORENA/SP; PSICÓLOGA JUDICIÁRIA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO" FÓRUM DA COMARCA DE GUARATINGUETÁ

Entendendo o estudo dos modos de subjetivação contemporâneos como campo possível da Psicologia Social, procuramos articular este tema na pesquisa desenvolvida no Curso de Mestrado de Teoria da Cultura e da Comunicação (ECO-UFRJ).

Vale ressaltar que a inserção deste trabalho no campo da Psicologia Social não se refere a propostas de intervenção direta num determinado contexto ou grupo social, mas sim, como possibilidade de ampliação da abordagem do profissional de Psicologia que atua em universos sócio-culturais diversificados e, por vezes, tende a uma postura reducionista e fragmentária no estudo do psiquismo.

Como parâmetros conceituais, utilizamos a noção de produção de subjetividade, proposta por F. Guattari (1992), que pensa o sujeito a partir de uma subjetividade múltipla e produzida por caracteres heterogêneos (sociais, históricos, culturais, estéticos, afetivos, maquínicos, etc.). Diante desta concepção, procuramos pensar nos efeitos entre a produção de subjetividade e as relações simbólico-existenciais estabelecidas nos espaços habitados.

A expansão urbana que extrapola os limites espaciais das metrópoles, tanto pelo desenvolvimento das vias de transportes como através das tecnologias de informação e comunicação, insere antigas e pequenas cidades a uma nova ordem temporal, impõe diferentes estilos de vida e mudanças no cotidiano de diversos grupos sociais.

Ao considerar a tendência a homogeneização dos espaços, das culturas e das subjetividades, procuramos extrapolar tanto uma perspectiva que focaliza a atenção em formações de identidades sócio-culturais isoladas deste contexto histórico, como também uma perspectiva quase catastrófica que pensa em seres inertes, robotizados e teleguiados, numa paralisia receptiva, que não visualiza possibilidades de reação, produção e intervenção neste mesmo contexto.

Neste sentido, optamos por eleger como objeto de estudo, a cidade de Guaratinguetá, que se localiza na Rodovia Presidente Dutra, eixo de ligação entre as metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo, visando analisar os efeitos das transformações decorrentes das interrelações entre a sua expansão urbana e os determinantes históricos desta cidade marcada por uma tradição rural.

Procuramos demonstrar a coexistência de estilos de vida rural e urbano encontrados no cotidiano dos espaços urbanos periféricos e propor uma extrapolação de categorias dicotômicas como campo/cidade e tradicional/moderno, trabalhando com as formas híbridas, características dos sistemas simbólicos da modernidade, e com as formas de apropriações de sistemas culturais locais e os sistemas massificadores hegemônicos, como nos propõe N. Canclini (1990). As opções metodológicas consistiram em fazer leituras que tentaram demonstrar os efeitos simbólico-existenciais presentes nas relações espaciais, a partir dos referenciais de autores como K. Lynch (1990), que entende o espaço urbano como sistema de comunicação, e L. Ferrara (1988), que propõe uma leitura não verbal do texto urbano.

Assim, procuramos demonstrar a significação existente dos fatores heterogêneos e constitutivos da subjetividade contemporânea; e, contribuir para a citada ampliação da perspectiva do profissional de psicologia que deve levar em conta que os sujeitos com os quais trabalham são produzidos e também são produtores da realidade sócio-cultural do contexto histórico em que vivem.

TELMA REGINA DE PAULA SOUZA - "FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS E GLOBALIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO ACERCA DOS MOVIMENTOS TOTALITÁRIOS"

DOUTORANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC-SP; PROFESSORA DA UNIMEP E PUCCAMP

No cenário globalizado, fragmentação: diferenciação marcando identidade do mesmo, indiferenciação na indiferença à alteridade. A identidade parece-nos revelar a possibilidade do relacionamento do "eu" com o "si mesmo", na afirmação de um

"eu" que confunde-se com o "nós", negando a alteridade em múltiplos gestos de imobilismo ou de violência. Imobilismo e violência tomados no mesmo sentido, denúncia, reação e acomodação à opressão totalitária, que nos cerca em todas as esferas das relações sociais. Assim formam-se os grupos, guetos ou comunidades, que na tentativa de garantir as relações sociais, levam homens a aproximarem-se pela exclusão do outro. Nessa discussão enfocaremos grupos nacionalistas, que, como outros grupos identitários (sexuais, étnicos, religiosos, político, cientistas) almejam a possibilidade de manutenção do relacionamento humano, num contexto de virtualização da realidade, assim marcando uma finalidade emancipatória; ao mesmo tempo em que a vivência dessa possibilidade implica na rejeição, anulação ou destruição real do que não pertence ao mesmo grupo, o que marca a barbárie. Discutiremos essas idéias através de uma análise do Nativismo, que é uma proposta de organização social calcada no nacionalismo, que, como veremos, funda-se em idéias nazistas. Destacamos que essa discussão faz parte de uma pesquisa sobre movimentos totalitários, que irá analisar movimentos neo-fascistas no Brasil e na Itália. A reflexão problematiza o irreversível processo de globalização mundial, que está posto na globalização econômica, e o como esse tem possibilitado a formação de grupos identitários totalitários, pois relacionam-se com a realidade a partir de uma visão monomórfica dessa, com isso buscando um "eu" que não se dilua na pluralidade polimórfica das sociedades complexas, que apresenta a possibilidade de diferenciação no mesmo plano em que induz à uma homogeneização mercadológica no ato de consumir: possuir, descartar. O Nativismo expressa a denúncia da diluição identitária, propõe uma forma de reação, na afirmação de uma identidade nacional, ao mesmo tempo em que acomoda-se a esse plano, pois restaura "velhos" discursos excludentes e totalitários, na hiper valorização da nação e de seu dirigente, que subordina os indivíduo~ aos interesses do que o Nativismo denomina de Ideal: ((Escolhemos o Ideal no primeiro instante de vida, ao assentarmos que não seríamos um figurante, nem um personagem da História, mas um de seus raros deuses. Ante o triunfo, proclamamos com euforia: poder e glória! E resolvemos edificar a Civilização Brasileira e o Império Cósmico Brasileiro. Essa nossa prima e suprema volição constitui o Mito Brasileiro, no qual acreditamos com fé inabalável. " (Movimento Nativista).

MOVIMENTOS SOCIAIS

CARLOS ROBERTO DE CASTRO E SILVA – “CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE OS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA NAS ONGS”
PUC-SP- CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

O tema de pesquisa que venho desenvolvendo através da pós-graduação, se dirige

para um delineamento e aprofundamento dos aspectos psicossociais que influenciam o processo de construção de cidadania; tendo em vista a dinâmica organizacional dos Movimentos sociais (Mso) e principalmente das Organizações não-governamentais (ONGs). De maneira mais próxima às práticas cotidianas das ONGs, busco discutir formas de participação mais democráticas e enriquecedoras, principalmente a partir de seus agentes (as pessoas que trabalham na entidade) e destes na sua relação com a comunidade e com as políticas públicas sociais vigentes.

Tal discussão tem-se mostrado necessária e atual na medida que, a sociedade civil é solicitada a participar mais na gestão de sua cidade. No entanto, as relações estabelecidas entre as ONGs com a comunidade e com o Estado, ainda em muitos casos, são incipientes e/ou em outros bastante conflituosas. O ponto de partida para o desenvolvimento desta discussão são textos de sociologia e política. Isto devido ao fato de que foi nesses textos, buscando mais informações sobre o fenômeno dos Mso e das ONGs, que notei a preocupação de alguns autores em destacar o papel do "sujeito" na constituição e encaminhamentos das propostas dos Mso. Parece, então, que se ater mais aos aspectos psicossociais que influenciam este "sujeito", denominado por alguns autores de "sujeito coletivo", é uma das maneiras de se incrementar um processo que vise um desenvolvimento mais pleno da cidadania.

RÉGIS DE TOLEDO SOUZA - "EMANCIPAÇÃO E BARBÁRIE: TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE DEVOTOS POPULARES FRENTE AO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO"

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ - SP; AUXILIAR DE PESQUISA DO GRUPO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA CULTURA TAUBATÉ

A relação emancipação x barbárie é evidente dentro de um processo globalizante, onde se tem como objetivo final uma "padronização" econômica, social (conceitos) e cultural. Ocorre que, nesse processo indivíduos conseguem criar formas mediadoras para viver e outros, formas de sobrevivência. O que analisaremos é como os indivíduos, através de sua vivência religiosa, conseguem ou não criar essas formas de mediação.

O enfoque dessa comunicação recai sobre devotos populares idosos da região do Vale do Paraíba - SP, e analisa a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso, na elaboração de táticas e estratégias operados pelos mesmos na reprodução de sua vida religiosa.

MARIA DE FÁTIMA QUINTAL DE FREITAS*, ADRIANO ROBERTO AFONSO DO NASCIMENTO*, ISABELE SANTOS ELEOTÉRIO, MARIA DAS DORES ARNALDO FRANCISCO** - "LIDERANÇAS DO GRUPO DE MULHERES E POSSIBILIDADES DE AÇÃO: SIGNIFICADO ATRIBUÍDO**

ÀS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS, ÀS DIFICULDADES ENFRENTADAS E AO SEU PAPEL NA COMUNIDADE"

* DEPTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO / PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA/ FESC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES

**BOLSISTAS CNPQ / CURSO DE PSICOLOGIA - UFES

A década de 90, revelou mudanças significativas no processo participativo dos setores populares, em termos da sua organização e mobilização. As explicações têm se distribuído desde motivos macro-estruturais, ligados à alteração nas relações de trabalho e novos processos estabelecidos com as instituições governamentais; passando pelo isolamento nas relações sociais; até fatores que têm incidência particular no indivíduo, como sentimentos de desesperança e desamparo. Procurou-se descrever as explicações atribuídas pelas lideranças de alguns movimentos comunitários, no município da Serra/ES, à situação de baixa participação nos mesmos. Foram realizadas entrevistas coletivas, através de um roteiro semi-estruturado em torno de eixos temáticos, envolvendo Grupos de Mulheres pertencentes a 11 comunidades, totalizando 20 mulheres participantes da coordenação desses grupos. As informações obtidas e submetidas à análise qualitativa revelaram que todas possuem família; trabalham em atividades informais, mantendo-se sozinhas ou aumentando a renda familiar; com idade variando de 26 a 66 anos, tendo maioria na faixa de 36 a 46 anos; sendo a metade nascida em outros estados. As atividades desenvolvidas pelos grupos variaram desde reuniões periódicas, orações e visitas à casa de pessoas doentes, inválidas e desempregadas, oferecendo ajuda espiritual, alimentos, roupas e medicamentos; passando pelo oferecimento de alguns cursos de bordado, pintura e crochê, ministrados pelas mulheres da comunidade; até a criação de um sistema organizativo, semelhante à cooperativa, reunindo os trabalhos e cursos em oficinas para a própria comunidade, sob o gerenciamento do grupo de mulheres. Apontaram como dificuldades comuns a baixa participação e envolvimento das mulheres da comunidade nas reuniões e tarefas propostas. O isolamento no enfrentamento dos problemas pessoais, familiares e comunitários; o clima de desesperança e desamparo; e a descrença em condições de vida melhores foram sentimentos presentes a todos os grupos consultados. Os bairros em que vivem apresentam como problemas a falta de: saneamento básico, calçamento e iluminação nas ruas, coleta de lixo, e serviços de saúde e educação funcionando. Metade das comunidades têm que enfrentar o problema das drogas, o tráfico e intimidação decorrente, somado à falta de policiamento e segurança. A maioria apontou a existência de associações comunitárias, com caráter eminentemente conservador, pelêgo, objetivando fins eleitorais. As possibilidades de mudança, dentro de uma perspectiva coletiva e solidária, aparecem prioritariamente nos grupos que conseguiram atingir uma organização de trabalho que supera as atividades

meramente assistencialistas. Pode-se concluir que há dois níveis de mudanças previstos no universo das mulheres entrevistadas: um, mais concreto e viável, na medida em que os recursos possíveis para tal mudança dependam dos seus ganhos e avanços pessoais; e, outro, mais genérico, abstrato e com baixa capacidade de resolutividade, na medida em que identificam a dependência de agentes e organismos. (CNPq / UFES).

PESQUISAS

CELSON ZONTA - "ELEMENTOS CENTRAIS E ELEMENTOS PERIFÉRICOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CIDADANIA EM SUJEITOS DIFERENCIADOS SOB A MESMA CONDIÇÃO DE CONTEXTO"

UNESP - CAMPUS BAURU

As definições sobre os elementos centrais e elementos periféricos das representações sociais apontam para a compreensão de que sejam partes geradoras de uma representação social, eles explicitam a totalidade conjunta de uma representação e seu sentido específico. Os elementos centrais seriam considerados a parte estável da representação social. Já os elementos periféricos concretizam e adaptam a representação para diferentes usos na prática social. Assim, os elementos periféricos seriam considerados mutáveis, dependendo das exigências da atual situação.

Estudos recentes apontam para o fato de que contextos diferentes indicam mudanças na estrutura dos elementos considerados para compor uma representação social.

Acreditamos que além do contexto tornar sensível elementos periféricos de uma representação social, a própria experiência de vida dos indivíduos, com seus valores e ideologias sejam elementos possíveis de diferenciação entre representações.

Os sujeitos de um bairro de periferia, foram separados entre indivíduos considerados participativos (200) e indivíduos considerados não participativos (200), através da aplicação de um questionário com questões abertas de associação de palavras, bem como questões fechadas com escalas atitudinais. O critério para definir ser o sujeito participativo ou não, foi a explicitação por parte do sujeito no questionário de participação atual ou passada em quaisquer tipos de grupos sociais com organicidade. Foram controladas também as variáveis sexo e idade na amostra.

As palavras foram processadas no software SPADT, a fim de se obter as palavras mais frequentes, e em seguida submetidas a uma análise de correspondência no SPSS/ PC+, para cada agrupamento de sujeitos, onde pode ser verificado o campo representacional de cada tema gerador, dentro de um espaço semântico. A comparação

do campo representacional entre agrupamentos distintos de sujeitos pelo tipo de participação social foi efetuada a partir da junção dos resultados das associações de palavras de cada um de dois grupos distintos de participação. Essa junção possibilitou construir uma matriz bi-dimensional, onde pôde-se verificar os elementos centrais e os elementos periféricos das representações entre ambos os grupos em questão, através de uma análise de correspondência bi-dimensional de dissimilaridades e similaridades do campo representacional.

Os resultados demonstraram que há um núcleo comum de palavras entre ambos os grupos (participativos e não participativos), que podemos considerar como constitutivos e elementos centrais das representações sociais. Os elementos periféricos encontrados diferiram entre ambos os grupos. Também foram verificadas diferenças entre o tipo de participação entre os sujeitos considerados participativos. Verificouse que os elementos periféricos eram mais variados com conteúdo mais crítico entre os grupos com participação política do que os grupos de participação religiosa e social.

MARIA DE FÁTIMA QUINTAL DE FREITAS* E ADRIANO ROBERTO AFONSO DO NASCIMENTO** - **"DINÂMICA INSTITUCIONAL E IDENTIFICAÇÃO DOS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS: TRABALHO DESENVOLVIDO PELOS FUNCIONÁRIOS E CARACTERIZAÇÃO DOS INTERNOS EM UM MANICÔMIO JUDICIÁRIO"**

*DEPTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO / PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA/ FESC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES

**BOLSISTA CNPQ / CURSO DE PSICOLOGIA - UFES

Este trabalho caracterizou-se por um levantamento e análise de dados recolhidos em 10 entrevistas realizadas com funcionários do quadro técnico e 10 prontuários de indivíduos internados no Manicômio Judiciário de Cariacica/ES, cidade pertencente à região metropolitana da Grande Vitória. A Análise de Conteúdo das entrevistas identificou quês os motivos para os crimes apontam, preferencialmente, aspectos/ características do indivíduo (não consciência, doença e perda do controle ético), seguidos por fatores externos (família, drogas e diabo).

Os profissionais considerados adequados são: psicólogos, psiquiatras e de saúde (58.33%); assistente social (16.67%); enfermeiro (16.67%) e advogado (8.33%). O problema dos internos, na opinião dos funcionários, resolver-se-á por ações governamentais/sociais (23.07%), por melhoria da estrutura física (23.07%), pelo retorno à família(15.38%), por trabalho em equipe (15.38%), por tratamento medicamentoso(15.38%) e pela ajuda divina (7.69 %). Sugerem, para a melhoria das condições, tratamento medicamentoso e acompanhamento psicológico/psiquiátrico

(30% cada); melhoria ambiental e fornecimento de serviços (20% cada). A maioria (40%) dos funcionários ingressou no MJ devido à transferência de outro órgão público; à falta de opção e necessidade de emprego (20%); ao desejo de ter um emprego público (13,3%); e 26% indicou não desejar trabalhar no MJ. As atividades desenvolvidas praticamente são as mesmas que o cargo ocupado exige; encontrando-se um maior conhecimento sobre o funcionamento e dinâmica do MJ naquelas funções que exigem contato diário e contínuo com os internos. Consideram que seu trabalho é importante para o MJ em termos de atender ao interno (38,5%); ajudar a manter o funcionamento da instituição (23,1%); cumprir as atividades (23,1%) e atender às solicitações jurídicas (7,7%). Para o próprio funcionário, a importância do trabalho estaria na gratificação pessoal (26,7%); no gosto pelo que faz (26,7%); na dedicação ao paciente (20%); na garantia da própria sobrevivência financeira (13,3%) e na possibilidade de escolher essa atividade (13,3%). Submetidos às análises quantitativa e qualitativa os dados recolhidos dos prontuários, relativos aos internos, indicam: predomínio do sexo masculino (08); maioria (06) acima de 37 anos; escolaridade predominante (08) até 4ª série; maioria (06) natural do interior do Espírito Santo; metade deles católicos; pertencentes (07) a famílias com mais de seis filhos; tendo como ocupações o trabalho na lavoura e na construção civil. Quanto às visitas, 04 (quatro) nunca a receberam em seu período de internação, 01 (um) recebeu visita em uma única ocasião, 04 (quatro) recebem visitas, e não há informação sobre visitas para um dos internos. A vida pregressa de quatro internos indica passagem e/ou permanência em instituição psiquiátrica/psicológica para tratamento de "crises nervosas", "comportamentos estranhos" e "poucas condições familiares para os cuidados para com o paciente".

Não há informações precisas com relação aos demais internos que possibilitem indicar a sua passagem ou não em instituição dessa natureza. Os crimes cometidos pelos internos referem-se a homicídios (07) envolvendo de uma a quatro vítimas; tentativas de homicídio (03); roubo (03) e seqüestro de menor (01). Os instrumentos utilizados para a consecução dos crimes foram faca (03); machado (02); navalha e machado (01); faca e machado (01); pedaço de concreto (01) e o dedo indicador (01) simulando um revólver. A presença de visões naturalizantes e fatalistas, nas explicações que os funcionários dão para a condição dos internos, pode ser compreendida através de fatores derivados do tipo de crime praticado, dos antecedentes psicossociais dos internos e das condições concretas de trabalho dos funcionários. Assim, é possível admitir que a rede de relações estabelecidas, em instituições dessa natureza, tende a favorecer a cristalização do papel institucional dos internos de maneira irreversível. (CNPq / UFES)

SORÁIA GEORGINA FERREIRA DE PAIVA CRUZ - "UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PSICOLOGIA NA POPULAÇÃO PERIFÉRICA E NOS ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DE ASSIS"

PROFESSOR ASSISTENTE JUNTO AO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA, SOCIAL E ESCOLAR - UNESP , CÂMPUS DE ASSIS

A idéia de produzir um trabalho científico com o objetivo de compreender a representação social da Psicologia em nossos alunos e na população periférica da cidade de Assis, foi produto de nossas reflexões em torno do lugar do psicólogo, em instituições como Postos de Saúde, Fórum e de nossa atuação na disciplina Dinâmica de Grupo e Relações Humanas.

Quanto à nossa atuação docente fomos percebendo que nossos alunos (4º ano) tinham apenas uma noção vagada que vem a ser Psicologia.

Para chegar aos nossos objetivos, tomamos como universo empírico as duas camadas da população (os alunos do Curso de Psicologia e moradores de periferia).

Utilizamos a entrevista aberta não diretiva como método para a coleta de dados. No processo de investigação, o objetivo da entrevista não diretiva, consiste em captar as representações através da fala dos indivíduos. Isso permite uma apreensão da ideologia na sua dimensão social e individual. Posteriormente procedemos à análise dos discursos.

Considerações finais e comparação entre os discursos veiculados pelos moradores de periferia e pelos alunos acerca da Psicologia: Encontramos que os moradores de periferia comunicam seus pensamentos, seus discursos são fluentes e expressam categoricamente suas posições, apreendendo uma multiplicidade de objetos referentes à Psicologia. Contudo, sua fala está pautada na figura simbolizada do profissional psicólogo, revelando ainda um conhecimento de sua forma de atuação através de métodos e técnicas.

Os alunos do Curso apresentam dificuldade de estar falando da Psicologia. Apesar de já ter entrado em contato com teorias que dizem respeito a esse conhecimento, enquanto disciplina científica, ao responder as questões pertinentes ao objeto da Psicologia, o fazem de maneira semelhante a dos moradores de periferia, apresentando dificuldade em estabelecer uma relação dialógica com o tema proposto.

Podemos dizer que os alunos não conseguem se ver profissionais competentes, uma vez que em seus discursos demonstram dificuldade de criar um campo teórico mais abrangente, que lhes possibilite pensar sua profissão.

SAÚDE

DÉBORA MIRIAM RAAB GLINA - "COMO O MERCÚRIO METÁLICO APARECE NA IMPRENSA ESCRITA BRASILEIRA : UMA ANÁLISE DE MATÉRIAS PUBLICADAS EM JORNAIS E REVISTAS DIVERSOS"

DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC-SP; PSICÓLOGA DO CENTRO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR DE SANTO AMARO (PMSP) E PROFESSORA NA UNIVERSIDADE SÃO MARCOS

O objetivo básico da pesquisa era verificar qual o tipo de informações e teorias sobre o mercúrio que a imprensa escrita veicula. Foram analisados 44 artigos impressos na imprensa sindical, jornais (Notícias do Japão, Diário Popular, Folha de São Paulo, Notícias Populares, O Estado de São Paulo, Diário do Grande ABC e Jornal do Campus ECA-USP) e revistas (Isto é, Veja e Manchete) entre 1987 e 1996. Esses artigos representam uma amostra do que foi publicado a respeito do mercúrio durante o período. Os dados mostraram que os únicos aspectos que não foram mencionados nos artigos diziam respeito: à excreção do mercúrio e às possibilidades de cura da intoxicação. Os aspectos referentes ao mercúrio discutidos nestes artigos foram:

1) O que é o mercúrio: algo que causa danos à saúde, um veneno industrial extremamente volátil, algo que não é tão perigoso quando se encontra na forma metálica. Apenas um artigo explicou que o mercúrio é um metal pesado;

2) Como o mercúrio entra no corpo: pela inalação, comendo peixes contaminados;

3) O que ocorre dentro do corpo: o mercúrio é transportado pelo sangue e acumula-se em diferentes órgãos tais como os rins e o sistema nervoso central;

4) O que o mercúrio causa: todos os artigos mencionaram sinais e sintomas: do trato gastrointestinal, tais como a gengivite, a perda de dentes, ulcerações orais, neurológicos e neuropsicológicos como o nervosismo, a insônia, a perda de memória, a perda da coordenação motora, parestesias, tontura, cefaléia, tremor e parkinsonismo, sinais e sintomas psiquiátricos como a ansiedade, irritabilidade, raiva, loucura. Mau funcionamento dos rins, problemas de visão, impotência sexual, câncer, teratogenia e morte também foram mencionados. Todos os artigos concordaram que o mercúrio causa danos à saúde, mas não mencionaram exatamente os mesmos sinais e sintomas. Alguns jornais, da imprensa sensacionalista, enfatizaram a impotência sexual e a loucura como resultados da exposição ocupacional ao mercúrio;

5) Tratamento: duas teorias distintas foram defendidas: ou era possível tratar a intoxicação por mercúrio ou não. Os tratamentos mencionados foram a quelação e a medicina ortomolecular;

6) Quem está exposto: trabalhadores brasileiros que trabalharam por mais de

5

anos no Japão, porque apenas estrangeiros são expostos a riscos ocupacionais no Japão, trabalhadores de consultórios dentários, trabalhadores de prestadoras de serviços de limpeza dentro de indústrias de lâmpadas, trabalhadores de indústrias de lâmpadas, de indústrias de cloro-soda, garimpeiros, funcionários de casas de compra de ouro, população que reside nas imediações de casas de compra de ouro;

7) O que causou a intoxicação: amalgamadores defeituosos em consultórios dentários, máquinas velhas nas indústrias de lâmpadas, tecnologia ultrapassada e inadequada no garimpo e nas indústrias de cloro-soda, o despejo de mercúrio nas águas dos rios;

8) Danos ao ambiente: indústrias que derramam mercúrio na rede de esgotos, contaminação de peixes e água dos rios, poluição do ar decorrente da amalgamação do ouro no garimpo;-

9) Limites legais de exposição no Brasil: todos os artigos mostraram a existência de valores de mercúrio bastante superiores aos das normas regulamentadoras tanto no ar, quanto na urina e no sangue dos trabalhadores;

10) Prevenção: tecnologias modernas foram mencionadas em 80% dos artigos, o uso de equipamentos de proteção tais como máscaras e luvas foram mencionados em 2 artigos, a limpeza do setor e higiene pessoal apareceram em 6 artigos, conferências, controle médico e restringir o uso de mercúrio no Brasil também foram mencionados.

SUELI TEREZINHA FERREIRA MARTINS – “CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA SOCIAL NA ORGANIZAÇÃO DOS CONSELHOS MUNICIPAIS E LOCAIS DE SAÚDE”

DEPTº DE PSICOLOGIA - UNESP - CAMPUS DE BAURU

Na última década ocorreram mudanças significativas na área da saúde pública. Com a criação em 1982 do Conselho Consultivo de Administração de Saúde Previdenciária (CONASP), estabelecem-se em 1983 as Ações Integradas de Saúde (AIS), com o objetivo de reorientar as políticas de saúde para a reorganização dos serviços. A partir de então, a descentralização do sistema, via AIS, a criação do Programa de Desenvolvimento de Sistemas Unificados e Descentralizados de Saúde (SUDS) em 1987, e em 1990 o Sistema Único de Saúde, o atual SUS, tem gerado uma gama de novas informações e necessidades. De um lado, grande parte dos profissionais que trabalham na área têm se desdobrado para assimilar essas mudanças; de outro, a população atendida e que necessita dos serviços públicos de saúde, acostumados com a centralização e com o modelo médico-assistencial privatista, encontram uma série de dificuldades para compreender como o sistema se organiza e funciona. A mudança na política de saúde implicou também em mudança na concepção do processo saúde-doença, que vai ser concebido como um processo biopsicossocial.

Com relação especificamente à população atendida, a não compreensão desse processo cria outras dificuldades. A avaliação dos serviços, a reivindicação dos direitos em relação à saúde, a qualidade da representação dos interesses da população nessa área, entre outros aspectos, ficam prejudicados, apresentando inclusive distorções nos encaminhamentos necessários, visto que utilizam-se de representações sociais do processo saúde-doença e dos serviços de saúde que não coincide com os propostos. O acesso às informações é desigual. Em geral quem detêm as informações e têm condições de visualizar o sistema de saúde de forma global são as direções (ou os chamados gestores) das instituições. O mesmo não se pode dizer da maioria dos funcionários e da população usuária. A reflexão e mobilização desses setores ocorrem motivadas fundamentalmente por necessidades cotidianas, a partir de situações vivenciadas individual ou coletivamente. Um salto qualitativo para diminuir o distanciamento entre os diferentes setores e proporcionar uma participação mais efetiva da população, de modo que ela tenha condições de debater, negociar, reivindicar seus direitos e contribuir para melhor implementação da reforma sanitária, seria possível através da síntese dos dois elementos acima citados: a) acesso às informações e, b) reflexão sobre elas, tendo como subsídio o cotidiano.

O papel exercido pelas lideranças populares nesse processo é essencial, principalmente aquelas que se constituíram em membros de órgãos representativos. A representação popular nos conselhos gestores e municipais de saúde é um exemplo disso. Os representantes de bairros e dos sindicatos de diferentes categorias, enquanto representação, podem ser considerados como agentes (neste caso particular, agentes de saúde), que enquanto mediadores podem multiplicar esse processo junto à população representada.

No sentido de contribuir para que os indivíduos sejam agentes ativos na promoção de sua saúde, assim como do grupo que representam, a psicologia, em particular a psicologia social e comunitária tem atuado desde meados da década de 70 na área da saúde, criando novos modelos metodológicos e campos de atuação, tendo focalizado para mudanças estruturais das concepções e valores da população, na busca da autonomia dos indivíduos como determinantes de seu processo. Utilizando dos conhecimentos da psicologia social e comunitária, as representações populares nos conselhos de saúde poderão encontrar subsídios para uma posterior intervenção. Uma das contribuições mais emergentes que a psicologia social poderia dar seria a de planejar programas de formação/ informação/ orientação, a fim de que essa população possa ter instrumentos de participação efetiva, além de desenvolver pesquisas que poderiam subsidiar a formação de trabalhos preventivos, dentro das perspectivas do SUS, em unidades de saúde.

SUBJETIVIDADE

SILVIA ROSA DA SILVA – “RAZÃO E CULTURA SOB O OLHAR PÓS-MODERNO - O SUJEITO PERMISSIVO OCULTO PELO ESPÍRITO DA TOLERÂNCIA”

Pensar a cultura atual na sua relação com o universo material e humano é tentar perceber na sua constituição os aspectos de dominação que perpassam no âmbito macro e micro estrutural, as necessidades e determinações da sociedade moderna. Essa relação se faz necessária enquanto um elemento fundamental na reflexão acerca do papel do indivíduo enquanto possível sujeito de transformação.

Numa sociedade em que a tendência ao aperfeiçoamento dos mecanismos de manutenção se tornam a sua própria defesa através do controle cultural, a consciência crítica é direcionada à sua não existência, o seu próprio aprisionamento - a ignorância de si mesma. Nessa perspectiva, o irracionalismo oculto pela razão formal se transforma no que existe de mais totalitário; ou seja, o conformismo político e cultural que pontua o chamado pensamento pós-moderno. A crítica adotada ao pensamento pós-moderno, aliada à sua perspectiva a-histórica, se constitui no principal fator analisado. Desse modo, Herbert Marcuse se constitui num interlocutor privilegiado. Marcuse critica a sociedade moderna apontando numa direção que adverte contra a alienação crescente. Uma alienação que, desprovida da tensão original - reflexão histórica e dialética conforta uma realidade que tende a sufocar qualquer forma de negação ao status-quo.

Por certo, podemos perceber que essa realidade não está fadada totalmente ao seu irracionalismo. De outra forma, de nada adiantaria tal advertência. Sabemos que a condição social e individual vista pela cultura pós-moderna impede o desvelamento de sua verdadeira face; a exacerbação irracional da razão na modernidade que é uma maneira de tentar reprimir ainda mais as contradições impostas pela dominação na sociedade atual. O pensamento contemporâneo não está dissociado do fio histórico que o constitui. Do mesmo modo, é esse mesmo fio que permite a coerência de sua negação. Substancialmente, essa realidade aponta para sua própria superação à medida que a reconhecemos enquanto antagonista a si mesma. Omitir a realidade não significa negá-la, mas ao contrário, dotar a consciência de sua capacidade reafirmando o véu estabelecido. Dessa forma, se faz necessário como diria Marcuse, combater a realidade através dela mesma, refletindo o universo cultural prevalecente.

NILTON JÚLIO DE FARIA – “A DESCENTRALIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: UMA LEITURA DE PAUL RICOEUR”
DOUTORANDO EM PSICOLOGIA SOCIAL – PUC/SP; PROFESSOR DA PUCAMP E UNIMEP

Paul Ricoeur na tentativa de superar a crise da noção de consciência, propõe uma hermenêutica do si partindo de duas perguntas básicas: quem e quem faz o que. A primeira delas reporta-nos à compreensão do sujeito de uma narrativa, ou melhor; o sujeito moral de imputação, enquanto que a segunda permite-nos uma análise no plano da iniciativa e da ação.

Esta hermenêutica propõe-nos uma dialética entre identidade-idem - que revelamos o indivíduo coincidente consigo mesmo - e a identidade-ipse, que por sua vez revela-nos um indivíduo genérico, em sua temporalidade. A identidade-ipse colocamos uma outra dialética que é a de si e do diverso de si (a da ipseidade e da alteridade). Estas duas metacategorias, segundo Ricoeur, que não podem ser dissociadas, permitem-nos, ao mesmo tempo, a apreensão do si e do outro.

Com esta concepção temos, então, um indivíduo que só pode ser compreendido em sua historicidade, o seu discurso e suas ações, revela-nos também ao mesmo tempo seus desejos individuais e uma ideologia no plano coletivo.

A resposta às perguntas quem e quem faz o que só poderão ser encontradas quando buscadas nesta dialética, a da ipseidade e da alteridade. Isto é, a consciência deve ser entendida como uma consciência ampliada e descentralizada marcada por dois pólos: um deles refere-se à consciência imediata (análoga à consciência freudiana) e o outro que é mais profundo, envolve a sua historicidade. Ambas exigem decifrações, no plano individual a revelação dos desejos inconscientes e no coletivo a revelação das ideologias.

Estas proposições colocam-nos a consciência como uma tarefa inescapável do homem, e é através da iniciativa e da ação que o homem se inscreve no mundo e ao fazê-lo envolve responsabilidades de natureza ética e política.

A identidade-ipse, tal como destacada acima, permite-nos portanto uma análise ética e política no processo do vir-a-ser si mesmo. Destacaremos para este trabalho uma análise da tolerância, tendo como referência a concepção de que é através de outro que o processo a que nos referimos torna-se possível.

**SUSANA INÊS MOLON - "INTERSUBJETIVIDADE E
SUBJETIVIDADE: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO PROCESSO
DE SIGNIFICAÇÃO"**

DOUTORANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL - PUC-SP

Este trabalho pretende fazer uma reflexão em torno das temáticas intersubjetividade, subjetividade e sujeito. Considerando-se que essas temáticas são emergentes no enfoque sócio-cultural e, conseqüentemente na Psicologia Social, cabe discutir a articulação dessas três dimensões e, ao mesmo tempo, salientar a especificidade de cada uma. Vale ressaltar que uma concepção de subjetividade não decorre diretamente de uma

teoria do sujeito e, além disso, que a noção de intersubjetividade não pode ser assumida ou suposta como pré-condição da relação social. No entanto, a constituição do sujeito e da subjetividade implica a intersubjetividade

Neste sentido, apresentarei uma reflexão teórica fundamentada na obra de Lev S. Vygotski, na qual a intersubjetividade é compreendida como uma instância fundamental no processo de constituição do sujeito e da subjetividade, pois ela altera as infinitas interconexões dos conteúdos da estrutura lógica da consciência.

Vygotski, concebendo a consciência como uma organização semiótica que comporta a própria consciência, pensamentos, emoções e a vontade, define que a constituição do sujeito e da subjetividade acontece pelo processo de conversão e pelo processo de significação no campo das intersubjetividades face a face e anônimas. Para ele, os significados instituídos e os sentidos instituintes são constituídos nas relações sociais e compartilhados historicamente, ou seja, os processos de conversão e significação acontecem entre sujeitos. Sujeitos em intersubjetividade pelas mediações semióticas num mundo dos sujeitos, sujeitos não individuais e nem abstratos, mas sujeitos constituídos e constituintes histórica e socialmente.

ELISABETE CHRISTOFOLETTI – “O TEMPO NO QUOTIDIANO” PSICÓLOGA; MESTRE EM EDUCAÇÃO

O estudo ora apresentado, discute a construção do tempo como elemento para a estruturação da vida cotidiana.

Apresentamos e discutimos a forma de vida; a construção, estruturação e manutenção do cotidiano dos Povos da Floresta da Região Amazônica a partir do qual podemos perceber a passividade, aceitação e a tolerância daquilo que há muito é imposto, escolhido ou criado.

Partindo da concepção de cotidiano de Agnes Heller, buscamos compreender o tempo como elemento de criação e construção, evidenciando diferenças, formas de organizar e conceber a existência.

Na Região Amazônica, as diferentes formas de conceber o tempo fica em evidência.

O relógio faz parte da vida dos migrantes, principalmente os que vieram do Sul e Sudeste. Na verdade não é o relógio o elemento novo, mas a relação que com ele é estabelecida.

A estruturação do tempo no cotidiano segue as normas e regras das necessidades que passam por um processo de transformação convertendo-se em desejos e ações e novamente necessidades, o ciclo da vida.

Na floresta o tempo caminha com a natureza, no urbano do Sul e Sudeste, a pressa e a luta contra o tempo são características marcantes, pois parece não haver tempo

suficiente para tudo que se deseja.

A capacidade de surpreender-se no cotidiano somente é permitida porque vivese outra concepção de tempo, onde as pessoas são mais importantes que as coisas.

A vida, surge com a possibilidade da reflexão permanente da própria existência.

Somente criamos o que acreditamos e o que somos. Não há criação onde não há crença e vida.

Na floresta não é com o tempo do relógio que estabelecemos nossa relação com a natureza, ou mesmo conosco. O tempo urbano de nada serve para o homem.

Para os povos da floresta o tempo tem o ritmo da natureza, porque a natureza não muda pela ação do tempo, ela permanece com seu ritmo. A partir da relação que o homem estabelece com ela é que o tempo é estabelecido, temos alguns marcos no cotidiano, por exemplo temos as datas em que deve-se vacinar os animais, os períodos de colheitas, o período de preparo da terra, o período de chuva, a partir de suas necessidades com o tempo da natureza, o homem estabelece seu cotidiano, uma relação também de assimilação.

No urbano o tempo é dominado, criado e estabelecido primeiramente pelo homem, porém, o criador é engolido pela criatura.

A corrida pelo tempo também cria o hábito do consumo, sempre precisamos de mais. Mais tempo, mais equipamentos, mais mercadorias. O tempo urbano é estabelecido e alterado pela necessidade de consumo que desenvolvemos.

Na floresta a mudança da vida dos homens ocorrem a partir das mudanças dos rios (cheia e seca), das castanheiras, da seringueira que em alguns meses produz mais, em outros menos. Este cotidiano nos impõe uma nova relação com o tempo, com o imaginário e com o próprio homem, seja no encontro de seus limites, frustrações e realizações.

Na floresta o tempo é de domínio do homem, mas na inter-relação com a natureza ele precisa sentir como este tempo pode ser preenchido. Se desejar pode alterá-la e ocupar a noite assim como faz com o dia. Quando precisa e deseja modifica a relação com o tempo que a natureza lhe oferece. Para estudar à noite inventam-se formas de conseguir luz, prolongando sua atividade. A noite em sua riqueza maior foi feita para a caça, o sono, acaba com o amanhecer e a retomada das atividades diárias.

O tempo da espera pelo alimento que os homens foram buscar, e tempo da espera para ir a cidade, para encontrar parentes, o tempo paciente que possibilita flexibilidade para a reorganização do cotidiano e sua reconstrução quando se faz necessário.

TRABALHO

BERNADETE BALTAZAR* E MÁRCIA PREZOTTI PALASSI -
“LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS E DE QUALIDADE TOTAL -
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS”**

*MESTRANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL - UFES

**MESTRANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL - UFES

Existe uma preocupação com a melhoria da qualidade de vida e participação, presente nos Programas de Qualidade Total e nas Atividades Comunitárias. Entretanto, conforme a concepção de mundo, de homem, a qualidade e a participação podem ter diferente valoração, adquirindo caráter de manutenção do status quo ou de transformação social. Este trabalho teve como objetivo verificar as diferenças e semelhanças existentes entre as lideranças comunitárias e de qualidade total, quanto à motivação para inserção nas atividades, na função, quanto à avaliação e a valoração dada ao trabalho desenvolvido. Foram entrevistadas quatro lideranças de Programas de Qualidade Total de Instituições Públicas e Privadas e quatro lideranças Comunitárias, na Grande Vitória-ES. Foi utilizado um roteiro de entrevista com 52 perguntas abertas e fechadas, cujas respostas foram submetidas à Análise de Conteúdo. As lideranças de Programas de Qualidade Total apresentaram como motivação para sua inserção nos trabalhos a afinidade com os princípios da qualidade total, aliado às condições favoráveis para implantação dos programas, tendo como meta a sobrevivência das Instituições. Vêm os Programas de Qualidade Total como a garantia da melhoria na produtividade e competitividade, de boa remuneração, estabilidade, capacitação profissional e satisfação dos funcionários e clientes, sendo seus princípios aplicáveis a qualquer setor da sociedade. Entre as lideranças de qualidade total de instituições públicas existe também uma preocupação com o resgate da imagem e do papel do poder público e do servidor público. As lideranças Comunitárias tiveram como motivação uma preocupação com a formação e participação política, de desenvolvimento da cidadania. Consideram que o trabalho comunitário contribui para o crescimento da consciência e valores éticos-políticos, abrindo canais de informação e participação, viabilizando e propondo alternativas para a solução dos problemas, contribuindo para a transformação social. Porém, existem também motivações e práticas paternalistas, assistencialistas e de uso do Movimento Popular como forma de alcançar interesses político-eleitorais. As lideranças de ambos os grupos atribuem uma valoração positiva ao trabalho, embora mencionem, como dificuldade, a pouca adesão às propostas da qualidade total e das atividades comunitárias.

JACQUELINE I. MACHADO BRIGAGÃO* E KAZUCA NAKATA DE ALBUQUERQUE** - **"OS SIGNIFICADOS COMPARTILHADOS SOBRE A ATIVIDADE PROFISSIONAL EM UM GRUPO DE PROFISSIONAIS DO SEXO FEMININO"**

*DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - USP

**CONSULTORA DO CRT/DST- AIDS

Os significados atribuídos ao trabalho sexual são construídos na intersecção entre a complexidade de rótulos, esteriótipos, preconceitos e significados sociais presentes no imaginário social e os aspectos da história subjetiva dos atores sociais envolvidos nesta questão. Este trabalho tem o objetivo de acessar os significados atribuídos ao trabalho pelas profissionais do sexo. Os significados pessoais das profissionais do sexo, sobre o trabalho orientam o sentido que elas atribuem a sua experiência diária, à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e o modo como se relacionam com o mundo social. Para acessar tais significados utilizou-se o discurso presente no diário de campo de um grupo informativo para profissionais do sexo feminino sobre DST/AIDS coordenado pelas pesquisadoras. Trata-se de um estudo qualitativo possível a partir de dados coletados no diário de campo do grupo informativo para profissionais do sexo feminino no período de agosto a dezembro de 1995. Foram escolhidas 5 reuniões uma em cada mês com o objetivo de demonstrar a dinâmica das relações grupais e a dialética dos significados sociais atribuídos ao trabalho sexual. A metodologia utilizada na coleta e análise destes dados está ancorada na perspectiva teórica da etnografia através da qual é possível acessar tanto a amplitude de representações que circulam e são produzidas no grupo quanto as relações estabelecidas no interior do mesmo. Os dados analisados sugerem que a multiplicidade de significados sociais atribuídos ao trabalho sexual estão presentes e são muitas vezes determinantes dos sentidos atribuídos pelas profissionais do sexo à si mesmas, à profissão e conseqüentemente das relações que elas estabelecem com o mundo. Antes de empreender ações educativas ou que visem mudanças comportamentais faz-se necessário discutir esses significados. Deste modo, pode-se dizer que em grupos onde os participantes são respeitados, sentem-se à vontade para concordar, discordar e confrontar as suas opiniões com o grupo é possível ampliar a visão de mundo de todos os participantes e possibilitar a assunção de novos papéis sociais.

MARIA JOSÉ TONELLI - **"O JOVEM ADMINISTRADOR"**
PROFESSORA DA EAESP/ FGV E DA PUC-SP

Trata-se de uma pesquisa feita com alunos estudantes do curso de administração

de empresas, prestes a entrar no mercado de trabalho como profissionais. Os resultados deste trabalho foram obtidos a partir de entrevistas com formandos bem como de um questionário aplicado a alunos que participaram de um seminário optativo, que tinha por objetivo justamente a reflexão sobre este período de transição escola-atividade profissional.

A idéia central neste projeto era buscar alguma relação entre um mercado de trabalho recessivo, que restringe cada vez mais as oportunidades de trabalhos satisfatórios, e a tese recorrente de que os jovens são cada vez mais individualistas, deixando de lado valores sociais. Esta "tese", tem sido classificatória de universitários de um modo geral, em especial dos alunos desta escola de administração, beirando o que se poderia chamar de preconceito.

Os resultados são apresentados em duas partes. Na primeira, com alguns trechos das entrevistas, procura -se mostrar a visão que os alunos têm de sua inserção no curso de administração, motivos de escolha do curso, conflitos e ansiedades que marcam seu ingresso no mercado de trabalho, a crise econômica e a escolha por um curso de administração, bem como seus projetos de vida. A segunda parte traz pequenos casos de experiências profissionais de quatro jovens, cada caso marcado por uma temática específica: comprometimento com a organização, ascensão profissional e o confronto entre a individualidade e a pressão da empresa, decepção com a profissão e papel social do administrador de empresa.

Percebeu-se que este período de vida, num país que passa por dificuldades na oferta de trabalho para jovens, provoca ansiedades nos alunos, estimula a competitividade, antecipa o ingresso e promove a entrada dos alunos cada vez mais jovens no mundo profissional.

PAINEL

ASPECTOS HISTÓRICOS E METODOLÓGICOS DA ATUAÇÃO PSICOSSOCIAL EM SAÚDE PÚBLICA

SUELI TEREZINHA FERREIRA MARTINS

DEPT^O DE PSICOLOGIA - UNESP - CAMPUS DE BAURU

As duas principais vertentes históricas da Psicologia Comunitária têm origens bastante diferentes. De um lado, o termo passa a ser utilizado nos Estados Unidos, quando John Kennedy, em 1963, lançou o programa "Guerra à Pobreza", criando um modelo de prevenção de doenças nos diferentes níveis de atenção: primário, secundário

e terciário. Neste caso, o termo surge da Medicina e da Psicologia Clínica, sendo posteriormente divulgado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e incorporado pela Conferência Internacional da Atenção Primária à Saúde, realizada em Alma-Ata (URSS), em 1978. Na América Latina, por sua vez, a Psicologia Comunitária tem outra origem, muito próxima das Ciências Sociais e, em particular da Psicologia Social. No Brasil, a influência da corrente latino-americana foi mais significativa na construção de uma psicologia denominada Comunitária; nesse processo, a Psicologia Social teve um papel decisivo.

A conjuntura política ditatorial, entre 1960 e 1980, em vários países latino-americanos, assim como a reprodução da Psicologia norte-americana, levou vários psicólogos sociais (Venezuela, Cuba, Chile, México, Brasil) a desencadear uma ampla revisão crítica das teorias desenvolvidas até então. O eixo principal baseou-se no estreitamento da relação entre teoria e prática; neste sentido, o contexto social passou a ser referência obrigatória para a Psicologia Social e para uma nova prática da Psicologia Comunitária.

Dentro dessa perspectiva, a Psicologia Social começou a intervir na área da saúde, a nível de educação popular e a nível institucional, principalmente na saúde pública. Neste último caso, as atividades psicossociais abrangem: planejamento de ações multidisciplinares; ações em saúde mental; acompanhamento do desenvolvimento de projetos; implantação de políticas de saúde; assessoramento de ações comunitárias; levantamento de demandas das comunidades-alvo; processos de organização de entidades de representação local ou regional de saúde. Esta corrente focaliza seu trabalho nas mudanças estruturais das crenças e valores da população, de modo que os indivíduos sintam-se mais responsáveis pelo seu destino e mais confiantes em poder mudá-lo. As categorias psicossociais como alienação, consciência, representação social, identidade, estão no centro desse enfoque. É nesse sentido que, desde 1989, desenvolve-se o projeto Psicologia Social e Saúde Pública no Município de Bauru.

Para que o resgate da autonomia ocorra, recorre-se à ação psico-educativa através da grupalização, em uma perspectiva discutida por Lane(1984) e Martin-Baró (1989). Martin-Baró propõe uma teoria psicossocial do grupo que considere os aspectos pessoais e as características grupais e, ainda, deve incluir o caráter histórico dos grupos, o que exige remeter o grupo a seu contexto social. Neste sentido, Lane alerta para os dois níveis operando no processo grupal: o da vivência subjetiva e o da realidade objetiva. O processo grupal estimula a reflexão individual e coletiva, criando condições para que seus membros se conscientizem de sua identidade psicossocial. É o espaço fundamental para a problematização do cotidiano, para o desencadeamento de novas relações, para a expressão de opiniões e sentimentos. A partir do grupo torna-se possível identificar as diferenças e as semelhanças nas experiências individuais. Portanto, não

basta trabalhar apenas a nível informacional; formação e informação, possibilitam o confronto de valores, de experiências e de sentimentos que geram a reflexão e o fortalecimento da auto-estima, a valorização do indivíduo e o impulsiona para a ação.